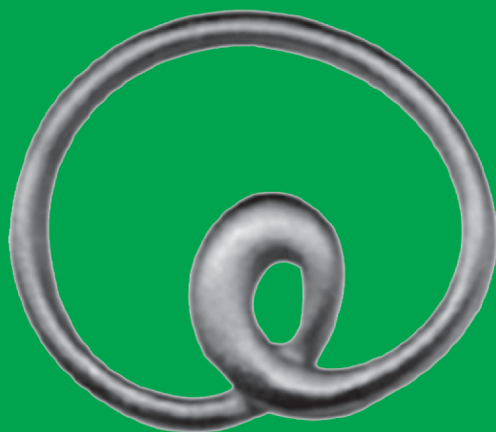


MD Magno



SóPapos

2 0 1 1

NOVamente
editora

SóPapos
2 0 1 1

MD Magno

SóPapos

2 0 1 1



NOVamente
editora

NOVamente
editora
é uma editora da
UNIVERCIDADEDEDEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2016 MD Magno

Texto preparado por
Nelma Medeiros
Patrícia Netto Alves Coelho
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Diagramação e editoração eletrônica: Wallace Thimoteo
Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M198r

Magno, M. D. (Machado Dias), 1938-
SóPapos 2011 / MD Magno. – Rio de Janeiro : Novamente,
2016.
220 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-87727-69-5

1. Psicanálise. I. Título.

CDD- 150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADEDEDEUS

Rua Sericita, 391 – Jacarepaguá
22763-260 Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 2445-3177
www.novamente.org.br

Vivemos um momento de absoluta verdade:
Sim, o mundo está bem aí, e tal como parece.

Michel Houellebecq
(*Poésies*)

TRÊS LEMAS DA METAPSIKOLOGIA

FREUD: TENHO QUE CHEGAR ONDE ESTAVA

LACAN: NÃO ABRO MÃO DO MEU TESÃO

MD: RUMO AO CAIS ABSOLUTO

MINHA DOAÇÃO

Não gosto de falar do meu *Ensino*. Me parece pedante. Prefiro dizer: minha *Doação*. É o que tenho pensado a partir do que tenho praticado. Que ofereço a quem quer que. Na suposição de que eventualmente possa servir a alguém para alguma coisa. Primeiro foram os longos anos de *Seminário*, na imitação de Lacan que, por sua vez imitava tantos outros (como Kojève, por exemplo). Depois, alguns poucos anos de *Falatório*, para melhor descarregar a minha doação do aparato acadêmico corriqueiro. Agora vêm os *SóPapos*: conversas aleatórias com companheiros agoraqui mais ou menos interessados, deixando correr os papos no aleatório, mas sem jogar conversa fora.

Alguns retoques são feitos para publicarem.

SUMÁRIO

1, 17

Psicanálise é Arte e Ciência.

2, 17

O “Caminho da matança e da guerra” como uma via de aproximação do Cais Absoluto – Guerra é embate das diferenças – Diferocracia é explicitação do respeito pela diferença em função da luta.

3, 21

Funcionalidade do Revirão é a base da teoria do conhecimento NovaMente – Lugar terceiro da psicanálise em relação a racionalismos críticos (Karl Popper) e anárquicos (Paul Feyerabend).

4, 23

Grupos de Formação como modelo permanente de reconhecimento analítico – Expedientes clínicos de instalação da Formação Analista – “Psicanálise faz análise de formação, e não de conteúdo”.

5, 26

Hipnose como dispositivo de entendimento do processo de alienação.

6, 27

As idades do Primário e do Secundário – “Povo é a infância da humanidade”.

7, 33

Modernidade é capacidade de dissolução e disponibilidade – Bipolaridade do Modernismo.

8, 35

Modernidade, modernismo e pós-moderno em sua relação com a psicanálise.

9, 38

Inserção pós-moderna do livro *Aboque/Abaque* – Nova Psicanálise: estilística pós-moderna e teoria de Quarto Império – Os Impérios são fractais, e não cíclicos.

10, 43

Diferocracia como postura e consideração psicanalíticas da organização do mundo político.

11, 45

“Política é transa entre formações no sentido da determinação do poder” – Condição genérica do poder: o que quer que permita fazer qualquer coisa – Desde o lugar do Real, cada pessoa é única e qualquer pessoa é a mesma.

12, 48

Relações entre a psicanálise e o pensamento Zen. Pessoa, gente, agente e agente. Não há *não* sem *sim*.

13, 51

Diferocracia se apoia no valor da Identidade das pessoas no nível do Real – Real como estância produtora de diferença.

14, 54

Questões sobre Diferocracia e *Orbanismo*.

15, 57

Relações entre cosmologia contemporânea e o axioma psicanalítico “Haver desejo de não-Haver” – Estatuto místico da psicanálise decorre do axioma.

16, 59

Como prática exercida, psicanálise é um processo de cura – Ética em psicanálise resulta de seu estatuto místico.

17, 61

Diferocracia como política resultante da ética psicanalítica – “Diferocracia é reconhecimento da Identidade das Pessoas no Vínculo Absoluto e consequente afirmação das diferenças geradas por essa Identidade”.

18, 65

Diferocracia é posição política do analista – Uma diferença é verdadeira, lícita e legítima em sua havência, essência e existência – Questões sobre sociedade e estado em face da Diferocracia.

19, 72

Considerações sobre contenção e prevenção – Função da psicanálise é instalar formações capazes de com-siderar outras.

20, 75

Posição socialista e liberal como exemplares do processo de conflito político contemporâneo.

21, 78

Metanoia e paranoia como ferramentas de leitura das configurações políticas – Entendimento analítico da ideia de *partido* – Juízo forclusivo como base

da política – Instituição psicanalítica como lugar de exercício dessa política – Lucro e capitalismo segundo a psicanálise.

22, 86

Esclarecimentos sobre as noções de Ego, sujeito, ego-ista e ego-cêntrico e sua relação com o conceito de narcisismo.

23, 91

Em sua fundação, a psicanálise não tem vontade paradigmática de constituição ideológica ou filosófica – Produção teórica em psicanálise: postura desconfigurada e rigor instrumental.

24, 94

Comentários sobre práticas e procedimentos clínicos que contribuíram para o campo psicanalítico – Ordem transferencial de sustentação teórica ou institucional.

25, 100

Mitologia, religião e filosofia como “teorias da segurança” – “Cura não é encontrar um sentido para a vida, mas libertar-se dele”.

26, 103

Considerações sobre o ressentimento.

27, 107

Aproximações entre a tese da bifididade do Inconsciente e a funcionalidade do cérebro em q-bits – Mundo macro é função de quebra de simetria – Sobrevida do Primário força recalçamento e estupidez.

28, 110

Ausência de raciocínios de totalização na Nova Psicanálise.

29, 112

Psicanálise não envolve interpretação – Tendência permanente de psicologização – Exercícios de indiferenciação e o *lugar* do analista como disponibilidade permanente.

30, 115

Século XX: do interesse pela mitologia à crítica radical da mitologização – Crítica de Deleuze e Guattari à normatividade do estruturalismo – Sintoma acadêmico brasileiro do ressentimento.

31, 120

Nuances na distinção entre Morfose Regressiva e Morfose Progressiva – Fundação regressiva das religiões, modelo progressivo perversista das igrejas e simulação estacionária do regressivo na crença.

32, 126

Crítica à concepção substantiva do poder (*top-down*) – Proposição do poder como verbo (*bottom-up*) – Teoria das Formações permite uma Teoria Geral do Poder – Definição genérica de poder: “capacidade que tem uma formação de sobrepujar outra(s) em algum tipo de transa” – Indiferenciação e equi-potencialidade dos poderes das formações – Correlação da teoria do poder com a teoria do conhecimento.

33, 135

Psicanálise do poder – Entendimento da composição e das resultantes dos

poderes segundo a Teoria das Formações – Base transferencial do poder – Para a psicanálise, suspensão da alienação depende de suspeição e suspensão da crença – “Crítico a crença é analisar a transferência” – Dissociação entre conhecimento e crença – Diferença entre psicanálise e filosofia negativa: psicanálise funciona em Revirão.

34, 144

Psicanálise é a efetiva analítica do poder – Entrada no novo século, tratamento dos poderes e engajamento indiferenciante.

35, 147

Juízo Foraclusivo é recurso à inteligência – Formação de razão = formação de valor = formação sintomática.

36, 149

Fundações mórnicas e estados de crença – Cultura é constituída de fundações sintomáticas.

37, 151

Lançamento do livro *Teoria-rebelião: Um Ultimato* – Posição da Nova Psicanálise: “Bater de frente com as ideologias, promover a invenção teórica, propulsão do pensamento teórico”.

38, 151

Consideração dos modelos teóricos de Freud e de Lacan – Concepção de *rede* (WEB) é o novo modelo do Inconsciente,

39, 157

Dinâmica entre entropia e neguentropia no processo de cura – Nova Psicaná-

lise: transformação do método recalcante em Juízo Foraclusivo – Toda forma de fundamentalismo envolve HiperRecalque.

40, 162

Anacronismo das instituições lacanianas de psicanálise.

41, 164

Para a psicanálise, transmissão é fazer série – Modelo de transmissão da Nova Psicanálise: análise pessoal, polo de estudo, polo de formação e oficina clínica – Transmissão é reprodução em nível secundário – Repulsão e sonegação como entraves à transmissão.

42, 168

Limitação da análise de Michel Foucault sobre formações como “formações discursivas” – Vocação desfigurante e abrangente da Teoria das Formações.

43, 171

Análise é consideração plena das formações que constituem uma situação de poder.

44, 174

Perversão = totalitarismo – Práticas sexuais não são perversões, mas diversões.

45, 176

Ana-lysis é pulverização e desvalorização das formações – Regime do Ser/Mundo é conjetural e conjuntural – Exemplos de HiperRecalque no Mundo.

46, 179

Discussão das possibilidades da transmissão a partir dos *Sermões* de Antônio Vieira – Imposição e positivação da cultura ibérica portuguesa em Antônio Vieira – Análise e produção de presença diante dos sintomas de colonizado.

47, 187

Dissociação entre perversão e sexualidade – Sexualidade é diversa, e não perversa – Definição de perversão: vontade de totalização – Perversão é coextensiva a todas as Morfozes – HiperRecalque e perversão na Morfoze Regressiva – Fundações mórficas e perversão na Morfoze Progressiva.

48, 191

Mimese do Primário pelo Secundário – Arquétipo é reprodução sintomática – Teorizações sobre Quebra de Simetria em psicanálise (Édipo, Nome do pai, Creodo antrópico) – Sintoma de colonizado e falta de postura institucional.

49, 196

Grupos de Formação como crítica à noção lacaniana de *mais um*.

50, 197

Regime da escolha (Juízo Foraclusivo) e do recalque nas Morfozes Estacionárias.

51, 205

Cura, limitações sintomáticas e narcisismo.

52, 207

Presença de formações primárias não analisáveis no autismo.

Sobre o Autor, 211
Ensino de MD Magno, 213

DATAS

Os números abaixo correspondem às seções e datas dos SóPapos realizados
na *UniverCidadeDeDeus*, sede da NovaMente:

Seções **1**: 14 janeiro – **2 e 3**: 17 janeiro – **4 e 5**: 22 janeiro – **6 e 7**: 12 fevereiro – **8 e 9**: 19 fevereiro – **10 a 14**: 12 março – **15 a 18**: 26 março – **19**: 09 abril – **20 e 21**: 16 abril – **22 a 24**: 28 maio – **25 e 26**: 11 junho – **27 e 28**: 02 julho – **29 a 31**: 30 julho – **32**: 13 agosto – **33**: 27 agosto – **34 a 36**: 03 setembro – **37**: 24 setembro – **38**: 01 outubro – **39**: 15 outubro – **40 a 42**: 22 outubro – **43**: 29 outubro – **44 e 45**: 05 novembro – **46 e 47**: 12 novembro – **48**: 26 novembro – **49 e 50**: 10 dezembro – **51 e 52**: 17 dezembro.

1

CIÊNCIA, para a Gnômica, é uma Formação interessada na *descrição*, com aproximação crescente, da *composição* e do *funcionamento* de uma outra Formação. O que se faz com vistas na possibilidade de sua reprodução (desta Formação), bem como das possíveis intervenções nela – e na vontade de *criação* de novas Formações.

Quanto mais próxima dessa qualificação (e alguma modalidade de quantificação) mais científica a atividade de conhecimento.

Daí que a NovaMente considera a Psicanálise (enquanto Arte que é, como qualquer produção de qualquer IdioFormação) também como uma Ciência – **só restando, como em qualquer outro caso, situar, cada vez mais precisamente, seu grau de cientificidade a cada operação.**

2

• P – Em 1996, no Seminário “Psychopathia Sexualis” (Santa Maria: UFSM editora, 2000, pág. 15), você disse que havia quatro vias régias de aproximação do Cais Absoluto:

- O caminho (mais ou menos conhecido até agora como o) do **Misticismo**. Chamemos de **erotismo do espírito**;
- O caminho (até agora mais conhecido como o) do

Erotismo propriamente dito assim. Ou o chamemos de **mística do sexo corporal**;

– O caminho da **Matança** e da **Guerra**. Chamemos, sem nenhum cinismo, de **eroto-misticismo da impartição da morte**;

– O caminho da **Arte**, no sentido genérico. Chamemos de **eroto-místico-morticínio da criação do conhecimento**.

Quanto ao terceiro caminho, o do eroto-misticismo da impartição da morte, como não o vi desenvolvido em sua obra, estou com dificuldade de entender como a matança e a guerra seriam caminho de experiência de Cais Absoluto.

Qual é o empuxo fundamental da matança e da guerra? Desejo de não-Haver, pulsão de morte em estado quase puro. É uma maneira, digamos, violenta de a humanidade querer se aproximar dele. Por isso, é tão fascinante: guerra, morte... É impartição, no sentido do espanhol ou do francês: distribuição.

• P – *Como combinar isto com a distribuição da diferença. A morte não destruiria a diferença?*

Mas a Morte não há. Ela exacerba a Diferença. Não existe assassinio na guerra. Não se faz guerra para matar, e sim para *lutar* por algo até a morte. Assassinar, condenar à morte, é diferente da guerra. Um exército decente pressiona o outro exército. Se este ceder, não ocorrerá morte. Faz-se, pois, guerra não para matar, e sim para vencer. Com “impartição” quero dizer vontade de chegar ao limite até a morte. Em Hegel, é a luta de prestígio até a morte. Os animais não lutam até a morte, mas até o limite daquele que irá mandar no outro. Não é que a humanidade lute para matar, e sim que ela não sabe esse limite, ele não está etologicamente marcado nela. Aí, ela vai, vai...

• P – *Em 2001 (Revirão 2000/2001. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003), na seção Politeia: E a Guerra Se Viu, você, dialogando com Carl Schmitt, fala da “guerra como limite de toda e qualquer polêmica”. Você também diz que toda ordem política, constitutivamente, é pólemos, e que “a ordem política não pode ser tomada senão como uma realidade parcial que emerge de*

uma situação concreta e tem no conflito a sua condição de instauração” (pág. 411). *Adiante, você diz que “o Político para a psicanálise é antes de mais nada o reconhecimento da política das formações primárias e secundárias e a referência à formação Originária” (pág. 413) e que “pelo simples fato de não-Haver não comparecer, tudo explode em diferenças. Diferença é guerra” (pág. 414)... Como, então, combinam, convivem, a matança e a guerra com a experiência. As duas primeiras implicam a eliminação da diferença...*

Luta de diferença não elimina nada. Não se pode confundir a guerra com seus efeitos. O efeito da guerra jamais matou a diferença. Quando digo – e não devo dizer, é feio – que não houve holocausto judeu, posso dizê-lo, pois holo-causto é *queima total*. Eles não estão aí? Por que a guerra tem limites? Por que há tribunal de guerra? Ela não é assassinio, assassinato. Se for, deixa de ser guerra. Extermínio não é guerra, e sim violência de excesso de poder. Tira-se toda possibilidade de o outro lutar comigo. É igual no direito comum, quando se fala em crime com agravante, pois a vítima não teve a menor condição de se defender. A guerra *de fato* é cafajuste, mas a guerra *de direito* não o é. A matança no sentido da luta é normal, não é assassinato, e mesmo o empuxo assassino, a vontade de assassinato, também é uma manifestação disso. Pode ser moralmente errada, mas é manifestação da Alei.

• P – *Para você, o Inconsciente é pólemos?*

Sim.

• P – *Em última instância, o Inconsciente, como a religião, seria da ordem do HiperRecalque, que é sem conteúdo? Haveria algo da guerra que, nesse sentido, seria estrutural?*

A guerra é o embate das diferenças. Pode-se fazer guerra sem matar ninguém. Dois países podem estar em estado de guerra – guerra fria, por exemplo – só com pressões. A matança quer dizer que o limite é matar dentro da guerra, e isto não é assassinato. Se minha luta eventualmente resultar na morte do outro, não será assassinato, pois ele teve direito de lutar comigo. Isto é direito comum.

• P – *Não é o que acontece na prática.*

A prática é regulada por ditames morais, legais, éticos, etc. Por que Saddam Hussein foi enforcado? Por ter eliminado os curdos. Concorde que tenha sido um ato arbitrário, mas, do ponto de vista dos juizes, para tirarem da reta e venderem seu peixe, não foi porque ele fez guerra, e sim porque assassinou os curdos sem chance de defesa por parte deles. A guerra dá chance de luta, e não a elimina. Pode-se perder hoje, reforçar-se e voltar a lutar amanhã...

• P – *Você concordaria que vivemos atualmente um momento em que a distância entre a guerra legal e a de direito tem diminuído?*

Isto é histórico, nada tem a ver com o fato de *ser* assim.

• P – *Não seria uma característica do Quarto Império?*

Não mesmo. O Quarto Império não tem características. O que você diz tem acontecido ultimamente pela falta de contenções, de fundamentos, de se terem perdido as estribeiras, mas isto não define, apenas descreve. Os limites se apagaram e o pessoal não sabe onde parar, e aí fica a discussão sobre parar mais aqui ou acolá, mas o conceito continua o mesmo.

• P – *Mas Hiroshima e Nagasaki?*

A justificativa, pelos cálculos que fizeram, foi de que a única maneira de conter a guerra seria fazer o que fizeram. Sem isto, o prejuízo, o número de perdas, seria muito superior. Mesmo supondo que seja tudo mentira, ainda assim há uma justificativa argumentável.

• P – *A questão, de início, dizia respeito à matança como via régia de aproximação do Cais Absoluto. Parece incompatível com as bases da Diferocracia, com não eliminar a diferença.*

Vocês estão querendo ser coerentes à moda antiga.

• P – *Queremos relacionar com o que acontece atualmente.*

O que acontece hoje é o mesmo que aconteceu com Gengis Khan ou qualquer outro. Só que, hoje, a discussão é mais elástica porque as fronteiras, os limites, estão borrados. É assim, se ninguém estiver olhando, se não houver contenção pelo olhar, qualquer um trucida, mata. O desejo, nessa hora,

é de matar. Gosto dos filmes do Charles Bronson, por exemplo, porque há um personagem revoltado com a não intervenção de alguma ordem para barrar – e ele vai e barra...

Mas como pensar isso tudo que acabei de dizer? É proibido matar, mas se mata. Não se pode matar porque se elimina a diferença e acabou a luta. Na matança, está-se tendo efeitos de morte dentro da guerra. Como disse, não se faz a guerra para matar, e sim para vencer – e alguns morrem. A luta é de forças. A Diferocracia é a explicitação do respeito pela diferença em função da luta. E mais, sem direito à eliminação, mesmo que morra. A ideia tem direito de permanecer. Paremos de fingir, pois vivemos em guerra. Não estamos lutando para implantar uma ideia?

3

É preciso ter claro que **a base do pensamento da NovaMente sobre o conhecimento é a funcionalidade do Revirão**. Um exemplo típico disto é não precisarmos de disputa alguma entre racionalismo e irracionalismo. O ponto de vista do racionalismo mais recente, o de Karl Popper, é no sentido de que posso ter fê, apostar, em que as soluções racionais são mais eficazes. Tenho, portanto, fê, invisto, aposto, na razão. Isto porque tenho fê e tento convencer as pessoas – mas não há razão alguma para eu ter essa fé. É uma escolha por lógica, achando que a lógica é capaz de dar melhor conta. Aí vem Paul Feyrabend e diz que isso não adianta, que não tem onde e como segurar. Eu acho os dois “bundões” – entre aspas, pois são bons – porque a NovaMente diz que esta raça, esta espécie – o nome que se queira dar –, de IdioFormações, de Pessoas, não tem noção da franja nem no Primário, nem no Secundário, e faz

recortes que, na melhor das hipóteses, são arbitrários, mesmo sendo lógicos, racionais. Ela não sabe, está sempre agindo no escuro. Entretanto, clareia um pouco, como diz Popper, aplicar racionalidades. Então, que se prefira clarear um pouco, é uma escolha. A NovaMente pensa que há momentos em que você precisa fazer grande esforço de racionalidade, mas há momentos em que você não tem que fazer esforço algum de racionalidade. Diante de certas situações, certos contextos, não se vai pensar nada, vai-se dar porrada, pois aquilo veio do Primário. O Primário pensa sozinho.

• P – *Assim, não fica difícil distinguir qual é o momento de um e o de outro?*

Vai-se na possibilidade de distinção do momento. Não tem saída. Mede-se na hora, e saímos na porrada, ou então pedimos calma. A humanidade é isso. É como fazer análise, numa sessão “chuta-se a bunda” do analisando, noutra acha-se uma gracinha...

• P – *Mas como passar isto enquanto metodologia de atendimento?*

A metodologia é frouxa. É preciso pensar em termos de Revirão o tempo todo: nem para um lado, nem para outro. Aliás, nem precisa ser NovaMente, pois muitos pensadores antes já sabiam disto. Então, passar é *retirar*. As pessoas têm coisas, saberes, atitudes, demais, há que tirar, deixar sem chão. Trata-se de esvaziar o mais possível, tornar disponível. Lacan, uma vez, de repente, esbofeteou um analisando. Este lhe devolveu o bofete e assim ficaram até a secretária de Lacan, a Gloria, gritar com os dois. Vejam que o negócio é vivo, e o que tem que acabar é justamente a pretensão de saber, de acerto.

• P – *Muitas vezes, fala-se que a metodologia da psicanálise é “empurrar para a indiferenciação”, mas isto pode ser apenas uma frase.*

A maneira mais eficaz de empurrar para a indiferenciação é você indiferenciar e deixar que o outro se vire. A questão é a postura do analista. Se eu indiferencio, o outro escorrega.

Há autores que, por mais caretas que sejam, se forem honestos – o que quer que isto queira dizer – como Popper, ao observá-los com cuidado, vemos

que jamais disseram certas bobagens que as pessoas lhes atribuem. E mais, qual ciência não é conjectural? É tudo conjectura, ficção, aposta, tentativa de organizar o pensamento, de saber onde é e onde não é o limite... Minha crítica está em que, por mais aberto que seja, Popper aposta só de um lado. Feyera-bend aposta em outro. Quanto a mim, aposto nos dois, pois há condições para ambos. Isto porque tenho o Revirão que eles não têm e sei que, como não há preceito ético (que é diferente de moral, pois é etologia, modo de funcionamento) algum já dado para esta espécie, há que inventar comportamentos (que não são juízos). Fico impressionado com a história da epistemologia, da filosofia, do Ocidente, pois, de minha posição, coloco Popper ao lado de Feyera-bend e pergunto se não dá para dar uma transadinha.

4

Este ano, quero iniciar uma fase mais voltada para a prática. Os **Grupos de Formação** – um de nossos quatro dispositivos de Formação, os demais sendo: Análise pessoal, Oficina Clínica e Estudo –, cujas atividades começaram em 2002, são muito importantes. Retomaremos a reflexão sobre seu funcionamento e sobre a experiência já havida. Em minha concepção, eles substituem os modelos de reconhecimento anteriores, de Freud, Lacan e outros. Ou seja, baseados no troca-troca que neles acontece, com críticas e reflexões, os Grupos de Formação devem constituir um **modelo de reconhecimento analítico**: reconhecer que as pessoas tiveram progresso analítico, que podem excitar outras analiticamente. Não é de julgamento que se trata, e sim de produzir algum consenso de reconhecimento de análise, o qual vai sendo acrescentado. Acho uma maneira mais leve, mais solta, pois todos podem

construir, se defender, atacar, falar... Os Grupos de Formação são, portanto, importantíssimos para a Formação do Analista. Trabalharemos, então, juntos, a crítica do que neles acontece, de seu funcionamento, para que seja o modelo do reconhecimento de análise, o modelo de “produção” de analistas.

E mais, é um modelo de reconhecimento permanente. Ninguém estará reconhecido para sempre, deverá permanentemente pedir reconhecimento entre pares. É uma formação inconclusiva, mesmo porque se alguém supõe ter chegado ao fim da Análise Propedêutica, ou se outros supõem que ele chegou, isto não importa, pois a Propedêutica não é tudo. Estamos sempre em Formação, sempre pedindo reconhecimento aos pares. A análise é, de novo, infinita. A de Lacan era finita. Isto é consentâneo com todo o pacote teórico e clínico da Nova Psicanálise. Trata-se, pois, de iniciar uma pragmática mais intensa, que pode se revelar nos quatro dispositivos de Formação.

A pessoa está em formação de **Analista**, seja de que tipo for. Isto significa que ela irá incluir uma formação, uma função, que se chama **Analista**. Pode-se, então, supor que consta do patrimônio, dos arquivos, da pessoa a **Formação Analista** e que ela poderá exercer onde e como quiser. A pergunta é: como se dá a composição dessa formação para uma pessoa? Existem, segundo nosso aparelho: conhecimento geral; análise com a qual a pessoa fica cada vez mais próxima do lugar do analista; Oficina Clínica, onde ela se depara com questões clínicas, sintomas (em última instância, todos os casos são clínicos); e os Grupos de Formação, onde as pessoas se encontram com frequência, falam pelos cotovelos e há momentos de reconhecer que a pessoa vivencia a análise. É possível, sim, fazer um *consenso* sobre o crescimento analítico de alguém. São estes os expedientes que tenho proposto para que a composição de formações chamadas Formação Analista venha a se instalar. O reconhecimento se dá em toda essa refrega, sobretudo nos Grupos de Formação, onde as pessoas, mesmo não querendo, acabam falando as coisas, acabam soltando a franga. Se deixarmos rolar o roça-roça, o sigilo se quebra sozinho.

Sou contra privilegiar qualquer manifestação pró-análise. Tudo que dizem quanto a tal coisa ou tal comportamento ser ou não analítico de nada adianta, pois o Inconsciente se manifesta a cada passo sempre, sem hierar-

quia, momento ou maneira. Se você escutar, ele estará falando em qualquer situação. Depende da escuta de cada um, da atenção, da recepção. Aliás, o que mais há a falar senão Isso? Logo, é Isso que se manifesta. Não importa tanto se a pessoa não traga, esconda ou mesmo se recuse a trazer tal ou qual assunto. Não se trata de confessionalário, pois ela dirá... tudo. Estamos vendo tudo, inclusive que ela está mentindo. A psicanálise não é confessionalário, e não cabe se preocupar se a pessoa não falar certas coisas. Ela é que pensa que não fala...

As formações sintomáticas se expõem, não interessam seus conteúdos. Se a pessoa quiser falar qualquer coisa fundamental de sua vida, isto pode ajudá-la quanto àquele assunto. É melhor botar tudo ali na reta, mas não é condição *sine qua non* da análise e não há menos análise porque a pessoa não fala disso ou daquilo. Se não, como disse, vira confessionalário. A condição *sine qua non* que Freud inventou é a de deixar correr solto: se surgiu, diz, pois pode ter correlação imediata com o que está sendo tratado. É a *regra de associação livre*. **A psicanálise faz análise de formação, e não de conteúdo.**

• P – *A ideia de reconhecimento permanente é importante porque o tendencial, em nossas ações cotidianas, é a perspectiva analítica cair em esquecimento. No diálogo entre pares, fica evidente quando esse esquecimento está em operação em qualquer um.*

E isto precisa ser apontado, pois é eficácia técnica e é respeitoso quanto ao que efetivamente acontece a qualquer um. Não há tendência a levantar voo, a gravidade sempre vence. Pelo menos aqui neste planeta é assim. É preciso que todos entendam a necessidade individual de frequentar os dispositivos de Formação, pois, lá fora, estão cercados. Aqui há chance. É importante também teorizar sobre o reconhecimento permanente da análise e sobre o reconhecimento do conhecimento que há que ser feito entre pares. Todo esse processo sem hierarquias, mas sempre em agonística, no movimento, na transa. Com isso, estaremos instalando o século XXI, e o Quarto Império.

A escola de Lacan não poderia dar certo além de 1980. Lacanianos daqui copiam aquilo até hoje, mas seu modelo de reconhecimento, com passe,

com uma hierarquia, é algo grotesco, com francas tendências à burocracia, a virar igreja, com problemas até de suicídio, e sem sentido hoje. Ouvi dizer que o único passe que lá houve foi o de Alain Didier-Weill, e porque Lacan mandou que houvesse. Já na escola de Freud era a futrica política que sabemos.

5

Já tratei bastante do tema da **hipnose** que está sendo mencionado por vocês. Tenho ligação antiga com esse tema. Meu irmão, que era médico e morreu cedo, fez a hipnose da terceira apendicectomia mundial que a utilizou como anestesia. Sempre me interessei pelo assunto. Acho-a um pouco chata, pois, para algumas pessoas, demora muito estabelecer o vínculo. Karl Weissmann, nos anos 1980, veio conversar conosco. Ele era alguém que, nos anos 1950, fazia grandes espetáculos de hipnose na cinelândia, no Rio de Janeiro, aos quais eu ia assistir com meu irmão. Ele fazia testes de massa em que cinquenta por cento da plateia entrava em hipnose, como, aliás, fez conosco no Colégio Freudiano. Em qualquer hipnose, temos no máximo cinquenta por cento de entrega, a pessoa está sabendo de tudo que acontece, mas não consegue ou prefere não desobedecer.

A hipnose é interessante pelo fato de nos fazer entender o processo básico de **alienação** de qualquer pessoa. Em alguns casos, a pessoa é tão alienável que é pega sem querer. Não é por menos que vivemos imersos em hipnose. A criança nasce e é hipnotizada por mãe, pai, passa a acreditar na cultura, etc. Precisamos entender que a maior parte de nossa vida é pura alienação. Se não perguntarmos o porquê disso o tempo todo, permaneceremos chafurdados na alienação. Por exemplo, deem uma razão para estarmos aqui

sentados em cadeiras diante de mesas. O corpo já se acostumou e a alienação é o normal. Todas as funções são alienadas. É igual à fantasia: as pessoas escolhem modelos alienatórios e se entregam. Isto para não serem si-mesmas. A fantasia é tão forte, tão permanente e constante, que se vive alienado a ela. O difícil dela é que, sem um mínimo de distinção em relação a ela, ela nos pega hipnoticamente. É condição de sobrevivência do bicho: todas as nossas patologias são tentativas de sobrevivência. Ela funciona como se fosse o axioma do tesão da pessoa. É um eixo permanente em torno do qual giramos com o pé preso. Foi onde Marx e sua patota quebraram a cara. Os certos são Etienne de la Boétie, Espinosa, etc., que se perguntaram por que acontece essa alienação. As pessoas – isto é, nós – fazem todo o possível para não ter autonomia, separação.

A espécie humana é masturbatória vinte e quatro horas por dia. Se parar de se masturbar, não suporta o tédio. Por isso, é preciso criar canais diversificados de masturbação. Por exemplo, falar de psicanálise, fazer Falatório... Bicho não tem tédio, não é masturbatório, tem cio localizado com deslanchadores etológicos precisos. Nós não temos isto. Temos tédio por não ter cio, pensamos e fazemos sacanagem o dia inteiro. O deslocamento da sexualidade na espécie fez isto. Uma das coisas mais corrosivas para nós é cair no tédio.

6

Indico abaixo alguns textos para tomarem como referência:

ANDERSON, Perry. [1998] *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOBBIO, Norberto. [1985] *Estado, Governo, Sociedade: Para uma Teoria*

- Geral da Política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2010.
- CABRERA, Julio. *A Ética e Suas Negações*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CANFORA, Luciano. [2002] *Crítica da Retórica Democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: Biografia Cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- _____. [1995] *O Império do Sentido*. São Paulo: Edusc, 2003.
- CHENG, François. [1979] *Vide et Plein: Le Langage Pictural Chinois*. Paris: Seuil, 1979.
- _____. *L'Écriture Poétique Chinoise*. Paris: Seuil, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza: Philosophie Pratique*. Paris: Minuit, 1981.
- EMERSON, Ralph Waldo. [1841] *Self-Reliance*.
- GRAY, John. [2009] *A Anatomia de John Gray*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HAWKING, Stephen. MLODINOW, Leonard. *O Grande Projeto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (seria melhor traduzido por *O Grande Desenho: The Grand Design*)
- JUDT, Tony. *O Mal Ronda a Terra: um tratado sobre as insatisfações do presente*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2011.
- JULLIEN, François. *Les Transformations Silencieuses*. Paris: Grasset, 2009.
- KHANNA, Parag. *Como Governar o Mundo: os caminhos para o novo renascimento*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2011.
- KUMAR, Krishan. [1996] *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- MAGALHÃES, Fernando. *10 Lições sobre Marx*. Petrópolis, Vozes, 2009.
- MATTOSO, Glauco. *Tripé do Tripúdio*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- NARLOCH, Leandro. TEIXEIRA, Duda. *Guia Politicamente Incorreto da*

América Latina. São Paulo: Leya, 2011.

NICOLELIS, Miguel. *Muito Além do Nosso Eu*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2011.

NOZICK, Robert. [1974] *Anarquia, Estado e Utopia*. Lisboa: Ed.70, 2009.

RENAUT, Alain (dir.). *Histoire de la Philosophie Politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1999. 5 volumes (especialmente vols. 4 e 5)

_____. [1995] *O Indivíduo: reflexões acerca da filosofia do sujeito*. São Paulo: Difel, 1998.

STIRNER, Max. [1844] *O Único e a sua Propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIEIRA, Antônio. [1655] *Sermão da Sexagésima*.

VILA-MATAS, Enrique. [1985] *História Abreviada da Literatura Portátil*. São Paulo, Cosacnaify, 2011.

WHITMAN, Walt. *As Folhas de Relva*.

Não tratarei deles, mas é preciso nos informar sobre os acontecimentos na ordem do político, do social, para termos base de conversa sobre a **Diferocracia**, que é um tema nunca antes desenvolvido direito aqui. Quero, então, colocar algumas posições que podem dar esteio ao que será apresentado.

Observem que, este ano, fiz 73 anos, é muita velhice...

• P – *Você está muito bem...*

Não estou. É evidente. Olhamos para a pessoa e vemos que se trata de um velho, e cheio de achaques. Alguns fazem o comentário: “Você tem o espírito de jovem”. Não tenho! Jovem é imbecil. Sou muito mais velho do que a idade do Primário. Tenho milhões de anos de idade. Não gosto dessa exaltação da juventude. Trata-se de uma bobagem.

O Primário começa, muito jovem, completamente inadimplente, incompetente, imbecil, dependente, tudo da pior espécie. A única graça é que quando é novinho é engraçadinho. E como todos são pedófilos, porque

apaixonados pela fofura dos filhotes e dos adolescentes, exalta-se a juventude como se fosse algo. A única coisa que os jovens têm, é carne, mais nada. Tratemos de aprender isto de uma vez por todas. O Secundário caminha na direção oposta do Primário, já começa muito velho. É o contrário do que se diz: se você tem chance de entrar no Secundário, você adquire antiguidade. Os jovens, no sentido primário, são uma fofura imbecil. Se você consegue ficar mais velho com farta entrada no Secundário, fica muito, muito mais velho. A dificuldade é que a grande maioria das pessoas só fica velha no Primário. Aí fica aquele Primário velho junto com uma criança, um adolescente idiota lá dentro.

A psicanálise serve para eliminar as crianças, para eliminar a infantilidade, para ficarmos velhos mais depressa e seguir o conselho de Nelson Rodrigues aos jovens: “Envelheçam depressa”. Mesmo porque se conseguimos sobreviver mais longevamente, foi porque o Secundário está bastante antigo a ponto de poder criar tecnologia para não morrermos logo. O Secundário acumulou bastante experiência de modo que está até salvando o Primário para ver se ele dura mais tempo. Aliás, não sei se vale a pena, pois durar como uma criança idiota não vale. Se viver mais tempo para ficar cada vez mais velho, aí vale. A primeira pessoa a dizer isto claramente foi Francis Bacon, o inventor da ideia de método na ciência, o pai da noção de experiência no trabalho científico, o padrinho do empirismo. No século XVII, avisou que não se podia ficar dando ouvidos àqueles pensadores de antes, que eram umas crianças idiotas. Platão é uma criança, nós é que somos os antigos. É preciso entender que o vetor é do Secundário para o Primário. Certos filósofos, se não sua maioria, ficam procurando lá atrás. Nada há a procurar lá. Aqueles que, lá, foram geniais são os que conseguiram ser antigos, ir um pouco mais adiante e produzir revirões. É isso que, talvez, encante certos filósofos a ficarem lá atrás procurando o antigo, o Ser, como Heidegger, por exemplo, que tem uma vocação meio reacionária. O ser está lá na frente: produza-o! O que há lá atrás é a produção infantil que conseguiram. Basta ver a implicância de Heidegger com a técnica, como se a tecnologia não pensasse. A tecnologia pensa, sim. **A tecnologia é pensamento concretizado.** Se ele tivesse a tecnologia que

temos, aliás, teria durado mais. Tomamos esses sintomas infantis da história do saber humano, ficamos repetindo e achando que essas pessoas foram grandes pensadores. Até foram, mas *lá* naquela época.

Hannah Arendt diz coisas engraçadas como “Platão ficou tão chocado com a condenação de Sócrates que resolveu fazer a bobagem de pensar que os filósofos podiam ser governantes”. Os filósofos jamais serão governantes, pois o povo os destrói. Quem mandou Sócrates se meter com aquela gente? Não via que era um bando de neo-animais. O povo é a infância da humanidade, a infância da gente. Eles são infantis, se não tiverem futebol, música popular, etc., ficam sem graça, não sabem o que fazer da vida... Assim como os cristãos ficaram chocadíssimos com a condenação de Jesus e querem passar a limpo essa injustiça. Basta ler as coisas que ele supostamente teria dito. Tudo de bobagens, incoerências e infantilidades. Uma vez ou outra, tem o talento de imaginar e tentar instalar a ideia de Terceiro Império. Se é que ele existiu e disse aquilo, é genial. Mas o resto, de cambulhada, é Segundo Império da pior espécie. Ele tem pai no céu. Leiam o Velho Testamento, é muito instrutivo: um monte de infantilidades – com o talento do momento inventando e constituindo as forças de Segundo Império. Uma das razões de Espinosa tomar muita porrada daquela gente foi dizer que Adão era uma crença idiota. Disseram para ele não comer aquilo porque matava, envenenava. É igual a dizer “não coloca a mão no fogo que queima”. Como o ignorante é sempre paranoico, ao invés de pensar que, se o estão avisando que é venenoso é porque pode morrer, acha que o estão meramente “proibindo”. É assim que nasceu o cruzamento do impossível (modal) com o interditado. Nasceu nessa confusão paranoide que tem sede na emergência do cruzamento do impossível modal com a proibição. Se se diz a alguém primitivo para não atravessar a rua sem olhar, pois o carro pode atropelá-lo, ele acha que o outro o está proibindo, tirando sua liberdade.

• P – *O Tratado teológico-político, de Espinosa, publicado anonimamente em 1670, é um trabalho de mostrar as besteiras que há na Bíblia, desde tradução, modos, frases, o sentido da palavra Espírito...*

O Espírito é simplesmente **Oespírito**, como chamo, ou seja, a pura e simples articulação do Secundário. Ray Kurzweil, por exemplo, escreveu

um livro intitulado *A Era das máquinas espirituais*, publicado em 1990, no qual articula o Secundário simplesmente como informação. Aí dizem que o corpo – o qual, aliás, não é algo que exista, e sim um conceito, portanto, pode-se jogá-lo fora e usar outro conceito – e o espírito estão separados. Não percebem que o Haver é constituído de espírito, de informação. Até para o Primário se sustentar, ele é um processo informativo interno a cada elemento material. Hoje, filósofos, psicólogos e mesmo psicanalistas – podemos nos pasmar disso – ainda ficam perguntando como resolver o “problema mente / corpo”. Não existe, nunca existiu este problema, foi invenção de um momento idiota. Mente e corpo são uma coisa só.

A psicanálise foi feita para a gente envelhecer depressa e perder a imbecilidade de apego a essas estorinhas idiotas que se viveu simplesmente por acaso, porque se nasceu naquela porcaria. Nós – aqueles que crescem junto com o Secundário (pois criança velha é criança) – é que somos os antigos, os envelhecidos, com a carga enorme de milênios de coisas acumuladas. Uma das coisas que gostaria de fazer é limpar o mito da criança maravilhosa. A criança é idiota. Leiam o livro de Serge Leclair, *On tue un enfant*, publicado na França em 1981, no qual mostra para que serve a psicanálise: aniquilar a infância. Neurótico é aquele que, o tempo todo, fica apaixonado pela infância, pelo passado, não larga aquela porcaria, não vê que era da pior qualidade, ignorante, imbecil, dependente. Vejam que se confunde o exercício permanente da pedofilia erótica, que está em todos – e que alguns têm a audácia de exercer –, confunde-se esse tesão esquisito pela carne fresca – a paixão pela criança (por exemplo, o menino Jesus) – com exaltar a infância. É uma asneira, a infância de todos foi péssima. Os pais eram ignorantes, coitadinhos, uns pobres diabos que não sabiam o que faziam, estragaram nossa infância, não envelheceram a tempo. Devíamos, pelo menos, ser filhos de avós. E ficou-se, então, nessa baboseira. Assim, ao pensar as nossas coisas, por favor, vamos inverter o vetor, parar de ser infantis ou adolescentes porraloucas.

7

Isto vai bater na bagunça contemporânea sobre nossa situação *cultural*. Cultura, qualquer uma, é uma neurose, uma doença, uma limitação: é o mesmo que ser flamengo ou votar no PT. Estou interessado em articulação, em inteligência, em erudição, isto é, em deixar de ser rude. Erudito é aquele que saiu da rudeza. Mas o pessoal fica impressionado e escreve muito sobre nossa condição cultural, dizem que o moderno acabou, que somos pós-modernos... Isto é um monte de bobagens. A modernidade, qualquer que seja, em qualquer momento, não é senão a capacidade de dissolver as formações, de deixar solto, disponível. **Ser moderno é ser disponível** em qualquer época da história. Todos os momentos têm sua modernidade. É quando alguém consegue tornar disponível uma situação que estava aprisionada numa formação idiota (como são todas as formações, aliás). A função da psicanálise é dissolver a cultura. O psicanalista deve ser uma pessoa in-culta. O lema do psicanalista é: Cultura, tô fora, é uma droga. O período que, de preferência, chamam de Moderno, da revolução francesa para cá, é simplesmente a exacerbação da tentativa dessas dissoluções. Dissolver os grilhões da cultura.

Foi isto que a modernidade tentou fazer. No que tentou fazê-lo, inventou o **Modernismo**, que necessariamente nada tem a ver com o moderno. Modernismo é uma atitude artística e estética que simplesmente viveu em estado de bipolaridade. Para não chamar simplesmente de maneiro, de maneirista, chamemos de bipolar. O modernismo é bipolar porque os artistas querem produzir as vanguardas, ao mesmo tempo que ficam culpados por achar que estão destruindo a cultura que tinham, que lhes dava humanidade. É assim desde Baudelaire. Aí aconteceu que, no final do século XX, o modernismo perdeu as estribeiras. Um dos grandes representantes – se não, seu maior representante – dessa perda é Marcel Duchamp, que dissolveu o estatuto da arte. Isto é função da bipolaridade do modernismo: andou para lá e dissolveu. O que sobra é o que se diz das crianças, que fazem arte. Se cair no goto

do mercado, ótimo, se não, não é nada. É este o estatuto da resultante do modernismo dentro da modernidade. Aí, o pessoal ficou perplexo e inventou que somos pós-modernos. Pós-moderno é nada, é apenas o moderno tomando consciência de sua modernidade, ou seja, de sua precariedade e relatividade, que resultou num veemente processo crítico da própria modernidade. Isto permitiu que todo tipo de reacionário aparecesse. Um Heidegger, por exemplo.

- P – *A ideia de pós é complicada, supõe um depois do moderno.*

E um depois da morte também. Estamos, sim, é fazendo um enorme esforço para conseguir continuar modernos. A ideia de Bruno Latour, de que nunca fomos modernos, é boa. Não conseguimos sustentar o moderno por causa da neura da cultura, do aprisionamento nas formas dadas, etc. Como se pode ser moderno repetindo velharias? Tente ser moderno dentro de alguma Igreja... Aquela coisa ridícula, infantil, com vestidinhos dourados, ou, se não, apascentando rebanhos de gentilha.

É preciso, portanto, começar a pensar que a atitude psicanalítica é de sacudir as pulgas, jogar tudo isso fora. Basta ver Freud, que, coitado, apesar de suas desmunhecadas, fez o que pôde, sempre esteve limando a área, tirando esses maus elementos. Se cada um olhar bem para dentro de sua história, e dos chilikues que ainda dá, verá que é infantilidade, que está preocupado porque o pai, a mãe... Chega! Joga fora essa bosta. Vai-se ficar a vida inteira cortejando essa meleca infantil?! Sem esta postura, não entenderemos o que vem pela frente.

- P – *O difícil de entender é que a passagem para um estágio de modernidade, de Quarto Império, implica uma noção radical de desfiliação diversa de todos os outros Impérios, de uma soltura no sentido gnóstico de Revirão, e da possibilidade de sem paternidade, sem maternidade, sem origem a não ser o próprio Originário.*

E sem infância.

- P – *O resto vira lastro, lixo pessoal.*

E meros acasos, meros acidentes de percurso.

Olhem para dentro de vocês que acharão um monte de criancinhas sacanas. Esse estado de infantilização é neo-etologia, chama-se Morfose Estacionária. As pessoas não querem largar o apego que têm à sua infantilidade, a suas supostas incompetência, dependência, falta de autonomia (cuidado com esta palavra)... Enquanto se sonha que é criança, supõe-se que há um papai em algum lugar que vai correr para salvá-lo. Não tem salvador, não. Se virem.

• P – *No fundo, os mecanismos da cultura são de manutenção do estado de minoridade, que aí está desde Kant pelo menos. O Estado decide e legisla por mim.*

Para mim, a maioridade deveria ser por volta dos doze anos de idade. Bertrand Russell, em sua autobiografia, disse que, aos doze anos, tinha vontade de se matar, mas como seu irmão o apresentou à geometria euclidiana, ficou tão encantado que, um ano depois, sabia tudo sobre Euclides. Alguém aqui sabe tudo sobre Euclides? Eu sei. Ele sabia com treze anos, achou um divertimento, um brinquedo interessante.

8

Recomendei que tomassem informação sobre a questão da modernidade e da pós-modernidade, e indiquei dois textos – um de Perry Anderson, outro de Krishan Kumar –, que não são os mais importantes, mas são bem abrangentes. Fiz isto porque é preciso nos situar na época em que vivemos. De fato, são rupturas bem nítidas. Podem estar conceituando mal, muitos não gostam de chamar de modernidade ou pós-modernidade, dizem até que nada disso existe. No entanto, não há dúvida de que houve ruptura.

De meu ponto de vista, Freud é tipicamente alguém da modernidade, embora seja do final do século XIX. É justamente quando começa a nascer o que chamam de **Modernismo**, que é diferente da modernidade. Esta é velha, talvez venha da Idade Média. O renascimento tem características da ideia de modernidade. Freud é moderno, no fundo é um iluminista. Tinha grande fé na possibilidade científica de conhecimento. Justo ele que, hoje, não é considerado cientista. Para mim, ele também o é. Mas, como disse, é contemporâneo do nascimento do modernismo, que é, sobretudo, uma emergência artística: literária, musical, plástica... O modernismo nem sempre é moderno. Como crítica do anterior, do romantismo, do realismo, etc., por vezes é até reacionário. Vemos diferentes autores, uns elogiando os tempos modernos, outros criticando. Acho estes reacionários, embora sejam grandes. Às vezes, vemos o mesmo autor fazer as duas coisas. É bipolar: elogia-se a tecnologia, o moderno, por um lado, e, por outro, fala-se do terror, do medo. Embora tenha inventado coisas importantes em todas as áreas, o modernismo é esquisito. Por exemplo, o grupo do impressionismo foi contra o romantismo de Eugène Delacroix, de Théodore Géricault. Na música, o modernismo criou o atonalismo, o politonalismo, o pentatonalismo, tentou mexer em tudo. Na literatura, é notório em James Joyce, Samuel Beckett...

A virada que querem chamar de **Pós-moderno** é moderno, é ainda modernidade, mas muito radical quanto às mudanças que ocorreram. De meu ponto de vista, tudo isso é ainda moderno, é modernidade. A modernidade não é igual a modernismo. Já, nas artes, existe um modernismo, mas não efetivamente um pós-modernismo, é tudo uma coisa só. Ou seja, o modernismo não é o mesmo que modernidade: o fenômeno modernismo não é descritível do mesmo modo que a modernidade. Mas o pós-modernismo é o mesmo que pós-moderno, não há como distinguir, pois é um movimento político, social, econômico, literário. A modernidade é fordismo, basta lembrar de Charles Chaplin e seu filme idiota *Tempos Modernos*. Ele está criticando o fordismo, que é modernidade: há, ali, certa má-consciência, certa vergonha de ser moderno, com os marxistas falando montes de bobagens... É reacionário, há um medo (não direi do progresso, pois não é preciso acreditar nele, mas) da

riqueza, do acrescentamento. Não era possível passar adiante na história dessa produção sem passar pelo fordismo: Henry Ford inventou a época. É uma chatice os operários na linha de montagem, mas sem aquilo não mudava.

Freud, então, como disse, é, para mim, mais do que todos os outros, um pensamento da modernidade, apesar de ser do século XIX. Tomemos Lacan. Ele nasceu e se comportou dentro do surrealismo, com aquela patota literária, artística. Mesmo que criticasse certas coisas do modernismo, a meu ver, do ponto de vista literário, estilístico, ele é modernista. É claro que lhe deu na telha fingir ser gongórico. Ou, se não, aproveitou esse barroquismo para fazer charme de misterioso. Ele era assim, se vestia e se comportava assim: era um anão de jardim. Então, se acompanhamos sua obra, os estilos, os acontecimentos ao redor, da arte, etc., que ele curtiu, a convivência desde jovem com André Breton, mesmo que tenha criticado o surrealismo quanto à emergência poética... Lembrem que Breton procurou Freud pedindo reconhecimento do lado da psicanálise. Freud o achou esquisito, disse nada ter a ver com aquilo e apenas reconhecer Salvador Dalí, que era doido e pintava oniricamente. Sua pintura era mais onírica que surrealista. É diferente dos surrealistas, que têm uma *técnica* de produção, que Breton supunha estar explicada por Freud. Acho que Freud comeu mosca em não reconhecê-la.

Quando Lacan resolve falar da linguagem, critica a produção poética do surrealismo, acha que está errada. Se Freud não a reconheceu, realmente estava errada. Mas o errado era Breton dizer que a centelha poética nasce da justaposição aleatória de duas – em meus termos – formações. Lacan quis ver isto como definição de metáfora – acho que Breton não disse assim –, a qual, ao contrário, seria a substituição do significante por outro significante... Se procurarmos, hoje, veremos que é quase a mesma coisa. Vejam então que **Lacan estava inteiramente dentro da diatribe modernista**, o que é evidente, por exemplo, em sua paixão pela existência de Joyce, pelo seminário erudito que fez sobre ele. Como era barra pesada enfrentar pessoas como Marcel Duchamp, Dalí, Breton (que não tinha tanta força), Joyce, Beckett, para se distinguir estilisticamente – na verdade, acho que o que queria era aparecer como escritor, como literato – fez aquele rebuscamento barroco, gongórico,

e até se deu bem, conseguiu. Só que a maioria não entende o que ele diz, tem que passar a limpo.

Como sabem, conheci Lacan textualmente. Li os *Écrits*, e achei o gongorismo pesado e chato. Mas foi a linhagem que achei genial: a linhagem que seguia dentro do pensamento de Freud e a conexão com os acontecimentos. Nessa época, eu tinha interesse por essa gente do surrealismo, da nova literatura. Vi, então, que ele estava dentro, que era seu próprio contemporâneo. O resto do pessoal da psicanálise era retrógrado. Naquele momento, só Lacan estava contemporâneo de si mesmo.

9

Lembrem que Freud, quanto às artes, era “egípcio”, nem gostava de música. Ele era um homem do século XIX, e só chegou a 1939 (após dezessete operações no maxilar canceroso) por ser teimoso. Estou dizendo essas coisas porque sou alguém que nasceu em 1938, quando Freud estava morrendo. Encontrei uma situação de mundo inteiramente modernista e começando a virar. Então, não precisei de esforço algum para cair nesse filão. Desde os treze anos, escrevi bastante coisa – poemas, textos, ainda precários, que nunca publiquei. Depois, na universidade, escrevi textos teóricos. Em 1964, junto com aquela porcaria de golpe, *me* aconteceu – e digo assim porque, na época, não sabia dar conta disso – de começar a escrever um livro, no qual eu sabia dizer o que queria, mas não sabia o que era. Ele foi publicado em 1974 – e logo assassinado, por razões até políticas, e hoje está abandonado por aí. O título é *Aboque / Abaque*. Pode não ser grande coisa, mas tem de importante que, espontaneamente – digo assim porque eu estava determinado pela situação cultural

–, produzi um texto cuja inserção eu não sabia qual era, mas com duas características que, estas, eu sabia. Primeira, eu queria ter *qualquer* estilo. Escrevi uma série de textos supostamente literários com cara dos outros, de Oswald, Mario, Guimarães Rosa... Segunda, queria ir dissolvendo *o sentido e a língua*. Mesmo que não tenha conseguido, podem verificar que o livro vai fazendo isso. No final, há dois textos que considero fundamentais: *As Possíveis Palavras ou os Vamaris Combalhares* e *Hisfiemt ou Alê Alê Álea ou A Revolução dos Dedos*. No primeiro, as palavras pareciam português, embora a maioria não existisse em português – mas, lendo, as pessoas acabariam entendendo. Fiz várias vezes o teste com alunos e eles contavam uma história. No último texto, coloquei diante de mim um anteparo para não enxergar e datilografei aleatoriamente.

Conto isto porque foi a primeira vez que fiz um troço mais substancial, maior pelo menos. Escrevi o livro de 1964 a 1970, mostrei a algumas pessoas que nada entenderam. Também para quem mostrei, era de esperar que fosse assim. Uma delas, Professora Emérita, por exemplo, começou a corrigir o português... Já José Louzeiro, que, na época, dirigia o *Jornal do Escritor*, fez uma entrevista comigo e comentou (no. 7, dezembro de 1969) que eu escrevia um “livro texto onde pudesse atingir uma não-linguagem, soando a português”. Outra coisa que fiz foi inscrever no Concurso Nacional Walmap de contos, em Curitiba. Como só três contos podiam ser inscritos, tomei três do início e três do final e enviei com nomes diferentes. Nada foi dito. Um dia, abro a revista *Manchete* (no. 903, de 09 agosto de 1969) e leio um texto em que Raimundo Magalhães Jr. faz um panorama sobre o concurso. Em determinado momento, ele menciona meus contos, saca que são do mesmo autor e diz que lhe deviam “um prêmio de pasticho”, que “ele nada fica a dever, em habilidade, a Paul Reboux e Max Muller, de *À la manière de...*, ou mesmo ao pastichador Marcel Proust, dos *Pastiches et mélanges*”. Pensei: Pronto, estou salvo – mas só publiquei bem depois.

Isso quer dizer que, sabendo ou não, querendo ou não, fiz um dos primeiros livros pós-modernos do Brasil. Falei para Antonio Carlos Secchin, que escreveu um prefácio para uma nova edição (esta ainda não publicada),

olhar sob esse ângulo. Ele passou por cima e nada disse quanto a isso. Hoje, então, percebo que, desde ali, sou uma produção com cara de pós-modernidade, o que foi bater na teoria.

• P – *Naquela época, as poesias marginal, de protesto, de contracultura, estavam tomando a situação.*

Mas esta era uma situação regional por causa da política em vigor no país. Eu estava produzindo algo do pós-moderno nascente. Depois, não mais escrevi daquele jeito. Passei para a teoria. Quero lhes dizer é que a Nova Psicanálise tem todos os cacoetes do pós-moderno. Se fizer uma sequência, direi que Freud é moderno, Lacan é modernista e a Nova Psicanálise é pós-moderna e pós-modernista também. Notem que, de propósito, misturo tudo, do palavrão ao erudito, sem hierarquia de valores. O modernismo é elitista, faz questão de separar o que é e o que não é obra, coisa que não vale para o pós-moderno. Entender o que eu disse hoje é importante para acompanhar o que estou querendo trazer com *Diferocracia*.

• P – *Na época em que foi lançado o Aboque / Abaque também foi lançado Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, proibido pela censura e só liberado em 1979, e você comentou que ambos estavam sintonizados com os acontecimentos da época.*

Zero tem algo de pós-moderno, mas é politicamente compromissado. Por isso, aliás, se deu bem. Nunca fui preso, torturado, não me dei bem... Só pode ser porque nunca me entenderam. Graçasadeus, aliás.

O pós-moderno descobriu que tudo – estilo, personalidade, etc. – é *fake*. Por isso, pega qualquer coisa, acaba com as fronteiras e hierarquias.

• P – *É o que Mikhail Bakhtin menciona como discurso alto e baixo, trocar de lugar, inversão de papéis, carnavalização, multivocidade. Não há apenas um discurso monológico, é como se houvesse uma polifonia comparsa recente.*

Quando voltei de Paris, em 1978, meu discurso era chatérrimo. Como tive que me comportar na Universidade de Paris, fiquei fingindo ser intelectual

francês. Depois, nos Seminários e Falatórios, soltei a franga e deixei surgir o mesmo estilo de um *Aboque/Abaque*. Aí há des-hierarquização dos valores discursivos. Falo em alto nível teórico, matemático e, em seguida, digo “puta que pariu”. Não estou elogiando o pós-moderno – e tampouco falando mal: a reação a ele é uma burrice, pois é o que aconteceu, os parâmetros anteriores ruíram –, e sim dizendo que, primeiro, daqui para a frente, não há mais lugar para a estruturação anterior, não tem volta. Segundo, que assumi esse troço querendo ou não, foi a participação na cultura do momento. Terceiro, que é muito mais rico porque se pode lançar mão de qualquer coisa. Sou purista quanto às fundações da teoria, mas não digo que o resto não presta. Notem, então, que há rigor lógico na produção das bases da teoria, mas esta, por ser constituída desse modo, abre para tudo, é proliferante.

• P – *Isto que você aponta no pós-moderno é também o modo de funcionamento do maneirismo, que, onde compareceu, funcionou de modo a misturar, des-hierarquizar, jogar com ambos os lados...*

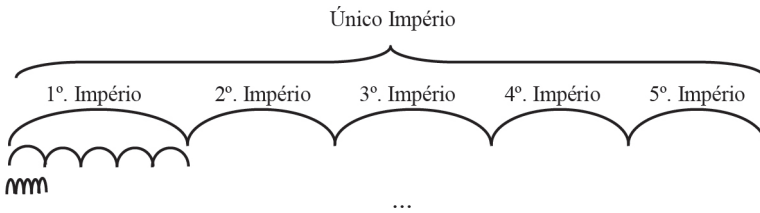
O pós-moderno é maneirista. Não estou dizendo que sou, ou que tenho que ser pós-moderno, ou mesmo que esta teoria se situa no regime do pós-moderno. Minha concepção de *fases* não é cíclica. Cíclico é o pensamento de Vico. De lá para cá, colou esse “ciclismo”. Se tomarem o Creodo Antrópico, no qual digo que pode se repetir eternamente, não é uma concepção de ciclo, e sim de fractal, que é de repetição interna por fracionamento. Então, minha postura estilística e de comportamento é pós-moderna, mas a estrutura teórica é de Quarto Império. Não há coincidência entre pós-moderno e Quarto Império. O pós-moderno é uma *crise* do Terceiro Império – e o encaminhamento é ir para o Quarto. Não sabemos o que aí vem, que será muito diferente de pós-moderno, dessa bobagem toda, que vai ruir. Não faço uma teoria tipicamente pós-moderna, como, aliás, Heloísa Buarque de Hollanda falou após ler meu livro *O Porre e o Porre de Quincas Berro Dágua* (parte do Seminário de 1980). Chamei, sim, de **Pró-Moderno**, insistência na modernidade.

O pós-moderno é Terceiro Império em estado de dissolução. Faço a suposição de que, daqui a dez ou vinte anos, teremos uma emergência muito boa, muito Quarto Império, de ele começar, pois ainda não é isso. Lembrem-se

de que eu disse que são cinquenta anos de crise e duzentos de implantação. O Quarto Império será para durar dois, três mil anos. Cristianismo, mais Grécia, é tudo Terceiro Império.

• P – *O núcleo desta teoria, do Real como causa do Haver, faz com que ela ressitue a proliferação do pós-moderno. Uma das características do pós-moderno é a evidência da explosão das diferenças, da não-hierarquia, do fim das fronteiras, essa infinitização... Ao colocar um ponto de reversibilidade como Real no campo de explosão da infinitude, monta-se outro modelo.*

Como já disse, não é filosofia da diferença, e sim da Identidade gerando, proliferando, diferença. Interessa-me ressaltar o seguinte:



Como cada Império pode ser fraturado de novo, é fractal, e não cíclico. E quando digo que é fractal, todo o percurso é um Único Império. Como Vico implantou no pensamento ocidental a ideia de ciclo, o pessoal pensa ciclicamente, ou seja, que cada período vai retornar. Ao contrário, no caso do fractal, ao procurarmos dentro de qualquer situação, encontramos todas. É holográfico. Repetindo, não estou dizendo que a história retornará, pois, mesmo que retorne, em qualquer situação, ao procurarmos, encontramos todas as situações. Lembrem-se que eu disse que, na análise de cada pessoa, encontramos que ela passou por todas essas fases.

Na literatura, temos o *Aleph*, de Borges; a obra de Enrique Vila-Matas, em que ele insiste na repetição... Quando li as *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, demorei sete anos estudando o livro até descobrir isso lá. Fingi que era a teoria do significante por que não sou tão bobo. Eu era lacaniano...

10

Começamos, então, a falar sobre **Diferocracia**. Em função das outras *cracias*, certamente por não ter ainda desenvolvido o tema, frequentemente fico com a impressão de que as pessoas fazem confusões com as demais construções também supostamente a respeito de política e coisas semelhantes. Diferocracia: *difero*, de diferença, e *cracia*, do *cratós* grego, que, na verdade, significa poder, força. Esquecemos que, com a palavra democracia, por exemplo, está-se falando de atribuição de poder, poder do demo, aliás, do povo. Precisamos, pois, lembrar que essas construções se dão em nível secundário. São formações que pretendem atribuir sentido a certas funções.

Isso que parece ter começado na Grécia clássica com o nome de democracia, desde o começo, é a tentativa de atribuir o poder de decisão, em última instância, ao chamado povo, restando saber o que seja isto. É claro que a democracia grega é uma piada, a não ser que só se considere “povo” os ditos cidadãos gregos, deixando de fora uma enorme quantidade de pessoas que também participava daquela sociedade, mas sem cidadania suficiente para fazer parte do demos. Como disse, é uma piada, ainda que com a boa intenção de constituir uma ordem social e política com essa referência. Ficou só na intenção, como meta, quem sabe como utopia a ser atingida. Mesmo naquela configuração, algumas pessoas que sabiam pensar um pouco melhor já desafiavam a consistência, se não, a veracidade da ideia de democracia. Sócrates, por exemplo, morreu disso, de mostrar que a democracia grega não era uma democracia, e que, além do mais, ele era contra ela. Tanto é que seu afilhado, chamado Platão, inventou uma ideia de ordem política e social, ou seja, de governo, que seria extremamente aristocrática no sentido não de nascimento, mas de valores. Também resta saber o que seja isto.

Pedi que lessem alguns textos – indicados no item 6 deste volume –,

pois, como não sou cientista político ou sociólogo, não irei aqui construir uma teoria política ou produzir uma forma de governo e oferecer à humanidade. Se já foi um fracasso com o pensamento marxista, por ser excessivamente religioso, não há a menor chance de instalar no mundo uma política psicanalítica. Seria preciso esta espécie andar muito para a frente, ter muita análise. Se já entre chamados analistas, ou metapsicólogos teóricos da psicanálise, há grande dificuldade, imaginem quanto ao resto. Não se trata, portanto, de fornecer uma teoria política para ser implantada no mundo. Mesmo porque de nada adiantaria. Trata-se, em nosso caso, de perguntar qual é a postura do psicanalista diante da questão. Eventualmente, se a metapsicologia – que é o que fingimos fazer como teoria... Faço um parêntese para separar duas coisas em nossa atividade. Acho que Freud arrumou o termo certo, depois se esqueceu e passou a chamar de psicanálise. Se psicanálise existe, é no trabalho da clínica: ali se faz a análise das coisas. Ao passo que a teoria, essa coisa que ele inventou, chama-se mesmo **metapsicologia**. Na verdade, então, em teorizando, fazemos metapsicologia. Psicanálise é quando se está tentando fazer “clínica”, que tampouco é um bom termo para nós, pois lá ninguém fica necessariamente “deitado”, não é quarto de hospital.

Do ponto de vista teórico, interessa-nos saber o que uma metapsicologia como a nossa teria como consideração da organização do mundo político. Que postura, que posição diante do mundo político é compatível com a cabeça de um psicanalista, com uma teoria metapsicológica, sobretudo como a que desenvolvo aqui? Pessoas menos inteligentes, quando se deparam com uma posição de afirmação como esta, logo perguntam *como* se governará. É da ordem da burrice, pois quando se está tentando compreender o fenômeno e articular uma teoria a respeito, o “como” vem depois. Se é que será aplicado de algum modo, este é um problema de pós-entendimento do aparelho teórico. Rosane Araujo apresentou uma tese de doutorado intitulada “A Cidade Sou Eu”, e alguém da banca examinadora logo veio perguntar como é que faz para aplicar aquilo na cidade. Como é sabido, são uns acadêmicos tolos que, ao invés de entender que se está colocando uma posição de entendimento a partir de certa teoria, querem já saber como ir para a cozinha fazer feijão

com arroz. É uma inferioridade tipicamente brasileira, e às vezes também de outros lugares. O primeiro passo é colocar uma questão teórica para remodelar o olhar sobre uma situação, e não o de querer imediatamente retirar daí um modo de gestão baseado na Nova Psicanálise.

Como, em geral, as pessoas funcionam desse modo, estou atentando para o fato de que, falar em Diferocracia é reconstruir um olhar, uma postura diante de um problema antigo. Se isto tiver consequências práticas, será visto depois. É claro que pode ter, mas não é o primeiro caso, a primeira questão.

11

Já coloquei diversas pequenas definições para ajudar a situar o problema e orientar a reflexão sobre o caso. Reconsidero agora o termo **Política**, que tem as mais diversas concepções sociológicas e filosóficas. Em nosso caso, não é senão **transa entre formações no sentido da determinação do poder**. O que as formações transam no sentido da determinação do poder, qualquer poder em qualquer situação, é a política. Quando os termos são ideologicamente orientados, ganham certas forças que são apenas *wishful thinking* dos autores. Tomem por exemplo, Hannah Arendt, para quem o sentido da política – deve ser herança de Heidegger – é a liberdade. É o que ela deseja, mas não é assim que funciona. A psicanálise não está aí para arrumar direcionamento para desejos, e sim para, em primeiro lugar, entender como funciona. Em todos os lugares e situações, encontramos o tipo de transa entre formações no sentido de determinar o poder. Encontramos mesmo em nível infra-secundário, em nível primário. Entre animais, por exemplo. A diferença é que, entre eles, a, digamos, formação diretora é etológica. É dada pela própria configuração

genética e epigenética, ou seja, pela própria configuração Primária: dentro do autossoma se constitui um etossoma que, enquanto a formação funcionar, já inclui o modelo de operação política no Primário. Basta observar qualquer grupo de animais para ver – está até na televisão – que lá se organiza uma ordem de poder, sobretudo em função de valores primários, de sustentação do Primário, de força, de capacidade de alimentação, de cópula, de reprodução. Assim, na defesa da manutenção do Primário, a política lá funciona no sentido de garantir sua permanência como poder.

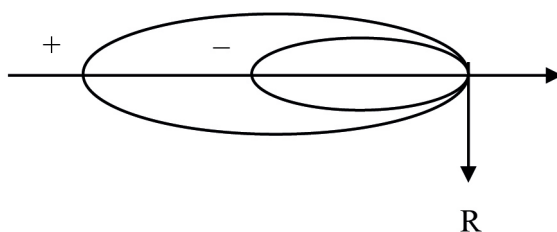
Como sabem, quando falo em **Poder**, falo do *verbo poder*, que tem todo tipo de significação em outras áreas e níveis. Não estou, como o político ou o sociólogo, falando do “poder constituído”. Poder é qualquer poder: **o que quer que me permita fazer qualquer coisa é o meu poder**. Temos, pois, que considerar o poder em todos os níveis, Primário, Secundário e Originário. E dentro de cada nível, todos os níveis em que comparece. As formações, pelo simples fato de o serem, se constituem como o poder que são. O poder que elas podem – sejamos redundantes.

No tipo de questionamento que faço, tampouco falo de indivíduo ou sujeito, que são conceitos pertencentes a outras áreas. Pertenceram a certas manifestações da psicanálise com Lacan, mas estão banidas aqui de qualquer tipo de prestígio. Falo, sim, de **Pessoas**, no sentido em que defini. São formações meramente polares, reconhecíveis *ad hoc*, com seus focos e franjas, e constituídas de Primário, Secundário e Originário. Qualquer lesão mais ou menos grave as desloca de seus lugares: uma pequena mutilação cerebral, um alzheimerzinho, uma neurosezinha legal...

É interessante escutar quando o analisando, mediante algumas dicas do analista, consegue dar depoimentos e fazer desabrochar o que estava sufocado pelo contorno neurótico. Vemos que ele não é aquela pessoa anterior. A sustentação da aparência de identidade, no sentido social, ocorre porque grande quantidade de formações continua sendo a mesma. Às vezes, o deslocamento de uma formação estacionária, e mesmo excessivamente estacionária, muda radicalmente a configuração da formação que estamos chamando *aquela pessoa*. Em nosso caso, é preciso lembrar que **cada pessoa é única**. Não há duas pessoas que consigam sobrepor todas as formações, nem mesmo em gêmeos idênticos vivendo a mesma vida. A pessoa é absolutamente única

em termos de manifestação, dentro do Haver, de sua potencialidade original. Há pessoas com muitas coincidências, com formações muito próximas, mas, na verdade, **não há possibilidade real de comunicação**, pois cada uma é única. É quase solipsista, mas não o é porque, no entrelaço das formações de base – de Primário, Secundário e Originário –, o que é nuclear para cada pessoa é fato bruto, indiscursável, inefável, o que quiserem, de sua havência.

Repetindo, a constituição em Revirão, quando se pensa na bifididade de qualquer situação possível, determina o lugar do Real.



Ele não é a soma ou a coincidência dos outros dois (+ / -). É o ponto conjecturado desde onde tudo tem dupla face, é opositivo. A pessoa de que estamos falando, diferentemente de um animal – não que o animal não seja real, mas não tem condições de considerar sua estada no Haver: ele parte dela e age no mundo a partir dela –, cria considerações a respeito de sua estada no Haver. Isto porque nossa espécie é louca. A estada no Haver, enquanto Real de minha situação, é a mesma para qualquer pessoa. Não estou dizendo que todos sejam iguais perante a lei ou perante o Real, e sim que todos são a mesma, só há uma. As pessoas são únicas.

Esse lugar é singular, só existe um. Isto me faz dizer algo que pareceria absurdo a um grego, a um filósofo: **qualquer pessoa é a mesma**. Nesse lugar, é sempre a mesma pessoa. É o lugar de minha confusão, onde posso dizer ao outro: eu sou você. Posso dizer, e não *haver* enquanto isto. Qualquer pessoa é a mesma porque reconheço – de algum modo, intelectualmente ou experiencialmente – que, ao me deparar com outro, posso até me perder, pois não sei onde estou, se aqui ou lá. É o que chamo de Vínculo Absoluto. Esse lugar cego, surdo, mudo, dolorido, do qual ninguém consegue se afastar – a não ser que desmaie, morra –, se estiver minimamente aceso, por mais

louco, bêbado, drogado, ele lá está. Basta ler depoimentos daqueles que experimentaram drogas, como Henri Michaux, que dizem isto. Esse lugar horrível, segundo o que penso, é o causador da proliferação infinita dentro dos outros registros. É, digamos, o tormento que causa meus tsunamis secundários.

Repito essa baboseira porque, sem partir dessas configurações, não funcionaremos no âmbito de nossa metapsicologia. É preciso situar-se no lugar paradigmático desse construto. Qualquer um que insistir em pensar o que está sendo trazido aqui com o paradigma do anterior, verá que jamais funcionará. Se não fizer o exercício de trocar de paradigma, de postura mental, pensará tudo errado. O que é difícil, pois fomos educados na posição ocidental e cartesiana. É preciso mesmo evitar palavras dos outros discursos como sujeito, indivíduo... Não há, em nosso pensamento, possibilidade de destacamento de indivíduo dentro de uma pessoa ou de sustentação de um sujeito dentro de uma pessoa. Primeiro, porque, em cada polo, há foco e franja, e não sabemos onde terminam ou quais são as interferências e interseções que movimentam a parte de cá, sem que jamais se possa dar conta dessas interseções e interferências. Segundo, porque há continuidade entre as passagens e entre as oposições.

12

Por isso, o livro de François Jullien que indiquei – *Les Transformations Silencieuses* (Paris: Grasset, 2009) – é importante. Ele questiona o pensamento ocidental no confronto com o pensamento oriental. No que tenta explicar as diferenças, mostra com clareza muitas das minhas posições, sobretudo em relação à prática analítica. São posições já produzidas na interseção desses dois pensamentos. Não pretendo ser chinês e tampouco quero ser grego. É até

bom ser brasileiro: um troço meio maluco, nem Grécia nem China, somos essa coisa que aí está, que acho muito prática e fecunda. Isto, no sentido de que podemos *ad hoc*, a cada situação, pensar no modelo do centro, da redução, da precisão, da definição, ou pensar que não sabemos onde está o centro, que as coisas são mais ou menos imprecisas, que há continuidade entre as formações, não sabemos onde começam e onde terminam, fronteira é algo muito relativo... Estas duas são posições completamente diferentes, sendo que a psicanálise, desde o começo, se tivesse se dado conta, perceberia que Freud é uma espécie de chinês dentro da Europa. Não é o caso para nós, como faz Jullien, de tomar a cultura chinesa, pois aí seria preciso conhecer a língua, etc., e sim de tomar o pensamento Zen. É claro que, no Brasil, encontramos uma porção de zébundistas, que são aqueles que pensam que o zen é uma mística, uma religião. Nunca foi. **O Zen é um modo de articular o pensamento.** O pensamento zen é polar. Nunca foi centrado com a definição em volta. Quando quer dizer a respeito de algo, sobretudo, indica e abre. O Ocidente, ao contrário, ao invés de indicar, situa e fecha. Desde que Freud o descobriu, começou a ver com clareza que o Inconsciente não podia ser cartesiano, que sequer podia ser filosófico, pois ser filosófico é ser aquela coisa ocidental, classificada desse modo. Ele não funciona assim, pode até produzir funcionamentos assim, esta é uma de nossas competências, mas não é assim, não é careta, tem abertura para outras funcionalidades.

Assim, ao invés de falar de sujeito ou indivíduo, falamos em **Pessoa** – o que já é ruim, mas estamos presos numa língua infeliz, que, ou a contorcemos, ou não temos saída. É o mesmo que falar em *povo*. Que diabo é isso? Era mais bacana bancar o hippie e falar de *gente*, que é mais aberto e com duas maneiras de falar: uma, é *a gente*, aquilo fica acusado e não sabemos onde termina; outra, é juntar, *agente*, que é aquele que age, que não é um sujeito ou um indivíduo, e sim, na melhor das hipóteses, uma Pessoa. Agente é sempre uma formação. Qual é a formação agente dessa gente? Não podemos nem pensar em termos de atributo e predicado. Um dos defeitos graves do Ocidente é, além de ter sujeito, o desgraçado ainda ter predicado. Coisa interessante em Jullien é sua crítica à prisão da língua ocidental, com sujeito, predicado,

não saímos desse troço. Os poetas fazem um esforço danado para dizer fora disso, mas é difícil porque a língua é sintomática. Como um sujeito pode *ter* predicado?! Isto é incompreensível. Na verdade, teríamos que pensar segundo outra gramática. Houve uma época em que Lacan se interessava muito pela literatura chinesa e chamava atenção para essa outra gramática. Já pedi que lessem dois livros de François Cheng, um chinês dentro da França, *L'Écriture poétique chinoise* e *Vide et plein: le langage pictural chinois*, publicados na coleção de Lacan. Observem que é outra mente, outra gramática, não dá para misturar com a ocidental. Vejo muitas vezes pessoas debatendo com a Nova Psicanálise, mas com cabeça ocidental, não funciona.

Qual é o agente de determinada consequência? Não é preciso dizer que é aquela pessoa. Às vezes, são formações que estão acaso depositadas naquela pessoa, os agentes são essas formações. Essa constituição do pensamento ocidental é essencialmente paranoica, como denuncia Deleuze. Nossa constituição lógica, gramatical e institucional é inteiramente paranoide. Eu, sujeito, dono, centrado, com definição, meus limites, minha fronteira, isto é paranoico. É muito saber, muita definição, ninguém pode ser tanto.

Só conheço no planeta duas pessoas, Jullien e eu (se conhecerem outros, me apresentem), que fazem o esforço de apontar para o lugar onde a situação do mundo está indo. O cruzamento de velocidade tecnológica com configurações ainda ditas nacionais, esta mistura já começou e não há como parar. Esse mundo, para se entender, terá que ser capaz de bascular entre os dois pensamentos, que são os dois pensamentos típicos. Notem que, ao falarmos em pensamento oriental, a Índia não pertence a ele. Ela tem um pensamento igual ao nosso, com outras anedotas e mitologias, mas o modo de pensar é europeu. Pelo que conheço até hoje, não vejo no modo de pensar da Índia diferença alguma para com o Ocidente, tanto é que se deram bem. Chinês se daria bem com inglês? A Índia se deu. Nossos empresários têm que fazer curso para poder negociar na China, coisa que deve ser difícilíssima. Um amigo que já faleceu, Paulo Amélio Nascimento Silva, quando mais jovem foi diplomata na China e dizia que era impossível negociar, pois não conseguimos atinar com a cabeça deles.

• P – *Há várias escolas de mandarim sendo abertas para crianças atualmente.*

Acho que há um pequeno defeito didático no modo de o pessoal estudar, pois reduzem o mandarim a frases compreensíveis pelo ocidental, reduzem a esses manuais de viajante. Isto é diferente de manejar a língua. Como Jullien explica, não se manejará a língua chinesa com uma postura ocidental.

• P – *Parece que chinês não diz não. Tem sim que é não, e sim que é sim, temos que nos virar para descobrir.*

Freud já deixou claro que não há *não* sem *sim*. Não há possibilidade linguística em qualquer língua, oriental ou ocidental, de acreditarmos em uma negação pura. Quando se diz *não* a alguma coisa, está-se dando *não* ao *sim* anterior que havia nessa coisa. Se não, diz-se *não* a quê? Primeiro *Bejahung*, afirmação, depois diz-se *não*, mas não é possível dizer *não* em estado puro. Seria como se pudéssemos apresentar o não-Haver. Diz-se *não* a algo que antes foi afirmado. Então, como tratamos aqui várias vezes, não há *não* sem um *sim* anterior, mas quando, diante de algo que já se afirmou, somos capazes de dizer *não*, é o ato mais afirmativo que há. É o exercício pleno de sua afirmatividade, e não de sua negatividade. Nunca se afirma tanto quando se diz *não* ao que é imposto como *sim*. Se alguém pudesse pensar na significação da palavra liberdade – como sabem, não gosto desta palavra porque a acho cretina –, seria isso: NÃO.

13

Então, na tentativa de considerar o termo **Diferocracia**, há que entender que não é uma teoria política ou de governo. Para quem pensa analiticamente, a primeira questão é: qual a postura teórica de uma metapsicologia perante o

fato da singularidade de cada um, de sua reunião e das consequências políticas dessa reunião? Posso, pois, tomar os temas da ciência política ou da filosofia política e apontar qual a postura, pelo menos da Nova Psicanálise, diante disso.

Como já repeti hoje, só posso pensar uma Diferocracia não apoiado no valor da diferença, que é o caso das filosofias da diferença, e sim no valor da Identidade das pessoas no nível do Real. Identidade esta que, quando cai no meio das formações do Haver, começa a funcionar em formações que são da ordem de Mundo, do Ser. Não estou falando de ontologia ou dizendo que o Real do Haver determina ontologicamente. Não há ontologia neste pensamento, mesmo porque a palavra *ontós* é o Ser, o qual é pura manifestação de significações. O Ser não tem reconhecimento algum possível como havente, ele é a proliferação de formações funcionais. O pobrezinho do Heidegger ficava procurando nas entranhas dos gregos, no passado, o Ser que se perdeu. Por que os gregos teriam o Ser? Eles têm a loucura grega de fazer uma ontologia fechada por trás da qual não tem nada. O que teria? O noumeno? A coisa em si? É interessante pensar isto analítica e metapsicologicamente. Vejam o engodo de, por exigir sua permanência no âmbito ocidental, alguém necessariamente buscar o que é o Ser dessa ontologia na suposta origem do pensamento ocidental, sobretudo na fala poética dos primeiros pensadores, que ficam naquele poema maravilhoso, no entanto, sem fundo. Isto é coisa de maluco, um modo de dizer sintomático da Grécia, que fundou o Ocidente em cima dessa *sintomatologia*. Tomamos o Oriente, a China, e temos outra sintomatologia, outra forma de se encaminhar. Se análise é possível, que tenho a ver com um ou com outro? São apenas formações que considero, e aprendo. É o mesmo que aprender línguas: podemos agora pensar grego, depois pensar chinês...

A instância central nem mesmo é o sujeito lacaniano disponível a ser representado entre significantes, mas sim uma pedra dura capaz de *causar* todas as transas entre as formações disponíveis no Haver. Como as formações são sintomáticas e acabam re-sintomatizando as transas, aí vira cultura, língua... Esse buraco negro, essa pedra, pode causar muitos transtornos, mas nem é nada, apenas uma estância. É só dar uma viradinha que vira buraco

branco e começa a expelir. O que interessa, então, no pensamento sobre Diferocracia, é pensar e avaliar as diferenças enquanto produzidas pela mesmíssima estância. Não é considerar a diferença pela diferença, e sim considerar a diferença enquanto produzida pela mesmíssima estância, sem condições de ser indiferente como esta estância. Depois, isso se sintomatiza e vira o tal Ser dos ontólogos, que estão falando de *sintoma* e pensando que é o Ser. Para mim, também é Ser, mas é só isso, é o que se consegue se dizer a respeito de. Se nos fixamos nessas definições, estamos ontologicamente presos. A prática psicanalítica, ao contrário, tem como movimento, até como ética, aproximar-se da origem Real de toda essa bagunça do ser. Portanto, é a prática da produção máxima possível de Indiferenciação.

Antes de pensar em qualquer possibilidade de constituir uma sociedade governável deste ou daquele modo, primeiro é preciso instaurar e instalar a mente capaz de se defrontar com o modo que apresento. Só depois, é possível pensar como gerir isso. Não conseguimos nem gerir uma democracia... Aliás, não existe democracia em lugar algum, é um sonho. Na melhor das hipóteses, temos uma patotocracia, que chamam de oligarquia, que às vezes até trata bem os outros. Suponhamos um ideal de democracia escrito em algum lugar e que alguns tenham realmente conseguido fazer uma descrição dela – John Rawls, por exemplo –, ainda assim é uma ideia extremamente ocidental, filosófica, ontológica, definida, centrada, delimitada e, pior, quantitativa. Não tem como não ser.

• P – *É o problema da ideia de voto, supõe-se que cada voto valha a mesma coisa.*

É um voto por indivíduo, o individualismo em ação, e todos os votos valem a mesma coisa, o que é um absurdo. Mesmo supondo que ninguém consiga dizer qual vale mais, é um absurdo todos valerem a mesma coisa, pois isso não está regido por nenhum conceito de Vínculo Absoluto.

14

• P – *Em minha tese de Doutorado, “A Cidade Sou Eu”, defendida em 2008, há a articulação do campo do urbanismo a partir da Nova Psicanálise e a busca para estabelecer o conceito de cidade sob o ponto de vista da Pessoa. Na sequência, fiquei com a questão de, na mesma linhagem de pesquisa, articular qual seria a governança possível para as cidades geográficas a partir da postura diferocrática.*

Por que cidade geográfica? Se “A Cidade Sou Eu”, um dos conceitos que tem que dançar é justo o de cidade geográfica.

• P – *Porque é na cidade geográfica que existem normas, padrões, ali se estabelece a política. Daí, o termo polis. Então, a cidade geográfica vai impregnar uma série de regras, culturalmente falando, em que se aplica a suposta democracia. Por que não uma governança dessas regras a partir de uma postura diferocrática?*

Não estou dizendo que não pode, e sim que temos, antes, uma postura de consideração. Uma vez tomada esta postura, há a chance de emergir uma possibilidade de intervenção. Se nem aprendemos a postura, como já querer saber como fazer? Não é possível. A academia é que vem logo perguntando pelo *como* antes da consideração. Você usou os termos que costumamos usar – “como se interfere na cidade geográfica?” – , mas não há cidade geográfica neste pensamento. Existe, sim, vida concreta, transas. Cidade geográfica não existe, é o pensamento da *polis* grega: a cidade é geográfica, limitada, nacional. A *polis* é um **conceito**, e não uma geografia. Foi o conceito que delimitou a geografia, e não o contrário.

• P – *Mas ali se estabelecem normas, regras, padrões de comportamentos...*

Mas isto não será numa região geográfica. Será numa transa entre

formações. Como as formações vão transar se for possível uma Diferocracia? Por exemplo, não podemos ter uma Diferocracia, suponho eu, que não seja global porque não podemos ter fronteiras.

• P – *É o Orbanismo mesmo.*

Sim. Marx já dizia que não era possível constituir um comunismo regional. Isto, embora seja mais fácil estabelecer fronteiras e ali a patota ser comunista. Mas o diferocrático não pode ser geográfico, nem ser a *polis* no sentido grego. Tem que ser a *polis* no sentido *orbi*.

• P – *Entre os gregos, Diógenes dizia para Aristóteles que não era cidadão da cidade, mas kosmopolités.*

Sou cidadão do Haver. Mas Aristóteles é o campeão. Basta tomar a lógica aristotélica para perceber que é a lógica clássica grega, com identidade, princípio de não-contradição. Isto é o pensamento grego.

• P – *A Diferocracia, então, atribui poder não a qualquer diferença, mas à pura Diferença?*

Se se atribui o poder à pura Diferença, o poder tem que ser indiferente diante das diferenças.

• P – *Seria o poder da Indiferença?*

Não. A Indiferença é o modo de lidar com as diferenças. Sou indiferente diante das diferenças, ou seja, toda e qualquer diferença é acolhível, aceitável, porque todas têm a mesmíssima causa, a mesmíssima origem. A pergunta a ser feita é: qual é a postura política do analista? De absoluta Indiferença diante das manifestações das diferenças. Então, como vamos governar a *polis* no sentido novo, que não tem fronteira nem geografia, a partir desse ponto de vista? Temos que pensar e trabalhar muito com a cabeça e articular bem com as possibilidades. Por que é possível falar isto hoje? Porque há tecnologia que não havia antes. A tecnologia grega não dava condições para pensarem senão como pensavam. Onde se vê isso melhor hoje é nos EUA. Há aquela eleição, que é uma farsa, com modos de manipular os processos eleitorais em que as cartas são praticamente marcadas. Mesmo porque quando chegamos dois

lá para competir, são a mesma merda quase. A peneira já foi passada de tal maneira que certas formações jamais chegarão nem ao senado, quanto mais à presidência. Dizem “um negro na presidência”, mas que negro? Onde? O cara já foi peneirado, a pequena diferença da cor da pele sabemos que não vale nada. O cara chega lá em cima e começa a tomar decisões com a patota. Outra patota do lado fica sacaneando, mas, no fim, conversam e tudo dá certo. Mas quantas decisões não são tomadas para as quais já temos hoje tecnologia suficiente para referendo imediato? Demora uma hora para, mediante internet, falar com todos os cidadãos e tirar um referendo, até quantitativo, até grego que seja. Chamam isso de democracia. O que se tem ainda é apenas pesquisa de opinião, que é usada como suposto referendo e joga-se com isto. Mas um referendo mesmo é imediato: a questão está colocada, cada um vai para casa e aperta *sim* ou *não* no computador, e acabou. Por que não fazem isso? Por exemplo, “bombardeia-se ou não Kadafi?”, respondam agora: sim ou não. Isto seria referendo – o que é péssimo, pois o povo só pensa merda.

• P – *Não sabe votar?*

O pior é que sabe. O povo sempre foi reacionário. Há países mais desenvolvidos, em que o governo anda na frente, produz leis que deixam o povo horrorizado. Nosso país, na constituição, não tem religião oficial, é leigo, mas abrimos o calendário e estão lá *corpus christi*, natal... O que tenho a ver com isso, com feriado de católico que só atrapalha minha vida? Não importa que a maioria seja católica, pois há gente que não é. Que façam feriado na Catedral. É uma vergonha e um insulto à inteligência a constituição dizer uma coisa e o calendário ser católico. O que tenho a ver com a morte desse chato? Quantos judeus, quantos não cristãos em geral, quantos ateus temos? Se a maioria é católica, dane-se! Que façam seus feriados na casa deles.

• P – *Os judeus, no Brasil, fazem seus próprios feriados fora de qualquer oficialização em calendário.*

Estão certos. Estamos insultando o outro quando fazemos um feriado de uma data religiosa. E o povo engole isso como se fosse a coisa mais natural do mundo.

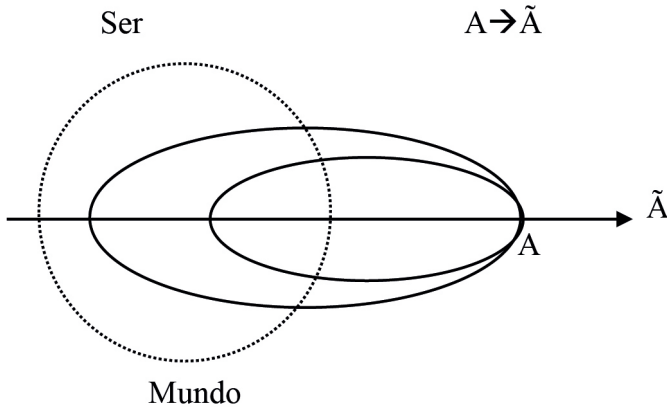
• P – *Há situações em que moradores de outras crenças processaram seus condomínios por terem comprado menorás e árvores de natal para colocar na portaria. Afinal, o dinheiro veio deles também.*

É um abuso e um insulto. Não tenho que entrar em meu prédio e encontrar uma menorá ou uma árvore de natal acesas. Que o façam em suas casas. Tomem essas pequenas coisas e comecem a criticar para ver onde chegam. Por isso, cria-se cada vez mais conflito.

15

Interessante que uma das teses mais prováveis da cosmologia contemporânea seja justamente compatível com minha ficção do Pleroma. Num artigo da edição especial da revista Scientific American, sobre *A longa história do universo: do Big Bang ao esgotamento do tempo*, podemos ver que, na verdade, o axioma ‘Haver desejo de não-Haver’ resulta nesse tipo de ideia cosmológica, a qual parece ser a vencedora entre os cosmólogos hoje. Nós não precisamos de ontologia, mas uma cosmologia é necessária para ratificar as ideias.

Nestes SóPapos sobre a Diferocracia me repetirei bastante. É preciso fazer isto para bem situar as coisas:



Este velho esquema serve para tudo. Então, digo de novo que o estatuto que foi posto para a psicanálise é, neste caso, o estatuto místico, ou seja, o afastamento do mundo, do ser – como o defino, nada tendo a ver com a filosofia –, no sentido da Indiferenciação. O que, então, dá estatuto para a psicanálise é: afastamento para indiferenciar. Este é o estatuto da psicanálise segundo a ordem do que foi posto como Alei, como axioma: $A \rightarrow \tilde{A}$, Haver desejo de não-Haver. Nesta fórmula está explícito que o não-Haver não há. Faço questão de que sempre se entenda o encadeamento da lógica: colocou-se um axioma, o qual impõe o estatuto místico de que, se o vetor vai no sentido de não-Haver – e o não-Haver não há –, o que pode encontrar é o Cais Absoluto, o Real. Então, o estatuto é o afastamento da ordem do ser, da falação que pretende dizer o que há, mas não tem como dizer, e aproximação do Cais Absoluto, onde você pode se tornar indiferente a todo tipo de havência e de oposição dentro do campo do ser, do mundo.

Com isso, desde o começo, estou dizendo que, de seu lugar específico, a psicanálise não toma partido de lado algum. Ela considera as oposições, reconhece-as, entende as forças e os poderes em jogo. Quando se toma partido no mundo, não se toma partido como analista. Pode-se tomar partido na consideração da Pessoa. O estatuto místico, portanto, resulta do axioma ‘Haver desejo de não-Haver’. A cosmologia de que lhes falei no início também resulta deste axioma. Aliás, a cosmologia está ficando muito interessante. Há agora, por exemplo, um grupo dizendo que esse negócio de energia escura não existe,

que podemos dar a volta pelo outro lado e descobrir que é outra coisa. Vejam que a ignorância deles é enorme, quase do tamanho da nossa.

• P – *Outra suposição interessante é a do pessoal que pensa em multiverso. Aham que a lei da gravidade sozinha não poderia funcionar do jeito que funciona, pois o peso da Terra é demasiado, deveria ser mais solto, deve ter interferência de alguma outra ordem.*

Precisamos nos mancar de que a humanidade é muito ignorante. Ficamos deslumbrados com as coisinhas que fazemos, os gadgets, as teorias, as construções, mas é porcaria, é pouco, coisa de macaco. Tentamos apalpar para ver se funciona, não é grande coisa.

16

Do estatuto místico resulta um processo. É melhor não dizer que a psicanálise tem uma técnica, e sim que, **na prática exercida, a psicanálise é um processo de cura**. Entende-se mal essa palavra, cura. Cura quer dizer *cuidado*. Como se *cuida* disso? As pessoas perguntam se isso cura, mas como vão ficar boas de existir? Não vão, isso não tem cura no sentido em que estão pensando. Tem cura no sentido de cuidar da joça. Fazer o quê?

• P – *Você já definiu a vida como uma doença terminal...*

...e ainda não perceberam que é? Nietzsche definiu a espécie humana como uma zizezira que deu no planeta. Vai ver que somos apenas uma doença de pele da Terra.

• P – *Ray Kurzweil faz uma brincadeira interessante ao perguntar se*

este universo não teria resultado de uma experiência malfeita por um adolescente de uma escola secundária em outro universo.

Vai ver que o cara errou lá e fez essa bosta aqui. Aí o pessoal o chama de Deus. É uma graça!

Retomando, então, resulta do estatuto místico o processo psicanalítico: aproximação do Cais Absoluto, isto é, aproximação do Real no sentido de encontrar o ponto de vista da psicanálise, que é o do Cais Absoluto. Faz-se o exercício para encontrar o ponto de vista adequado, que, retornando, é o do olhar indiferente. Desse processo o que pode resultar? Se o seguimos e chegamos ao lugar chamado Cais Absoluto, desde onde se tem um olhar indiferente, resulta o que, aí sim, podemos chamar de uma **Ética**. Na psicanálise de Lacan, a ética é que é o estatuto da psicanálise, colocada como *dever* por causa da frase de Freud: *soll Ich werden*. *Sollen* é dever no sentido de obrigação e no de dívida? Na cabeça de Freud, que é um homem do século XIX, está até certo colocar assim. Em nosso caso, como a ética não é o estatuto, podemos dizer que a ética é um dever nesses dois sentidos do português e, suponho, do alemão. Podemos dizer que é um dever – no sentido de que devo fazer isso – porque esse processo me botou lá, me empurrou para esse lugar único, então o que há para fazer é isso, tenho que fazer isso. Pensem bem, se qualquer manifestação é a partir desse ponto de vista, torna-se obrigatória. Não é que eu tenha a obrigação, ela é que é obrigatória. Não estou falando de nenhum sujeito obrigado como Lacan, que tem isso de um sujeito que fica nesse dever. Não é isto, e sim que o que é devido, nos dois sentidos, é que, se você ali chegou, qualquer manifestação deve ser assim. Isto, no sentido que, em português, falamos “deve ser”. Repetindo, se chegou lá, qualquer manifestação deve ser assim. Estou usando outro sentido do *deve* em português, que, na verdade, é também o mesmo.

Então, vejam que é intrínseco à situação: se você chega a esse lugar, se você se manifesta a partir dele, *deve* ser assim. Não tem outro jeito, a não ser que você não se manifeste. Se não for assim, não estará nesse lugar. Isto é importante para o entendimento da Formação do dito analista, pois, para encontrar esse lugar, para ser assim, não precisa fazer esforço ou trabalho algum. Se chegou lá, é assim. A ênfase está no processo de chegada ali. Se

chegou ali, se está nesse ponto de vista, é assim. Você não está fazendo esforço para ser ético: você funciona – *ethos* – assim. É o funcionamento da coisa, deve ser assim. Essa ética da psicanálise indica que sempre consideramos a Pessoa, qualquer Pessoa, a partir do Real dessa Pessoa, desse mesmo lugar que ocupamos. Se você chegou ali, qualquer Pessoa deve – no sentido que coloquei – ser considerada em sua posição ali, a partir dali. A Pessoa pode não saber disso, pode não estar lá, mas ela deve ser considerada como alguém para a qual, como eu, esse lugar está disponível.

• P – *E esse é o máximo de cuidado que se pode ter com uma Pessoa?*

Sim. Deparamo-nos com as coisas mais horríveis, com as maiores baixarias de outros níveis e outros graus, mas, se não considerarmos a Pessoa desde esse lugar, iremos tratá-la como um animal, um bicho. Mesmo que ela seja o mais animal possível que conseguir ser, só a podemos considerar a partir dali. Do contrário, se não for do ponto de vista da neutralidade e da Indiferença, como teremos a chance de deslocar as outras formações? Freud descobriu isto muito cedo e chamou de *neutralidade* do analista.

17

Se aplicarmos essa Ética, do Cais Absoluto, que **Política** poderemos pensar? Estou me encaminhando para situar o porquê da Diferocracia. Ou seja, essa Ética resulta em qual Política? O resultado de uma política a partir dessa ética que partiu de um processo que levou a certo lugar segundo um estatuto místico em função de certo axioma – está tudo encadeado –, a política proposta, que se pode pensar a partir daí, é a aquela que chamo de **Diferocracia**. Esta, como sempre repito, não é uma filosofia da diferença. Estou falando em diferença,

mas não é uma filosofia da diferença, pois a Diferocracia resulta numa Política que é reconhecimento de uma Identidade das Pessoas no Vínculo Absoluto. Lá no Vínculo Absoluto, em que esse lugar se torna o mesmo e que as pessoas ocupam, há o reconhecimento de que há **Identidade** das pessoas nessa vinculação e, portanto, consequente afirmação das diferenças produzidas e geradas por esta Identidade. **Diferocracia é, pois, reconhecimento da Identidade das Pessoas no Vínculo Absoluto e consequente afirmação das diferenças geradas por essa Identidade.** Podem achar esquisito eu dizer que a Identidade é um gerador de diferença, mas pensem no que é uma Pessoa. Ela é Primário, Secundário e Originário. Se desde o Primário são diferentes, como esse lugar estaria gerando as diferenças?

• P – *Seria porque o Originário vem primeiro?*

No processo de produção, o Originário vem depois, mas, no processo de consideração, segundo o pensamento que lhes trago, vem antes. No que surgiu no seio do Primário, o Originário se torna aquilo que faz a diferença desta espécie das pessoas para com todo resto, mas não para com o Haver. Mesmo que encontremos em cada pessoa uma base primária já formada, com suas diferenças e uma enorme massa recalcante aprisionada, é a partir da posição no Originário que é possível gerar como diferença todas as diferenças, mesmo as encontradas. Se o Originário é aquele capaz de fazer gerar o Secundário, e se é no Secundário que é possível articular as diferenças, onde as diferenças foram geradas? Lá onde as encontramos ou no lugar de consideração? É o lugar da consideração que gera todas as diferenças, as reconhecidas já dadas no Primário e as produzidas secundariamente. Ele gera tudo.

Ao conjecturar o Primário, temos o mau hábito de pensar que lá achamos as diferenças, mas não estão lá. Minha *suposição* das diferenças é de que lá estão, mas, lá no Primário, não sei dizer. Se não, viraremos kantianos procurando a coisa em si atrás do Primário. O Primário se manifesta, mas onde registro, considero, as diferenças? Num Secundário que só pode fazer isto por causa do Originário. Aliás, “por causa” é horrível. Não é *por causa* do Originário, e sim *porque há Originário*. Se perguntarmos para o cachorro qual a diferença entre ele e nós, o que responderá?

• P – *Au au...*

Mas, se perguntarmos outra coisa, também latirá *au au*. Ele não explica, ele *faz* a diferença. Não há Secundário sem ser produção do Originário. É isto que faz a diferença entre esta teoria que apresento e as demais. Esta espécie supõe que há construtos linguageiros até nas formações da realidade, mas quem supõe? Não é a árvore que supõe isto, sou eu. Se não houver Originário, não há Revirão, se não houver Revirão, não há falação, ou seja, não há articulação linguageira em qualquer nível. Sem essas articulações, nenhuma diferença se estabelece como tal.

• P – *Ou então parte-se de um recorte em que só se considera a diferença enquanto tal, como faz o estruturalismo. O Originário não é questão para ele, parte-se da diferença posta.*

Assim como as filosofias da diferença partem da diferença posta. Mas posta por quem? Como se árvore fosse diferente da pedra. Como sabemos se é diferente? O cachorro mijá na árvore, não há diferença alguma ali, estão falando de igual para igual. Há uma formação do cachorro que reconhece a árvore, mas não há esta consideração para ele.

• P – *E na briga do cachorro maior com outro menor medindo forças?*

Você é quem mede essa diferença. O menor só tomou porrada e fugiu. É horrível a mitologia ocidental de fazer a conjectura e projetar no outro. Projetamos na realidade a conjectura que fizemos – é coisa de maluco. Faço a conjectura, estabeleço a diferença com *nomes* (ainda tem isto), aí atribuo à realidade. Mas fui *eu* que fiz. Lembrem-se do que chamo de **Gnomo**. As formações, enquanto Gnomos, estão lá. Porque atingem de modo diverso as formações da minha percepção, começo a constituir as diferenças. Elas são diferentes? *São* – mas vejam que é um verbo, *ser*. Falo do verbo *ser*, pois, como sabem, para mim, *ser* e *ter* são a mesma coisa. Faço a observação de que há tal Gnomo que inclui formações que me parecem que outro não inclui, aí estabeleço essa formação e começo a fazer descrições, nomeações. Elas são delirantes? *Mezzo a mezzo*, pois as formações são Gnomos que são constituídos cada um de sua maneira. Ao descrever, descrevo o que é tal Gnomo em transa com as

“minhas” formações. Significante, significado e Gnomos, S/s/G, tudo isso está em jogo para produzir uma descrição – que é uma descrição mesmo que seja motivada pelo Gnomos. Fazemos a suposição de que é diferente porque assim nos parece e assim o dizemos. Notem, portanto, que este pensamento não parte das diferenças, e sim, no caso da ética e da política, da Identidade de todos no mesmo *lugar*.

• P – *Como surge a diferença nesse processo de registro e de computação?*

Surgem as diferenças porque os Gnomos das outras formações começam a aparecer. Por exemplo, se eu considerar as formações que parece que você me apresenta, jamais me acharei igual a você, o tempo todo me sentirei no lugar do racista. O que me permite não ser racista com você? Saber que você e eu é a mesma coisa.

• P – *Seria o mesmo exemplo do cachorro fazendo xixi na árvore?*

Só que, quanto a essa Pessoa, por causa de um processo que fiz, reconheço que ela é idêntica a mim naquele lugar e que o resto é figuração. As formações do Primário (o corpo, o desenho que ela tem) e as formações recalcitrantes do Secundário que ela repete como neo-etológico, tudo isso faz diferença. Mas tenho um lugar desde onde sou idêntico ao outro, e sou até abusivo em dizer: **eu sou você**, pois estou deslocado.

Por exemplo, quando as democracias tentam se desenhar, como não têm essa configuração de Identidade e sabem que as pessoas são todas diferentes em quase tudo, estabelecem aquilo de que Lacan precisa para sua teoria, uma *lei* genérica para dizer que todos são iguais perante a lei. Lacan tem lei, Nome do Pai, etc., porque pensa assim. Isso tem uma configuração de Terceiro Império, que deu no mesmo lugar que dá um cristianismo, com pai, filho e espírito santo. Trata-se aí de pegar no regime do Secundário e estabelecer um elemento vertical, externo, segundo as constituições desse Secundário. Nós fazemos quase a mesma coisa, mas pensamos – e é a característica gnóstica deste pensamento – que sabemos e temos a experiência real dessa presença, e ela basta como referente. São essa presença e esse lugar que até nos permitem

formular leis. É completamente diferente do lacanismo, que parte dos diferentes e joga dentro do Secundário. Nós partimos de uma experiência radical de um *conhecimento absoluto* que me dá esse lugar, o qual lugar gera todas essas coisas, inclusive a possibilidade de, secundariamente, estabelecer a ideia de lei.

- P – *Para não ficar subdita a ela.*

Não, porque sou eu que a faço.

- P – *Se não, seria situação morfótica barra pesada.*

É o que acontece com as religiões.

18

Vejam que esta postura é radicalmente diferente de quase todos os hábitos ocidentais, sem ser necessariamente um hábito oriental. Por isso, digo que o que aconteceu mais perto foi a Gnose. Há muita bobagem nela, mas foi quem disse que há um conhecimento absoluto e, porque há este, posso conseguir outros. A política da Diferocracia, então, é reconhecimento da Identidade do Vínculo Absoluto e consequente afirmação das diferenças geradas por esta Identidade. Esta é a **posição política do analista**. Se ele, com suas ações no mundo, puder virar exemplo ou influência, tanto melhor, mas não estou falando de introduzir isso no mundo como *uma política*. Não ainda, pois só pode ser de maneira exemplar, por influência. Se houver analista, se a postura analítica e a psicanálise se espalharem pelo mundo – suponhamos isto que é insupponível –, virarem uma cultura mundial, qual política de mundo resul-

tará? A Diferocracia. Mas se um deputado ou senador de terno vierem implantá-la, podem tirar da cabeça essa ideia, pois isto jamais acontecerá. Nem um ditador fará isto. Uma ditadura pode ser diferocrática, porque o ditador pode ser lúcido, como está dito em Platão, aliás. Estamos dentro da mitologia de que só na democracia é possível isso ou aquilo, mas não é verdade, pois as democracias existentes são todas oligárquicas. Então, não existe a experiência de democracia, o que temos são oligarquias mais simpáticas, mais escrotas, mais traiçoeiras, mais ladras, mais distributivas, etc.

- P – *É possível implantar uma ditadura assim? Parece incompatível.*

Por que não? Não sei.

- P – *O que seria o governo de lúcidos?*

O do psicanalista. Vejam que estou roubando a ideia de Platão. Ele dizia que, se pusessemos um filósofo no poder... Imaginem o analista no poder, onde as pessoas lhe delegassem todo poder, pode acontecer...

- P – *Mas você acabou de dizer que, como analista, sua postura é sempre de Indiferenciação, então como vai governar?*

Sua postura é de Indiferenciação, mas sua ação não.

- P – *Como é possível governar sem tomar partido?*

Faço a pergunta contrária: como você, na Indiferenciação, pode analisar? É a mesma questão, pois uma coisa é manter a postura, outra, é lidar com o mundo com referência a essa postura. Não temos que tomar partido algum, temos que mexer. Temos todos os maus hábitos possíveis. Por exemplo, o de que, se estivermos em qualquer situação de comando, teremos que tomar partido. Por quê? Ao contrário, deveríamos não tomar. Quando se chega ao poder judiciário, faz-se a hipótese de que o juiz é isento. Por que não em relação ao poder executivo? O analista tem uma postura, assume esta postura, que é sua referência, e, com isto, pode agir em qualquer situação, analítica, pedagógica, de governar, todas as ditas impossíveis. O que não existe é quem funcione no mundo com essa referência. Mesmo entre os ditos analistas, é muito raro.

- P – *Isso seria o que você chama de Clínica Geral?*

Sim. Por exemplo, o governante psicanalista viveria exercendo a Clínica Geral sobre o mundo. Mas um governo como esse só pode existir em nível global. Não se pode nem tomar partido de seu país, nem mesmo isso.

- P – *Teria constituição?*

Sim. Por exemplo, “Artigo primeiro: Haver desejo de não-Haver”.

- P – *Para quem disse que não se pode implantar uma política difero-crática, você já está dizendo muito.*

Estou dizendo conjecturas possíveis para pensar essa postura dentro de uma situação de mundo. Estou brincando com os filósofos. Platão, por exemplo. Mas, daí, há muita coisa para andar pela frente. Estou dizendo quais são as bases.

Se tenho, então, que reconhecer as diferenças geradas pela Identidade, esta posição está dizendo uma coisa extremamente cara que uma democracia, por exemplo, não suporta. Foi, aliás, a denúncia feita por Sócrates, de que qualquer diferença é verdadeira. **Além de ser Real, de haver, qualquer diferença é verdadeira.** Não há uma diferença mais verdadeira do que outra. Se ela é verdadeira, quer dizer, não posso falseá-la em hipótese alguma. Não há como falsear uma diferença. Ela há e ela é porque se manifesta no mundo. Então, ela é lícita e legítima, ou é lícitável e legítimável. É nesse ponto que as pessoas não suportam a ideia de Diferocracia, pois nem a democracia é assim. Então, ela é verdadeira, lícita e legítima em sua havência, essência e existência: *há*, é e *existe* legitimamente, lícitamente. As pessoas dizem que isso é ingovernável. Não acho que o seja.

- P – *Além da psicanálise, haveria alguma posição próxima disso?*

Se fizerem uma mistura de Marx com Proudhon e mais algumas coisas, dá samba. O Brasil ainda vai dar samba... O brasileiro que pensa melhor tudo isso é Mangabeira Unger. É difícil ele aceitar isto porque é muito atormentado, mas se encaminha para lá. Já o citei muitas vezes.

• P – *Ele voltou desgostoso para a Universidade depois de ter feito parte do governo.*

Leiam seus livros e verão que não há a menor condição de fazer isso aqui. Foi fazer o quê no governo Lula? Ele tenta manejar o que chamo de Diferocracia como governo porque é alguém da filosofia política, do pensamento jurídico, etc. Ele chama de *experimentalismo democrático* e quer enfiar na cabeça das pessoas que, exatamente como penso, tudo é artificial, que não há que pensar que alguma estrutura seja natural. Diz que uma estrutura não é uma estrutura, e que é preciso viver num mundo de artificialidade constante. Ou seja, nenhuma formação é sagrada, nem deve ser mantida na política. Quem escutará isto? Mas o Brasil está dando de dez em pensamento.

• P – *Ele deve participar do governo Dilma.*

Fará o que no governo Dilma? Ele é ministro para Quarto Império. Quando estiver instalado, podemos chamá-lo, mas, aí, já terá morrido. É interessante que um governo coloque lá um cara desses.

Quando, então, se diz que qualquer diferença é verdadeira, portanto lícita e legítima em sua havência, em sua essência e em sua existência, parece que a coisa é impossível de uma vez por todas. Isto porque outra coisa é o exercício, o como exercer esta postura no mundo. Terá que haver espontaneamente no mundo uma transformação, uma metamorfose. Não acredito em revolução de espécie alguma, pois é besteira, faz muita merda e, como o nome está dizendo, geralmente acaba voltando para o mesmo lugar.

• P – *Qual o papel das leis nessa configuração?*

Isso fica para depois, pois não quero fazer de conta que estou inventando uma forma de governo. Mas vejam que: 1) tudo tem que ser global, não podemos ter fronteiras; 2) não podemos ter governos, temos coordenações: não há um presidente, e sim um coordenador *ad hoc*; 3) não podemos nos relacionar com o mundo só através de regionalismos geográficos: não sou brasileiro, e sim de tal tribo, que tem um pé aqui, outro na Argentina, na China, etc., é rede, só *estou* nesse lugar, não *sou* daqui. Vejam a cabeça que é preciso formular para chegarmos a um Quarto Império que comece a implantar esse

tipo de coisa. Se um Quarto Império realmente aparecer, esse tipo de coisa será realmente exigido.

Observem que certas fórmulas antigas já começam a ser quebradas. Quanto à Líbia, por exemplo, certa formação mental do mundo está atualmente passando por cima do governo de lá e não quer nem saber de nada. Como um país autônomo, poderoso, se mete numa guerra civil dentro de outro país e toma partido? Isso é impensável em termos de séculos XIX e XX. Hoje, está errado? Não, porque o pessoal que está lá é da minha tribo. Já começa a haver deslocamento e não interessa se um país é do outro, pois aquela turma que está contra é minha gente. A coisa já está se implantando apesar das definições antigas. Aquilo é um país, o pessoal tem que resolver lá dentro se quer ou não o Kadafi, tanto é que um monte de gente quer, se metade ou quarenta por cento querem, então é uma guerra civil. Segundo a diplomacia antiga, não podemos nos meter. Eles que resolvam e depois nos avisem. Mas Bush já passou por cima e agora Obama também: caguei, trata-se de minha tribo, defendo-a em qualquer lugar. Cadê a fronteira?

• P – *Acho estranho, pois, por outro lado, parece que se trata de impor o que se deseja. Se venho com um poderio de força que é absolutamente dissimétrico no planeta, há a imposição de uma democracia americana porque tem a força e o poder. Não seria porque minha tribo lá está, e sim porque quero impor o que penso aqui, lá e acolá.*

Mas até hoje não se impôs. Kadafi está há quarenta anos lá negociando bem. Quando, lá dentro, surgiu o conflito, tomaram o partido de seu pessoal. Vai-se impor isso através de *seu* pessoal. O que digo é que essa diferença está começando a emergir e se impor apesar das configurações antigas. É só um começo. Um dia, isso terá que ser organizado numa nova forma de transa.

• P – *Mas dá a impressão de que a emergência não é da consideração das diferenças, e sim do poder já estabelecido que continuará a ser aquele que continuará a ditar as coisas. Não estou vendo como a Diferocracia aí...*

Não há Diferocracia aí. São alguns elementos disso que começam a surgir. Isto era impensável pela ONU ou quem quer que fosse há vinte anos. Não havia lugar.

• P – *Dá a impressão de justo o oposto, ao invés de deixar emergir as diferenças...*

Já surgiram.

• P – *...estão aproveitando que lá surgiram, não concordam com os rebeldes...*

Concordam plenamente.

• P – *...mas só querem tomar o poder lá.*

Não querem lá apenas tomar o poder. O já explícito é: tenho o poder, uso o poder, quem tem poder, tem poder. Acontece que isso não era pensável, exequível, e agora se tornou exequível. Há quarenta anos, estão negociando petróleo com Kadafi sem mexer. Quando lá surgiu essa diferença, resolveram aproveitar. Como têm poder, vão meter a mão. Isto não era possível antes. Todos do lado de cá estão achando o maior barato que o mundo árabe esteja se esfacelando. E talvez a maioria deles de lá também, pois aquilo é um inferno. É o mesmo que viver com a Igreja católica na Idade Média. As pessoas querem a libertação daquilo, não importa de onde venha. É o poder americano? Que venha.

• P – *Mas você disse que as pessoas deveriam ser consultadas sobre o que realmente pensam, e não nós daqui achar que sabemos...*

Mas eles dizem. Hoje, tem internet. Dizem no mundo inteiro.

• P – *Lembrei-me do que foi dito sobre a proibição do uso da burca.*

Uma coisa, do ponto de vista de Estado ou de governo, é impor algo. Outra, do ponto de vista pessoal, é querer usar a burca. Não podemos nos meter nisso. Há que fazer esta diferença.

• P – *E não há gente que quer andar com a Igreja e com Kadafi?*

Que façam isso, se for possível. Se não for, porrada nos dois.

• P – *Uma empresa católica criou um aplicativo para o iphone como o objetivo de “curar” os gays. Os gays protestaram alegando que não pode ter um aplicativo como esse.*

Acho que pode. São essas coisas que nos deixam confusos. Outro dia, Walter Williams estava sendo entrevistado na televisão. Ele é mais negão que Barack Obama e é um dos maiores economistas dos EUA, famoso por ser contra o que fazem “a favor” dos negros. Sente-se ofendido por haver cota, por exemplo. Disse que estava sem privilégio, mas, se chegou onde chegou, foi porque estudou cinco vezes mais e passou à frente. Ele se perguntava por que não poderia haver discriminação. Respondeu que pode sim, pois ele mesmo discriminou todas as mulheres brancas e só se casou com uma negra. Vejam que uma coisa é não poder dar porrada em veado na rua, mas se alguém quiser fazer a ideia de que pode curar todos os veados do mundo, pode fazer, nada temos a ver com isso. Eles que não se curem. Ou seja, não posso agredir o outro, mas, diante dele, posso dizer que não gosto e não quero aquilo perto de mim.

• P – *Na França, o debate foi sobre a proibição da burca nos locais de trabalho.*

Está errado! A burguesia francesa é que é fascista, sempre foi. Deputados vestirem terno é uma indecência. Todos de terno no Congresso, que palhaçada é essa? Em 2011, com um calor desses, alguém de paletó e gravata, que coisa mais grotesca. Este deveria ser um problema do Ministério da Saúde. Estamos no Terceiro Império morrendo e temos nascendo o Quarto, que é uma zorra, de implantação difícilíssima. Por isso, vemos que tudo está estapafúrdio. O bestalhão do Sarkozy vai proibir a pessoa usar burca? Por que não uma lei para proibir o deputado de terno? É tão ridículo e religioso quanto. Alguns dirão que ele é democrata e que aquelas mulheres são obrigadas. Vamos parar com isso, ninguém mora em Paris obrigado a usar burca. Elas que saiam de casa e vão para outro lugar. Estão lá porque querem e gostam. Se estivessem em país árabe, poderíamos até dizer que não têm saída, mas em Paris?!

• P – *Mas aí diriam que, então, pode se obrigar a cortar clitóris.*

Cortar clitóris não pode. Uma coisa, é estar debaixo de uma pressão do governo que obriga alguém a querer fazer isso. Outra, é alguém *querer* fazer. Não há essa porção de caras cortando o pau fora? Nada temos com isso.

Mas, obrigar a cortar, é sacanagem. Não pode um Estado obrigar determinada coisa, mas, se as pessoas acharem bonitinho e quiserem, nada temos com isso.

A posição política do psicanalista é a determinação do poder da diferença – Diferocracia – na concepção das sociedades e dos Estados. Quando olha para o político, o psicanalista procura que haja o poder à diferença, e não ao povo. Se quiserem um pouco de esclarecimento: **Sociedade** é qualquer agrupamento vincular de pessoas por ligação espontânea, isto é, sintomática, ou contratual; **Estado** é qualquer formação de vontade governante sobre uma sociedade. Temos que repensar tudo. Se a referência do pensamento é esta psicanálise, é assim que se pensa. O como se faz é outra coisa.

19

• P – *Em nossa Oficina Clínica de hoje, pela manhã, falávamos sobre o caso do rapaz que, quinta-feira passada, atirou e matou mais de dez alunos do primeiro grau de uma escola municipal do Rio de Janeiro.*

É simples, se as circunstâncias são essas, é o que acontece. E vai acontecer mais. Outros que têm a mesma ideia, tomam coragem. Quem não tem ideias desse tipo?

• P – *Após o surto, surgem providências. Mas, antes, o que fazer? Dado que a psicanálise tem meios para supor que certos acontecimentos prenunciam o surto, como pensar em alguma prevenção?*

O que pode ser feito é, de algum modo, a *contenção* – policial, psiquiátrica... A psicanálise nada tem a fazer. Muitas vezes, em relação a algum

analisando, vemos que o encaminhamento provavelmente resvalaria para lá. Mas isto, provavelmente. Vejam que, quanto ao caso que vocês estão citando, primeiro, a escola é a bosta que conhecemos, segundo, o garoto foi sacaneado de todas as maneiras, terceiro, tinha problemas psíquicos não detectados por ninguém e nada foi feito. Alguma prevenção, se houvesse, deveria ser feita aí. Prevenção, para nós, seria ele, desde cedo, entrar em análise, recompor seu universo mental. É análise preventiva, para abrir, esclarecer. Um garoto desses pode ter pirado por mera repetição de acontecimentos. Mas nada sabemos a respeito, e as pessoas dizem todo tipo de bobagem sobre a situação – menos o que interessa. Por exemplo, que, embora seja estatisticamente pouco, isso é trivial, nada excepcional. Basta frequentar a cabeça das pessoas para ver que estão metralhando todo mundo por aí. Só que algumas escapolem e fazem mesmo. André Breton dizia que sair atirando a esmo é o ato surrealista por excelência. Aí as pessoas ficam chocadas, dizem mais asneira ainda, passam mais panos quentes. Dia seguinte, os deputados começam a querer repensar a lei sobre as armas, etc. Se houvesse pessoas armadas lá, talvez ele tivesse matado menos gente, ou nem matado ninguém. A questão política é que, com o povo desarmado, o governo faz o que bem entende. Em 1964, no Brasil, com todos armados, teria ocorrido o que ocorreu? A prevenção, por exemplo, seria manter o país em alerta – coisa que jamais acontecerá. Um alerta analítico.

• P – *Fala-se de bullying na escola, mas não da escola como bullying, como aparelho que se torna cada vez mais psicotizante. Escolhe-se determinado problema para ocultar o modo de funcionamento do resto.*

Primeiro, não se sabe o que fazer. Segundo, farão o quê? Há enorme dificuldade em lidar com surtos. Entre analistas, em vez de falar por trás, é sempre melhor dizer na frente, pois pode ser que o surtado seja quem está dizendo. Existe a loucura de manutenção – que é a nossa – e há pessoas que perdem as estribeiras, têm surto de alguma coisa: alcoolismo, psicose, burrice... Não dizer na frente é hipócrita, técnica e intelectualmente errado. E mais, de modo geral, as pessoas surtam com frequência. Não é preciso ser tão assustador. Há momentos em que, como eu disse antes, temos que conter. Mas pode acontecer de, de repente, perdermos a noção e irmos para o passado e

aquilo se presentificar demais. Esse garoto que atirou pode ter pirado e entrado na escola antiga. Como acontece em sonho, ele era duas pessoas: a criança que sofreu *bullying* e aquele outro armado. Ele era sem noção – o que, aliás, é a característica da espécie humana: a espécie “sem noção”. Nossa loucura é esta. Por isso, estabelecemos formações diretivas, coordenadoras.

A função mais importante na psicanálise é a pessoa instalar formações capazes de com-siderar as outras. Se não, elas começam a agir cada uma por sua vez independentemente e a fazer merda. Qual é o valor funcional de uma teoria? Mais frequentemente é o valor funcional de uma ideologia. Esquecemo-nos de que há um fundo ideológico numa produção teórica para servir de função diretiva. Mas se isto vira uma ideologia pesada, então é outra loucura. Quando Freud conta historinhas a respeito das funções das pessoas, é porque estas historinhas vieram até dirigindo os movimentos delas: Édipo, etc. É fundamental termos formações as mais soltas possível, capazes de com-siderar as outras, de estabelecer certo modo de operação mais ou menos contido. Em sua maioria e a maior parte do tempo, é possível observar que as pessoas são absolutamente incongruentes em todos os pontos. Vemos que a pessoa foi tomada por uma formação que começa a fazê-la agir, depois, desliga aquela e é tomada por outra. Elas não conversam entre elas e nem têm uma central organizadora que possa estabelecer a relação e a crítica. Na tal família é essa loucura. A mesma pessoa que empurra o filho para uma direção, depois pira e empurra para outra. É a veneta da mãe, do pai. Vemos que é a pessoa que deu uma surtadinha naquela ocasião com aquela formação. Vem um sintominha e dirige o ato, vem outro diretamente oposto e dirige também. Ela não é capaz de buscar um pouco de coerência, de organização de pensamento. Como obedecer?

No ambiente militar, por exemplo, há a vantagem de não termos que dar satisfações pessoais a ninguém, mas apenas ao regulamento. Família não tem regulamento. Há grande quantidade de adolescentes que saca isto e procura alguma ordem militar. Sacam que lá não há ordem, só sintomas, então vão para onde há ordem. Nas ordens religiosas, quando não são apenas bandos de doidos, também há uma lei, e não um chique. A lei pode ser uma

merda, mas é possível regular-se por ela, que é *constante*. Na família não há constância, cada hora é uma das maluquices de um. Nem se sabe qual é a maluquice correta. Há um fundo sintomático da cultura, mas sem regulamentação para nos defendermos. Não gosto de milico ou de exército, mas, para um garoto, é excelente.

20

É claro que existem conflitos políticos, sociais e culturais extremos que, às vezes, resultam em embates mais ou menos violentos, mas podemos nos dar conta de que sua motivação não é estritamente política, e sim religiosa, cultural, de conflitos de formações de civilização... Como questão política, parece costumeiramente excluída, parece uma excrescência, no mundo contemporâneo a ideia de valência de ditaduras, de autoritarismos, etc. — é claro que ainda podemos cair nelas, que ainda se cai, pois existem em muitos lugares.

Se tentarmos, certamente do ponto de vista que nos interessa, estabelecer um denominador comum, poderíamos dizer que a questão política mais evidente em nossa época é a da oposição entre duas posições mais ou menos recalcitrantes há certo tempo não apenas no mundo ocidental, mas no mundo inteiro. Estas duas posições me parecem ser de duas formações típicas e nítidas, que recebem os mais diferentes nomes, as mais diferentes graduações, mais intensas de um lado, mais brandas de outro, mais ou menos elaboradas. Até os países ditatoriais que estão sendo abalados pela tecnologia... O engraçado é que o abalo atual das grandes ditaduras, sobretudo as do Oriente, do mundo árabe, etc., deveu-se a uma espécie de sucedâneo do que a psicanálise devia

fazer: comover as formações. Quem comoveu as formações foi a internet, o que acho excelente, pois esta é a tarefa que a psicanálise se propôs, mas com a qual não consegue fazer muita coisa. A turbulência da tecnologia acabou promovendo a relativização de posições, de ideias, que abalou as certezas já obtidas, ou, pelo menos, obrigatórias, desses lugares. É um fenômeno que nunca existiu, é completamente abertura para o Quarto Império. O Terceiro Império é inteiramente ideológico e impositivo. Seu modelo típico é o cristianismo da Idade Média para cá: uma imposição mundial, sem relativização, seja no mundo árabe ou no mundo cristão.

Quando Freud começou a brincar de pensar dentro do Ocidente, o que estava introduzindo era a dissolução das formações, que chamou de *ana-lysis*. As pessoas esquecem que a palavra *ana-lysis*, análise, significa desmembrar as formações, que é o que estamos vendo acontecer com mais pregnância, mais força, mediante uma certa tecnologia. É claro que a tecnologia não procura, para além da dissolução, nenhuma formação de compreensão, como a psicanálise costuma fazer. A psicanálise, além de dissolver as formações, procura montar um aparelho compreensivo. A tecnologia não faz isto, mas esfacela, pulveriza as formações. Para mim, é a declaração de morte do Terceiro Império. Não é o Quarto Império, mas o esfacelamento do Terceiro. Este é um parêntese que faço sobre o que está acontecendo por aí e atinge o Oriente, o Ocidente, todos os lugares. A China pode ficar por um tempo fingindo ser ditadura, mas vai ser corroída por dentro pelo processo capitalista que ela mesma está promovendo e pelo processo de comunicação que ela tenta, mas que não conseguirá, segurar. Estamos, pois, nesse processo de epidemia que vai matar o Terceiro Império.

Mas, com ou sem epidemia, há duas posições de formações típicas na discussão política mundial, que vivem se digladiando e que, como disse, podem ter os nomes mais diversos em função da modalidade, da intensidade, maior fechamento, maior abertura, maior pregnância. Tenho pedido que leiam certos textos para tomarem noção disso ou, pelo menos, organizar essa coisa. Podemos resumir essas duas posições brutalmente como: uma **posição socialista** e uma **posição liberal**. Este é o processo de conflito político contempo-

râneo, que vem de longa data. Entre os economistas, podemos dizer que, num extremo, estão os libertários, como Robert Nozick (1938-2002), que pedi que lessem e que é um extremo para mais do que Friedrich Hayek (1889-1992), de quem já falei há décadas. Do outro lado, estão os, digamos genericamente, socialistas, os socializantes, que podem ir para a vontade socialista mais extrema, o que, aliás, é uma balela, pois nunca existiu e nem tem condição de existir, é falsa. Marx era genial, descobriu coisas incríveis, mas plantou uma besteira inexequível e inabordável por qualquer teoria: a suposição, mais ou menos idiota, de que há o determinismo materialista histórico. Isto não existe, pois a eventualidade supera qualquer tentativa de historicismo que se queira determinante. Este foi o sonho dele, de que a coisa chegaria lá por ter determinação histórica. É uma bobagem cada vez mais provada.

Estas duas posições se querem oposições, às vezes com muita radicalidade. Se tomarmos pelo lado americano, onde a oposição é nítida até em termos de organização política, temos os dois nomes típicos: Rawls e Nozick, cada qual com argumentações brilhantes para o lado de sua sardinha. Isso resulta, nos EUA, onde partido existe de fato – no Brasil, é de mentirinha –, em Republicanos e Democratas. Os republicanos, sempre puxando para o lado libertário como última instância, e os democratas, para o lado socializante. Vejam que Barack Obama está sendo xingado de socialista dentro dos EUA por estar tomando certas coisas que são da ordem da social democracia.

De nosso ponto de vista, o que interessa pensar como embasamento para estabelecer ideias sobre Diferocracia, é: que coisa é essa que está presente em qualquer momento da chamada história, de qualquer formação política, da mais antiga à mais recente, para a qual acho que dá para estabelecer o denominador comum das formações com esta ou aquela posição, com várias graduações intermediárias (pois é gradual)? Podemos considerar dois vetores: um, que vai para a direita, como as pessoas costumam chamar, que é o vetor liberal, e o que vai para a esquerda, que é o vetor socialista. Eles podem até se cruzar: nos extremos, temos cem por cento de um e cem por cento de outro, e, no intermédio, todas as gradações. A leitura que estou fazendo é reduzir todas as formações ditas políticas, todas as vontades políticas que geralmente

se apresentam com rosto ideológico, a essas duas bases: vontade de mínimo de organização e determinação política governamentais, e vontade máxima, se não total – no sentido totalitário –, de organização socializante. Temos que lembrar que mesmo o nazismo é socializante. A regulação máxima da vontade socializante é do tipo do nazismo, do stalinismo. Uma organização da sociedade – como Estado, naturalmente – com vontade liberal não aconteceu em lugar algum com a força que aconteceu para o lado socializante. Nem Margaret Thatcher e Ronald Reagan conseguiram. Eles tentaram, mas é difícil, pois a força estatal é grande. Como conhecemos, aconteceram vontades socializantes poderosas e efetivas, mas, para o lado liberal, é bem menos. A direita dá a impressão de estar sempre ganhando, mas jamais ganhou.

21

De nosso ponto de vista, para vir a entender a possibilidade de uma Diferocracia, o que nos interessa é: que sintomática é essa que se exprime no campo da política com configurações ideológicas que, em última instância, podem ter dois denominadores comuns, para cá ou para lá? Um cientista político acharia que estou fazendo uma redução absurda, mas não interessa o que ele pensa, e sim o que vemos em termos de formação sintomática que comanda as configurações efetivas da política no mundo. São duas configurações sintomáticas de base que, se procuramos em termos das nossas ferramentas pessoais, de nosso trabalho, poderemos, sem temer muito erro, dizer que temos duas configurações, como temos no caso das formações patológicas: **Paranoia** e **Metanoia**.

Configurações políticas paranoicas são as de esquerda, configurações socializantes sempre de olho no outro. Formações metanoicas são aquelas em

o que interessa é o que se faz, o que se produz, em que tudo está esfacelado independentemente de grandes organizações – que são as que montam o delírio tipicamente paranoico de vontade de totalização –, e em que está a vontade de fragmentação e de observação caso a caso, produção a produção. Os políticos não sabem disto. Se soubessem, talvez pensassem um pouquinho melhor. Temos, pois, duas vocações políticas “naturais” do ponto de vista da psicanálise: uma, paranoica, e outra, metanoica. Os americanos podem, por exemplo, dizer: a paranoia de Rawls e a metanoia de Nozick. (Cito Nozick por ser tipicamente americano, embora herdeiro de Hayek). São duas caras facilmente reconhecíveis. Os cientistas políticos e os políticos em geral sempre põem em confronto esses dois eixos.

Então, como curamos uma instituição de vocação paranoide ou metanoide? Há forte tendência de qualquer pessoa a encaminhar-se para um desses dois lados, com todas as gradações. Tanto é que muitos na ordem política supõem poder curar esse conflito estabelecendo um centro: centro direita, centro esquerda... Ficam procurando as gradações para nomear. Precisam nomear porque as políticas se desenvolvem no sentido da determinação do poder, e quando se organizam no sentido de determinar quem vai para o governo, organizam-se de modo partidário. Isto fica nítido quando determinado lugar tem partidos de fato. No Brasil, é de mentira, é sempre uma direita avacalhada e uma esquerda esculhambada, aquela coisa meio *flow*. E ainda tem aqueles que, por interesses pessoais, de patota, mudam oportunamente de partido. A última eleição, por exemplo, foi tudo a mesma coisa. Buscava-se ver quem era o mais simpático. Como José Serra é careca, de mau humor e tem uma péssima impressão pessoal, Dilma Rousseff ficou mais interessante.

• P – *Um partido político não é sempre uma formação paranoica?*

A simples ideia de partido é de uma formação ou perversa ou psicótica. Querer carrear o movimento de uma massa de pessoas para determinada configuração explicitada e desenhada, é coisa de quem não está passando bem. Ou é uma neurose grave, ou é perverso ou psicótico, um troço desses. No mínimo, é neurótico. As coisas se configuram em termos de partido, o que significa desenhar uma patota segundo *tal* ordem sintomática. Desenha-se um

sintoma que configura o suposto desejo de determinado grupo para querer tomar o poder e determinar todos os outros a partir desse ideograma. O nome disto é doença mental, não tem como não ser. É patologia séria porque, ao tomarmos determinadas configurações partidárias, que, digamos, sejam aparentemente mais brandas, há que ver que são configuradas pelo que Freud chamava de uma neurose, isto é, uma morfose estacionária em cima de determinadas formações. A gente *somos* isso. É o verbo *ser* aí. Quem somos a gente? A gente somos isso, para falar um português mais contundente. Não é nada diferente de um índio dizer que é uma arara, um tamanduá, ou de alguém dizer que é flamengo e outro que é fluminense. Mas quem vai morrer primeiro? É, portanto, no mínimo, morfose estacionária.

• P – *Com vocação regressiva?*

Com vocação nitidamente regressiva. Ou, se quisermos, podemos pintar isso como uma formação perversa, embora ache difícil, pois a formação perversa é insistir numa base de fundação mórfica e fazê-la progredir nas situações, o que é diferente de uma ideologia, que tende mais a ser uma coisa regressiva. É mais perto de morfose estacionária mesmo e de morfose regressiva. Partido, o nome já é esquisito, o troço é partido, um caco para lá, outro para cá. São formações sintomáticas querendo determinar o total. Acompanhem, por exemplo, uma campanha política eleitoral. Todos estão rosnando um para o outro, mordendo a bunda um do outro. Aí aquele que ganha vai “governar para todos os brasileiros”. É mentira! Ninguém pode ter uma ideologia e um partido e governar para todos. É papo de neurótico, do tipo “amo meus filhos todos por igual” – só que tem uns que são mais iguais do que os outros. As pessoas, às vezes, ficam chateadas quando digo que não é credível que alguém que seja ou se diga psicanalista possa ser confiável como psicanalista e ter qualquer tipo de partido. Alguém ser psicanalista católico, vascaíno, não pode. Se entramos nesse mundo, essas posições são subvertidas, não conseguimos aderir a elas. Se alguém é ainda isso, é mentira, é tudo, menos psicanalista. Não houve formação. Se houver formação, não nos reconheceremos em nenhum partido, seja de futebol, seja político.

Temos, então, na verdade, duas posições políticas vigentes há milê-

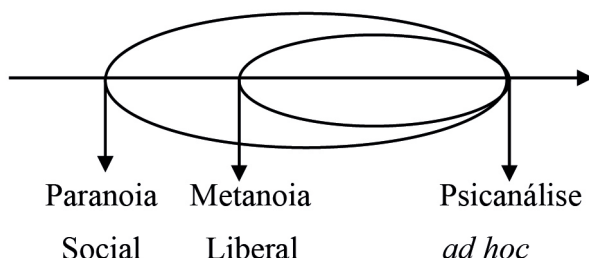
nios na face da Terra: **o partido paranoico e o partido metanoico**. À medida que podemos estabelecer uma pequena teoria sobre essas coisas, depois que temos esta lente, olhamos para esse aspecto político no mundo e vemos que é uma coisa estranha, é grotesco, ridículo, um bando de macacos, cada um com uma coceira diferente. Na melhor das hipóteses, quando pensam em termos de governança e processo de substituição dentro da governança, pensam em termos de alternância. Uma hora, fica republicano, outra, democrata, para dar uma equilibrada. Então, o que um faz o outro desfaz, o que o outro desfaz um faz. É um desperdício. Não sei se já foi feito algum trabalho de campo, de pesquisa, para saber quanto custa a alternância governamental. Certamente, se o republicano botar a mão, vai desfazer uma porção de coisas que custaram uma fortuna. O democrata faz a mesma coisa. A humanidade paga caro para ter direito à estupidez.

Quando, de nosso ponto de vista, consideramos todas essas formações submetidas a um escrutínio teórico qualquer que apresenta a solução de oposição de duas formações díspares, começamos a entender que essa coisa toda é *sintomaticamente* formulada (como qualquer formação, aliás). Então, se tivermos que pensar uma política orientada pelo pensamento psicanalítico, o que faríamos como recomendação?

- P – *Certamente não faríamos um centrão.*

Não é um partido de centro.

Se estabelecermos um Revirão e escrevermos essa oposição sintomática sobre ele, teremos o seguinte:



Como assumir a posição da psicanálise? O que seria um fim de Quarto Império? Estamos sonhando longe, não procurem isso no mundo que não vão encontrar. É coisa para fim de Quarto Império, para tentar chegar ao Quinto Império. Mas se houvesse a possibilidade de uma lucidez transmitida ao chamado Mundo em termos psicanalíticos, como seria? É extremamente difícil, coisa para milênios. Sobretudo, porque os psicanalistas também são uma porcaria. Se eles não conseguem investir-se disso, imaginem o resto. Tanto é que, no seio da dita psicanálise, as formações teóricas viraram time de futebol: “sou junguiano”, “sou lacaniano”. Não se pode entender que algum fio vermelho atravessa isso? Como estabelecer denominadores comuns? É tudo partidário, uma coisa feia na psicanálise. Além de partidário, costuma ser eclesiástico. Não se trata de não escolher um campo teórico para elaborarmos, mas temos que saber o que sobra de denominador comum disso tudo. Alguma coisa deve sobrar.

Imaginem o que é um pensamento psicanalítico querendo situar a questão política para fora da ordem sintomática. Não há posição política alguma no mundo que seja da ordem do Juízo Foraclusivo. Nossa ferramenta para juízo dessas coisas não pode ser partidária, ideológica, tem que ser na base do Juízo Foraclusivo. Isto porque, de dentro da posição da postura do analista, que é uma referência, não se pratica nada, nem mesmo análise. A postura é referencial. Que ninguém diga que vai praticar análise na postura psicanalítica. Isso não existe, é mentira. A postura é sua referência, é modo de estar. Quando se vai ao mundo, há que descer à ordem do mundo a partir dessa postura, o que é diferente de descer à ordem do mundo no partido de situações mundanas. Uma coisa, é descer ao mundo tomando partidos, referências mundanas, outra, lá descer com esta referência, com esta postura, mas, dela, nada vai lá, só a referência. Então, que diabo de política é essa que seria feita com base no juízo foraclusivo do governante?

• P – *O Estado sairia de cena?*

Não necessariamente. Esta é a vontade dos libertários, assassinar o Estado. A do outro lado, é o Estado totalitário. São os dois extremos: anarquia total dos libertários e governo total dos socializantes. Mas não é preciso sair,

mesmo porque não acredito na menor possibilidade de se governar qualquer coisa sem uma construção estatal. Pode até ser mínima, como diz Nozick, mas tem que ter uma ordem, um lugar de referência administrativa, política, etc. Alguma gerência, tem que ter. Em hipótese alguma acredito em anarquia ou em totalitarismo. Não funcionam, uma hora explodem. Tem que ter alguma organização, chamemos de Estado ou de outro nome, que fica na manobra da situação. Com erros, como sempre teve. Mas com que pensamento, que não seja ideologia para um lado ou para outro? Teria que ser um governante com uma formação, uma cabeça, uma referência, idênticas àquilo que seria um analista. “Seria”, pois acho que tem muito pouco essa posição analista na face do planeta. Estou falando de pessoas, são muito poucas, raras. As ideologias sempre vencem em nosso estágio civilizacional, fim de Terceiro Império. Lacan, aliás, dizia que a religião sempre vence.

O lugar de exercício para essa política seria uma **instituição psicanalítica**, mas nenhuma até hoje conseguiu nada que prestasse. O laboratório possível seria uma instituição onde cada um se colocasse como psicanalista, que tivesse formação e competência suficiente para conviver numa instituição de modelo psicanalítico. Isto não existe em lugar algum do mundo. Os analistas não têm tido competência para essa convivência. Vejam, então, que estamos teorizando, pensando a respeito, não há modelos existentes. A posição política, mesmo na indicação de governança possível, do psicanalista não é paranoide, metanoide e nem mesmo de centro, é de fora. É daquele ponto indicado no esquema acima. Ou seja, as posições a serem tomadas nos processos de governança são *ad hoc* configuradas: Estamos numa situação política x, em que, no momento, é preciso tomar providências socializantes; agora mudou, estamos num momento em que precisamos tomar posições liberalizantes. O governante não opta nem por um nem por outro. Então, as duas posições deixam de ser sintomáticas para serem *instrumentos* governamentais: o governante não está sintomatizado, e sim *usando instrumentos*. É o que Freud chamou de **neutralidade do analista**. O analista tem que ser neutro até em relação à sua própria teoria, quando a tem. Vira uma questão técnica e deixa de ser ideológica, vira uma questão de uso de um expediente, um instru-

mento, e não de apelo a determinada configuração teórica.

O que tem de ruim na política de Terceiro Império é ser sintomática, patológica. Os políticos, se existissem, poderiam pensar que, diante dessas duas possibilidades, não têm que tomar partido dentro da situação. O pior é que, na hora em que o bicho pega, eles fazem isso. Não sei se notaram que, quando houve um problema grave de deterioração da ordem financeira americana, foram tomadas atitudes socializantes. Mas aí vem a crítica dizendo que o cara é socialista. Não! O cara não é burro. Então, se estiver ficando social demais, com tendência totalitária, libere-se o mercado, liberem-se as coisas em vários setores. Teríamos assim a isenção sintomática daquele que determina o encaminhamento. É o que seria de se esperar de um analista. “Seria”, pois não sei se conseguimos. É a prática do Juízo Foraclusivo, como se nenhuma formação tivesse o direito de ser hegemônica. Nem temporariamente, as formações têm este direito. Têm, sim, direito de ser aplicáveis. Vejam que este é outro pensamento. Não se trata, imitando Platão, nem de colocar o psicanalista no poder, e sim de colocar a psicanálise na execução. O gosto sintomático das pessoas até final de Terceiro Império – veremos como ficará depois – é de um prazer inenarrável de *ser* alguma coisa. O prazer de chafurdar na lama do chiqueiro sintomático é uma doença muito forte.

Por incrível que pareça, dada a força dissolvente do capitalismo, do capital, os lugares em que se pratica um pouco o tipo de coisa de que estou falando são aqueles do interesse do lucro. Nos lugares onde o interesse de última instância é o lucro, as pessoas são mais maleáveis. Os empresários, os financistas, *jogam* a favor do lucro – e o lucro é neutro, é só o lucro. Não estou dizendo que devemos imitá-los, e sim que, onde a ideologia pode dar prejuízo, eles a deixam de lado na hora. Mas é no interesse de um sintoma progressivo pesado. É o tipo da morfose progressiva: o lucro como regente de toda e qualquer situação. Isto também é canalha, pois são capazes de passar por cima de formações respeitáveis só por interesse da canalhice do lucro. Mas eles não têm apego morfológico a ideologemas, porque só têm apego à perversidade do lucro. Existem formações respeitáveis que, às vezes, até dão prejuízo por terem uma grandeza de constituição, de beleza, de capacidade de aumento

de criatividade. O progressivo passa por cima delas porque só lhe interessa aquele dado inicial de gozo. Ao pensar em termos de Juízo Foraclusivo, observamos formações que não têm a menor contabilidade no seio da sociedade, mas cuja grandeza de constituição temos que respeitar, zelar, para não deixar morrer. Isto porque é um produto importante de que podemos precisar lançar mão, mesmo que no momento pareça inócuo ou não rentável.

O que os paranoicos – no sentido em que estou usando o termo – criticam com tanta veemência no capitalismo? A ideia de que o capitalismo é perverso. Mas ele é *necessariamente* perverso, e jamais morrerá. O que é possível fazer é: pé no freio, pé no acelerador – o jogo *ad hoc* para lidar com essa vocação perversa da humanidade. Se retirarmos a formação perversa da humanidade, ela brochará para sempre, não fará mais nada. Os paranoicos acham que podem acabar com o capitalismo, mas não podem: **o Inconsciente é capitalista**, quer gozar muito para morrer depressa. O nome fundamental do lucro é o que Lacan chama de mais-gozar. É o que podemos explorar da situação mental, pois é o que queremos. Podemos deixar solto? Não. Há outras formações em jogo, temos que jogar. A ideia da direita do *laissez-faire* é de deixar rolar, de que é assim mesmo, mas isto faz tanto mal quanto o totalitarismo social. **Os extremos são destrutivos da possibilidade de uma relação política e social.**

• P – *A proposta de Marx tão decantada, conforme à paranoia, é: “De cada um, conforme suas habilidades, a cada um, segundo suas necessidades”.*

Quais são as necessidades? Isto é de uma asneira sem tamanho. É preciso sempre lembrar do percurso de nosso pensamento, pois se diz cada barbaridade – que o futuro há de corrigir. Fui lacaniano dedicado, mas há algumas coisas que Lacan colocou que são barbaridades: “foraclusão do nome do pai”, algo que ele forçou a barra para ficar coerente dentro de seu teorema; “tempo lógico”, as pessoas engoliram isto...

Essas são as bases para se pensar a joça política a partir de nosso ponto de vista.

• P – *No esquema que você traz, tem duas posições que se polarizam. Parece também que subjaz outra articulação sua, que é a formação de base religiosa e uma superação dela mediante uma Arreligião.*

As religiões, enquanto formação, participam ambigualmente dos dois lados. Um grande construto psicótico, delirante que funciona na base da perversidade.

Mas fica esquisito estudar o tipo de conceito de que falo quando as instituições psicanalíticas, inclusive a nossa, não conseguem nem um milésimo disso. Seria talvez a medida de uma análise bem sucedida perceber que a pessoa está fora, que tem atos administrativos ou políticos, mas não tem partido ou ideologia, ou seja, não *toma* partido. A ideia de Diferocracia funcionaria até em relação às formações, sem as pessoas. As formações são diferentes. Para que serve tal formação? No momento, ela pode não interessar. Pode-se cometer um erro de juízo e achar que, no momento, não interessa quando, de fato, interessaria. Mas é um erro de juízo, não uma aderência sintomática, não é pensar em termos de *princípios*.

22

Ego-ista – Ego-cêntrico. A palavra *Ego*, em latim, significa simplesmente *Eu*, é o pronome pessoal da primeira pessoa do singular. Freud nunca usou a palavra *ego*. Foi a tradução que alguns deram ao *Ich* do alemão lá dele. Ele falava o *Eu* substantivado, que Lacan aproveitou para fingir que era o *sujeito* da filosofia. Esta confusão é ruim, pois precisamos nos dar conta de que o sujeito da língua não é o sujeito da filosofia. Na frase de Descartes –

cogito ergo sum – não é preciso, em latim, colocar *ego cogito*, pois já está incluído, como em português dizemos “penso, logo sou”. Então, o tal sujeito que Descartes construía, que já tinha raízes em pensamentos anteriores, faz confusão entre o sujeito gramatical e uma instância mental, digamos, no caso da filosofia. No caso de Freud, fica pior ainda, é mais grave do que no caso de Descartes, pois o Eu freudiano – que chamam de ego – é uma instância psíquica. No que Freud toma o nome da pessoa – Eu é o nome com que a Pessoa se chama – e usa para nomear uma instância psíquica que tem partes conscientes e inconscientes, fica mais configurado, mais sintomatizado até, suponho, do que o sujeito cartesiano. Aí vem Lacan, por exemplo, e tenta fazer distinção entre sujeito e ego. Isto cria grande confusão na cabeça de todos e no pensamento psicanalítico.

Escrevi acima **ego-ista** e **ego-cêntrico**. O ego de que falo é o nome com que a pessoa se chama, e não a instância freudiana de Eu ou a instância lacaniana de sujeito. Como a pessoa se chama? Ela aprende a se chamar de Eu. O nome genérico da pessoa, quando ela se chama é: Eu. Trata-se de uma oposição: ego-ista x ego-cêntrico. Em função da cultura ocidental, de Terceiro Império, cristã sobretudo, fez-se outra grande confusão. Egoísta é sempre o outro, é um xingamento: “Você está sendo egoísta”. Ia ser o quê? As pessoas não se dão conta de que *são* egoístas. Qualquer Pessoa: eu, tu, ele, nós, vós, eles, somos. Não é o domínio do ego da psicanálise. O que é ser egoísta em contraposição a ser egocêntrico? Ninguém, na face deste planeta, pelo menos, ninguém desta espécie, faz nada que não seja egoísmo. Prestem atenção nisto, pois o que combina com esse nome, dentro da psicanálise, não é o Eu, o ego ou o sujeito lacaniano, mas o conceito básico, fundamental e inarredável de **Narcisismo**. O Haver é narcisista e nós somos narcisistas, condição *sine qua non* de sobrevivência. Resta saber qual é o tipo, o grau, desse narcisismo, para ele ser ou não vantajoso ou prejudicial.

Isto é importante tanto do ponto de vista da clínica quanto do político. Em política, estabelecem-se, por exemplo, ideologias, chamadas teorias políticas, com aparência egoísta ou supostamente altruísta. Esta, o pessoal costuma chamar de socialista. Continuo o papo em que se contrapunha Nozick a Rawls:

interesse social ou interesse individual – o que é verdadeiro. A história da filosofia política está envolvida com esses dois aspectos. Costumam até dizer que os sociais são de esquerda e os individuais de direita, o que é outra besteira.

Egoísta é diferente de egocêntrico. Confundimos facilmente estas duas posições nas pessoas. Uma pessoa está sendo egocêntrica quando não sai de seu círculo fechado, fica sempre auto-referente aos elementos, às formações que já a constituem. É o caso do chamado neurótico. A morfose estacionária é clara nisto: o cara não abre o campo, está sempre centrado nas formações que o constituem. Isto nada tem a ver com egoísmo. Podemos ser uma pessoa que sabe e se reconhece como egoísta, como todos, e, no entanto, não é egocêntrica. Ao contrário, está virada para tudo do mundo, está interessada em tudo do Haver. Pode-se, então, estar interessado em tudo do Haver no sentido de se aproveitar disso, no sentido do seu interesse – isto é egoísmo e nada tem a ver com egocentrismo.

A ideia de altruísmo, de voltar-se para o outro, é religiosa e, portanto, falsa, uma propaganda mentirosa. Gostaria que me dessem um único exemplo de alguém que faz qualquer coisa pelo outro ou para o outro. Alguém tem *um* exemplo para me dar? Religiões, políticos, etc., vivem falando por aí que estão interessados no povo, que querem salvar nossa alma... Procurem um exemplo que possam contrapor ao que estou dizendo, de uma pessoa que faça algo que não seja egoísta.

• P – *Qualquer mendigo sabe que o doador se sente bem em lhe dar esmola, e se utiliza disto.*

Deu a esmola porque tem uma formação determinante religiosa ou culpada. É tudo do lado de cá, não tem nada do lado de lá. Nietzsche, Stirner, Nozick, pessoas inteligentes sabem que todo mundo é egoísta. Ou pessoas que, pelo menos, não são tão mau caráter que querem fingir que não são egoístas. O máximo do mau caráter é acusar o outro de ser egoísta. Como disse há pouco, iria ser o quê? Precisamos nos lembrar disto em termos de análise, de clínica, e em termos políticos.

Pensa-se que, como o egoísta quer tudo para ele, não há como orga-

nizar uma sociedade. Não é verdade. Acho pouquíssimo egoístas as pessoas que permitem a favela ser do jeito que é. Aquilo é uma indecência, feio, fede, o pessoal é grosseiro, burro, mal educado, passa por mim e estraga a *minha* vida. Os interesses de uma pessoa têm que ser tão reconhecidos e tão egóica e egoisticamente investidos para ela não querer suportar determinadas coisas em relação ao outro, e, por isso, querer que o mundo se organize melhor. É um espanto que tenha entrado nas psicologias e até em cabeça de ditos analistas a mentalidade cristã de que se está ajudando o próximo, de “amar teu próximo como a ti mesmo”. Isto é impossível: gosto muito mais de mim, não vou fazer isto – a não ser que o próximo seja eu. Esta mentalidade é absolutamente anti-analítica. Quando escutamos pessoas no consultório, inclusive sendo pagos para tentar resolver alguns problemas, fazemos isto por quem? Quero que reflitam: por quem estão fazendo isto? Quero depoimentos. O que sentem que estão fazendo aturando aquele chato, que já repetiu cinquenta vezes a mesma coisa e não saiu do lugar? Estão fazendo algo do interesse de vocês. Além de dinheiro, perguntem-se por que têm esse interesse? Isto faz parte da análise de cada um. Por que têm esse interesse de ficar escutando as pessoas com suas baboseiras e tentando deslocá-las? Que patologia é esta? É um sintoma. Estão querendo mudar algum sintoma, se não, não estariam fazendo isto. Perguntem-se se começou antes ou depois da ideia de trabalho ou profissão (que a psicanálise não é)? Alguém poderá responder que escolheu essa carreira, que é sua profissão, que trabalha nisso... Observem que, se pesquisarmos na história de boa quantidade de pessoas que se dizem psicólogos, analistas ou algo do gênero, veremos que já fazem isto, às vezes, desde a infância. É uma vocação, são chamadas a esta ação, estão fazendo de graça, é uma sintomática delas. Os outros percebem e as ficam alugando desde crianças. Sou alugado desde a infância. Um dia, decidi que estava demais. De graça, não! Vou querer ganhar dinheiro para fazer isto.

- P – *Há gente que faz para resolver seus próprios problemas.*

Sobretudo para isto! Por que uma pessoa, em qualquer área do conhecimento, fica produzindo teoria? Alguém lhe pediu algo? Está querendo resolver *seu* problema, sempre. Se faço uma teoria como esta que tento

fabricar é porque quero resolver meu problema com a vida. Estou tentando organizar de um modo compatível comigo. Não podemos esquecer isto, se não, fica a ideia – inclusive dentro da área do conhecimento – de que uns caras foram destinados a entender umas coisas e transmitir ao próximo. É mentira. O próximo que aproveite já que o cara teve essa sacação, essa competência. De preferência, pagando...

• P – *O egoísmo é, então, gnômico e gnóstico...*

...e psicanalítico. Dá a impressão, penso eu – talvez em função de meu percurso –, de que, no Ocidente, a psicanálise foi o único caminho que permitiu isto. Ao lermos Freud, vemos que há muita sintomática de definição de instâncias de modo anedótico ainda. Em Lacan, a sintomática já se dissolveu bastante, pois ele evita ao máximo ser anedótico e tenta ser linguístico, topológico, mas ainda com bastante anedota. Isto por causa da vocação da sintomática francesa de origem cartesiana e da sustentação do tal sujeito de Lacan, que é centralizador, embora não pareça, por ser um intervalo. E mais, por causa da herança básica de Lacan que é hegeliana. A cabeça de Hegel é de tendência totalitária: ele quer dar conta até do futuro da história; para ele, a história tem determinações. É claro que, por causa de Freud, um dia Lacan diz que o que faz não é hegeliano, entretanto, se estudarem com cuidado o escopo de sua obra, verão que tem todas as aberturas psicanalíticas, mas o design é de plenificação, é de certo modo totalizante. Lacanianos, em contraposição, evocariam o não-todo, etc., mas o design é furado, não é aberto de saída. Lacan fala demais na ideia de furo justamente para mostrar que podemos constituir um pensamento sem clausura. O furo no pensamento de Hegel, segundo Lacan, chama-se: Freud.

23

Por que digo que a psicanálise dá a impressão de ser a única atividade de pensamento no Ocidente que mantém a abertura, a ruptura e o entendimento de que qualquer um é egoísta e de que, no entanto, a situação não pode não ser aberta? Certos doidivanas da história da psicanálise – Jung, Reich... –, Freud os repeliu, apesar de terem razão de supor que Freud estivesse dizendo aquilo que eles diziam (a fala de Freud era esquisita e ambígua), por perceber que tinham alguma coisa que era característica da filosofia ou da ideologia, e não da psicanálise. **A psicanálise, em sua fundação, não tem a vontade paradigmática de constituição nem de ideologia nem de filosofia.** Ao lermos qualquer filósofo com distanciamento, não tomando partido deste ou daquele, vemos que propõe uma organização configurada. Aí temos o debate dos filósofos e sua impossibilidade de diálogo, mas eles não notam isto. Conhecem professor de filosofia da universidade? Aquilo é academicismo, não vai a lugar algum, aquilo fica repetindo e tentando achar que há possibilidade de diálogo. Tanto não há que, na academia, o que se vê são patotas fechadas: “somos os analíticos”, “somos os nietzscheanos”, “somos os deleuzianos”, ou seja, “somos os Medeiros-vazes”, de Guimarães Rosa.

Os próprios filósofos não conseguem tolerar a vocação acadêmica de patotificação da filosofia. Basta que pensem um pouquinho, sobretudo quando estão fora do regime da dureza de pensamento, tipo analíticos... Os pragmatistas e os nietzscheanos, por exemplo, já têm sérias críticas a essa vocação da filosofia para o fechamento nitidamente ideológico. Mas mesmo quando um Derrida quer demonstrar o furo que existe em qualquer filosofia e derrubar todas as construções segundo o que Heidegger chamou de desconstrução, aquilo é patotizante, embora talvez menos do que outros.

Por que a psicanálise não tem que, necessariamente, sofrer disso? Por que posso fazer a suposição de que a psicanálise não sofre disso? Se olharem a

história da psicanálise, verão que é cheia de patotas. Isto me parece erro grave. Quando alguém pensa determinados conceitos, articulações e composições, e como aquilo vira garantia de uma instituição, a coisa fica logo eclesiástica e o próprio teorema construído perde a elasticidade que teria se não fosse essa vocação eclesiástica. A psicanálise não tem como fazer fechamentos ideológicos senão por via meramente literária, narrativa. Pode-se dizer que “somos a favor desta falação e não daquela”, pois, se levamos à última instância e limpamos de conteúdo os conceitos trazidos pela psicanálise, a abertura fica absoluta mesmo que usemos as ferramentas de determinado campo teórico. Isto porque é ferramenta, instrumento utilizável, mas a postura, a posição, de quem pensa em termos analíticos não tem configuração. Uma coisa é utilizar determinada ferramenta, determinado instrumental, por ser prático e parecer funcionar, outra, tomar partido e, pior, fazer igreja dessa construção. A psicanálise não precisa disto, não lhe é necessário: ela é o único pensamento no Ocidente que pode pensar para além de suas próprias construções. Mas a tendência sempre foi tomar uma configuração, fazer um time de futebol e tomar partido. É coisa de gente primitiva... Se, então, partimos da ideia de que somos o que temos agoraqui, está certo, temos tais configurações, mas se digo que li em Freud que o que qualifica esta espécie não são as formações de mundo e de ego, e sim a máquina originária que não tem configuração, só tem movimento, então vemos que não há condição de a psicanálise se supor um conjunto de filosofemas.

O pior defeito da história da psicanálise é que as teorias e os grupos psicanalíticos imitam muito mais as igrejas e as filosofias do que as ciências, por exemplo. É claro que cientistas são tão doentes quanto os outros, fazem patotas, mas quando querem saber, quando estudam o Primário, não têm que saber necessariamente se foi fulano ou sicrano, vão metendo a mão nos saberes. Tal caminho pode não lhes interessar agora, mas não significa que não preste, é apenas outro caminho. Isto tampouco significa que, quando estamos num processo de elaboração, sejamos anarquistas. Ao contrário, tomamos um ferramental do qual podemos dar conta, trabalhamos com ele e, se trabalharmos a fundo, ele se abrirá, pois não é fechado. Não poder fazer

porralouquice não é uma proibição ética, legal ou moral, e sim uma proibição instrumental. Se misturarmos alhos com bugalhos, aquilo perderá toda a possibilidade de encaminhamento. A maioria dos textos psicanalíticos na face do planeta é assim. Entre nós, aqui, o sofrimento é enorme. Recebo textos que são confusos, pois alguém que diz x não pode abruptamente dizer y sem mostrar o caminho que levou até ali. Temo que, ao dizer uma coisa como esta, que qualquer pessoa pensante também diria, achem que estou me desdizendo e dizendo que a pessoa precisa obedecer a determinado modelo. Precisa, sim, obedecer às condições de sua instrumentalidade, se não, não funciona. Se não gostar do instrumento, muda de instrumento, mas que se faça isso direito.

• P – *Dizer “às condições de sua instrumentalidade” pode parecer coisa de epistemologia, mesmo não o sendo.*

A epistemologia não é crime ou maldade. É preciso um mínimo rigor de construção, de instrumentalidade, e podemos chamá-lo de epistêmico, não tem importância. Se formos ao sapateiro encomendar um sapato, queremos que funcione, seja confortável, não machuque o dedão, não encrave a unha, é a mesma coisa. Se ele misturar tudo, teremos uma pedra no sapato, não poderemos andar. São coisas simples, se o sapato foi feito para colocar no pé, não é para colocar na mão. Há que saber que, aí, saímos do abstrato absoluto e caímos no regime de uma formação. A formação é limitada? É, paciência, os instrumentos são por aí. São dois níveis distintos: a referência é que é de abertura, mas a realização respeita as articulações possíveis. Quando digo que a instância que define esta espécie é o Revirão enquanto tal, podem pensar que qualquer porralouquice vale. Não vale.

24

Jung tem uma obra enorme, era grafomaniaco, não podia parar. Há uns caras assim – Sartre, por exemplo –, que, como a mão não pára, têm que “pensar” algo para a mão escrever. É compulsivo, chama-se punheta: têm que ficar falando bobagem para dar uma justificativa para o movimento da mão. A implicância de Freud com Jung vinha de que tudo que Freud tentava, apesar de não conseguir tão bem, encaminhar para uma articulação abstrata, Jung rebai-xava à condição de anedota. Tudo para ele é anedótico. Então, que não encha o saco, vá escrever ficção – o que, aliás, no fundo, é o que todos fazemos –, dê uma guinada para a ficção. O que é a ideia de arquétipos? Eles existem? Claro que existem, são sintomas. Alguém nasce neste planeta, em que tem o sol ali indefectível, não apaga, não vai embora – o que vai virar isto nele? O arquétipo solar. Há muitas configurações na região do universo onde a gente habita que são tão repetitivas que não podemos nos livrar delas. A não ser alguns artistas e escritores, que passam a inventar outros mundos, pois este já encheu o saco de tanta repetição. Freud também tem anedotas péssimas – Édipo, etc. –, que usou para explicar. Elas acabaram caindo no anedótico e lá ficaram morando. Jung faz pior: re-anedotiza tudo que psicanálise disse. É literatura. E notem que há escritores que fazem o possível para desnortear a anedota e colocar no regime da articulação e da invenção: Joyce, Beckett, Lewis Carroll, Raymond Roussel, Mallarmé...

Lacan chamava Melanie Klein de a “tripeira genial”. Na França, tripeira é aquela mulher que vende, mexe nas tripas. Melanie é uma tripeira: sabe ler, descobrir mecanismos e modos de lidar com os sintomas. Mas é apenas isto, não tem teoria alguma.

• P – *O que chamam de teoria kleiniana é o fato de ela não ligar para a questão desenvolvimentista de Abraham e descrever tudo como posições – esquizoide, esquizo-paranoide, depressiva – que comparecem em qualquer pessoa.*

Ela destacou formações sintomáticas, mostrou como funcionam, e pensam que isto é construir teoria. Não é. Temos uma teoria freudiana, uma teoria lacaniana, tem até a minha teoria, mas o que ela fez é clínica. Ela é uma excelente clínica. A medicina, por exemplo, não tem teoria. Não há uma teoria médica. Os médicos são crentes que são cientistas, mas são artistas da medicina. Aquilo é uma arte que recolhe saberes de vários campos para conseguir produzir determinados efeitos. Existem *procedimentos* médicos. Determinado grupo de médicos em determinado momento muda a proceduralidade da medicina por ter pensado diferente, baseado certamente em algum filósofo, biólogo, etc. Deles, não há nada. O que têm é clínica, apoderamento de certos saberes – com os quais se construíram certas teorias – e aproveitamento em sua prática. Não confundir essas coisas. Há teoria quando se monta um aparelho inteiro para governar os movimentos de pensamento em qualquer circunstância, ainda que falhe em algum momento. Com isto, não estou fazendo epistemologia, e sim dizendo que, se não temos um escopo diretor, não produzimos uma teoria.

• P – *Neste sentido, além dessas, não haveria outra teoria em psicanálise?*

Não conheço. Temos as práticas e procedimentos clínicos de Melanie Klein, Reich, Abraham, dessa gente toda, mas não há teoria alguma neles. Não há que negar que François Dolto, por exemplo, tenha sido genial em clínica, mas não se arruma uma teoria lá. Ela está pendurada em Lacan – e, aliás, fazendo certas bobagens teóricas. Bion, outro excelente clínico, alguém que está na clínica e descobre determinado encaminhamento para aplicar. É igual à medicina.

• P – *Qualquer bom clínico não tem uma boa referência teórica?*

Não. Às vezes, a pessoa tem talento e se encosta em algum autor ou algum clínico que lhe entrega expedientes, ferramentas que descobriu na prática, mas não há teoria psicanalítica própria ali. Melanie Klein toma Freud, caminha, descobre coisas que acha que não estão em Freud, mas que são formações sintomáticas, formações das quais discorda, etc. Isto não é fazer

teoria. Ela se apropria de Freud, mas não existe sem ele.

- P – *A medicina chinesa tem teoria?*

Não conheço o suficiente para responder. Há um modo de pensar chinês que foi bater em sua medicina. Por isso, sempre peço para lerem os textos de François Jullien, que descreve bem esse modo radicalmente diverso de pensar do chinês. Não gosto de chamá-lo de filosofia, pois, para mim, filosofia é algo que nasceu na Grécia e já morreu. O chinês é um modo de articular diferente e resulta, não pode não resultar, em uma arquitetura e uma medicina diferentes das do Ocidente. Se aquilo compõe uma teoria, não sei dizer.

- P – *Com estas suas últimas colocações, o entendimento da existência institucional da psicanálise não ficaria mais complexo, pois, se não há teoria, muitas vezes a instituição busca seu suporte e, na tentativa de apoio em um construto teórico que não tem, mostra sua face eclesiástica?*

Não acredito que alguma instituição psicanalítica faça isto. Se fosse verdade, por que as rupturas dentro do freudismo, do lacanismo, do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro? Porque são todas sintomáticas. O vetor em sua pergunta foi invertido ao supor que se faz uma instituição no apoio – apoio nada, pois é no interesse – das pessoas em tal ponto de vista teórico. É mentira. As pessoas chegam perto e não fazem ideia nem de onde estão chegando. A coisa é muito mais transferencial, sabe-se lá por que. Com o tempo, pode-se conseguir que alguns reconheçam a formação teórica e votem nela – porque é de seu interesse –, às vezes não para ficarem obedientes, mas até para transformá-la. Mas, na história da psicanálise, não reconheço movimento algum de aglutinação em torno de uma teoria. Como nasceu a escola de Lacan? De picuinhas, brigas e perseguições da IPA. E havia uma patota que gostava de Lacan, que estava interessada em coisas que ele dizia, que eram contra certas obrigações de outras áreas. Todos somos interesseiros.

- P – *Qual é o elemento eclesiástico neste desenho?*

Depois que alguém constitui a instituição, logo começa uma vontade eclesiástica de nomear um papa, um cardeal, os bispos e manter aquela reza.

• P – *Por que o interesse não pode ser no instrumento teórico?*

Porque as pessoas não sabem do que se trata, têm apenas uma sensação. Lacan, por exemplo, várias vezes disse que ficava muito interessado no que acontecia com sua obra na América Latina – no Brasil e Argentina, sobretudo – porque aquela gente não o conhecia, nunca participou de sua presença, mas conhecia sua produção. Ele achou, então, que fosse uma transferência mais legítima. Eu não sabia quem ele era, conheci-o através dos *Écrits*. Quando os li, reconheci uma grande cabeça e quis saber quem era. Quem lá já estava, estava nos interesses patotais das instituições, dos negócios, dos lugares. Lacan tinha razão quanto a alguém que entrasse em sua turma *via* o produzido teoricamente, pois é uma produção mais legítima. As pessoas não sabem o que estão escolhendo, pegam outros indícios, que podem ser sociais, intelectuais, da moda, mas não são teóricos. Depois de anos de estudo com uma pequena patota, comecei o Colégio Freudiano. Era um grupinho de estudo – da pior qualidade, como sempre – que lá estava interessado em estudar *comigo*. O problema deles era eu, e não a psicanálise, nem Lacan.

• P – *Lacan já estava na moda.*

Ainda não estava. Quem estava na moda naquele lugar era eu, uma figura badalável, etc. Fui falar com Lacan – em meu interesse – e resolvi, em Paris, transformar isto em instituição. Fiquei realmente assustado, pois começou uma aglomeração cuja razão eu não sabia. Aquelas pessoas conheciam Lacan? Não, e quando comecei a ficar exigente, caíram fora. Aguentar a trolha é que é o problema. Era uma badalação social, eu tentando fazer congressos, eventos... Vi que era tudo *fake* e comecei a apertar. A maioria saiu pela tangente. Não se pode apertar, pois, na verdade, as pessoas não suportam fazer análise. Quando pisamos no pé do sintoma, viram outra coisa: viram o que são. Para crescer dentro da psicanálise, exige-se algo difícilíssimo que é colocar o galho dentro. É uma obviedade que a pessoa está funcionando sintomaticamente, com um sintoma pesado que não a deixa crescer, mas ela prefere não crescer a meter o galho dentro. Só cresce em análise quem sabe que narcisismo só vale o de última instância, o baixo narcisismo leva direto para o brejo. Querer superar-se, crescer, analisar-se, é narcisismo puro, mas

do bom. Não há colesterol bom e ruim? Do mesmo modo, há o narcisismo que dá enfarte e aquele que limpa o coração. O bom anula, destrói o baixo narcisismo. Por que ficar com essa merdinha se posso ficar com muito mais?

• P – *Em sua teoria, o que se chama narcisismo secundário, freudiano, é a Neo-etologia?*

Por isso, há tempo, fiz a distinção entre narcisismo de última instância e baixo narcisismo. Não podemos ficar livres do narcisismo, se não, não existimos. É o que chamam por aí de auto-estima. Como está em Espinosa, não podemos existir sem *conatus*. Então, por que não pode ser de última instância, por que prefiro morar na favela, se posso conseguir um palácio? O que me faz preferir ser favelado? A comparação é esta. Vemos uma quantidade de gente no mundo que não tem crescimento, nem financeiro, nem de vida melhor, porque *se recusa*. Ou, se não, tem defeito de fábrica. Aí até dá para entender, pois o cérebro é estragado. Mas há grande quantidade de gente que vive sempre em baixa porque *se recusa*, não acredita que possa ser mais e, quando se aponta um erro seu, morde esse dedo. Vejam que o que digo é pior que o lema do zen, “quando apontamos para Lua, o imbecil olha para o dedo”, é: apontamos para o defeito e o outro nos arranca o dedo. Assim não se vai a lugar algum, pois isto destrói qualquer possibilidade de construção.

• P – *Isto é o que você chamou de denegação projetiva?*

Sim. Denegação projetiva é alguém denegar e projetar para o outro.

• P – *Outro entendimento da questão do narcisismo é a resultante tecnológica, as próteses. Toda prótese é feita no interesse de quem a produz, no sentido de resolver uma inadimplência na qual acontece um mal-estar.*

Aí uma plêiade de imbecis cristianizados, ou marxistas, vem falar em *consumismo*. Se o pessoal não tem grana ou potência para consumir, onde está o consumismo? Eu consumo é pouco. O que vejo, tirando alguns bilionários – que, às vezes, são tão neuróticos que nem sabem consumir o que têm direito –, é a maioria sem consumismo algum. Então, se virem algum consumismo, me mostrem.

- P – *Não há o consumismo de moda?*

Algumas pessoas são compulsivas. Tanto é verdade que não consomem de tudo. Elas têm manias e não podem ver determinada coisa sem a querer. Isto se chama doença, compulsão, não é consumismo. Se tiverem o dinheiro, compram, se não tiverem, ficam devendo. Repetindo, é compulsão, e não consumismo. Quanto a mim, diante do que gostaria, não consumo nada. Nem por isso vou me endividar.

- P – *O que chamam de consumismo é consumir umas roupinhas.*

Coitadinhos, só compram roupa, pois o dinheiro não dá para comprar mais que isto. Então, qual é o consumismo?

• P – *Há o caso clínico do filho de um político que acabara de ser admitido num órgão público e em cuja conta bancária um amigo de seu pai depositara uma boa quantia para ver se conseguia que se comprasse certo material. O rapaz teria entendido, achado normal, se o dinheiro tivesse sido depositado na conta do pai, mas não na dele. Então, ficou se perguntando se aceitava ou não aquele dinheiro, mas acho que ele estava com medo mesmo era da polícia.*

Todos só têm medo da polícia. O que um analista pode fazer em relação a isto é discutir – mas não discutir os valores do analista – para mostrar a situação em que o analisando está do ponto de vista legal, do ponto de vista interesseiro. Ele que escolha e pague o preço.

- P – *O egoísmo não atrapalharia a organização da vida pública?*

Não. Posso querer organizar muito bem a sociedade porque tenho esse interesse. Não é por eles, é por mim, o interesse é *meu*. O errado é achar que sou altruísta, que penso no bem do povo... É mentira, quero que lá fique bem porque *eu* quero. O pessoal caiu de pau em cima do Caetano Veloso porque, quando perguntado se o Brasil daria certo, respondeu: “Vai dar porque eu quero”. Ou seja, se tiver uma turma que queira, ela terá poder para isto. É difícil entender que tudo seu só dá porque você quer? Se não, seria por quê? É o contrário do sintoma religioso da nossa turma, da mentira do “amai-vos

uns aos outros”, do “amar o próximo como a si mesmo”... Mas se tomamos a menor atitude drástica de apresentação desta posição, quem não presta somos nós. Cinismo, tem que ser do bom, como está no livro de Peter Sloterdijk que há tempo indiquei que lessem. É igual ao colesterol: há cinismo bom e ruim. Vamos aculturando as posições, mas amigo de inimigo meu é candidato a ser meu inimigo. Isto porque é assim que funciona, não fui eu que inventei.

25

A espécie humana dificilmente tem jeito. A tendência primeira e mais forte parece ser a de mitologizar tudo, se não mesmo, em última instância, de tornar tudo religião para não ter que enfrentar as emergências como realidade, sem nenhuma garantia ou alibi para escapar da insegurança. Então, o tempo todo, ficamos inventando **Teorias da Segurança**, quando não mesmo práticas da segurança. É compreensível, pois vivemos na base da ameaça. A questão é saber o que dá mais segurança, as teorias da segurança ou o enfrentamento da realidade? Teorias da segurança como, por exemplo, a mitologia. Os mitos que constituem uma mitologia supostamente não têm autor, pois se trata de uma emergência “coletiva”. Alguém tem uma ideia aqui, outro acrescenta ali, aquela crença vai pegando e nunca encontramos uma autoria. Quando nos deparamos com o mito, ele já emergiu, já está em ebulição e frequentemente já está decantado, solidificado às vezes. É uma coalescência de muitos. Mas é uma tentativa de pseudo-teoria para fingir, fazer de conta, que está entendendo a realidade e para oferecer alguma segurança: “sabemos que é isso”, “trata-se daquilo”.

Parece que, em seguida, como “teorias” da segurança, vem a reli-

gião, que, geralmente, consegue sempre vencer. Uma religião sempre tem um fundador. Em sociedades primitivas, ou mesmo sociedades como a grega, que evoluíram do primitivo para o sofisticado aproveitando a mitologia, qual é a diferença entre a mitologia grega, como mitologia, e a religião grega, como organização religiosa? A mitologia estava lá, nasceu sem dono, mas foi aproveitada para constituir uma crença nacional, ou de determinada cultura, como aparelho religioso, com templos, etc. Então, uma religião sempre tem um fundador, um ato de fundação em algum lugar, o que a mitologia não tem. Aliás, é mais ou menos como uma filosofia, que tem um autor, um fundador. Na verdade, só chamo de filosofia o que vem da Grécia. Coisas como filosofia oriental ou filosofia chinesa não existem, a filosofia é grega e ocidental. Certamente que, na ideia de filosofia, até produzida autoralmente por alguém, existem filosofias mais delirantes e filosofias mais positivas. Estas querem tentar fingir que estão considerando mesmo a realidade como ela comparece, mas não deixam de ser filosofia. Existem também as filosofias que podemos chamar de negativas, niilistas, céticas, que fingem que não podem dar conta de realidade alguma.

O que a psicanálise tem a ver com isto? Nada. Esta é a confusão que se faz. Podemos até aproveitar o pensamento de um filósofo, uma ideia religiosa, como um aparelho pseudo-conceitual que explica determinadas coisas, mas a psicanálise não é isto. Embora ela tenha fundador dentro do pensamento ocidental, a relação com o inconsciente é anterior à psicanálise. A partir de sua fundação, a psicanálise é absolutamente anti-narcísica. Isto, no sentido do baixo narcisismo, pois é impossível escapar do alto narcisismo. A tendência de movimento operacional da psicanálise é o desfazimento dos narcisismos, que sempre estão preenchendo as filosofias, religiões e mitologias. Então, podemos ter formações teóricas como a freudiana, a lacaniana, mas todas são formações na tentativa de operar este desfazimento – *ana-lysis* – das formações.

Outro dia, recomendei a leitura de um autor contemporâneo chamado John Gray. Faço agora uma paráfrase do que ele diz: a cura não é encontrar um sentido para a vida. Já notaram que essas teorias de segurança procuram

encontrar um sentido para a vida? A psicanálise é o contrário. Para ela, **a Cura não é encontrar um sentido para a vida, mas libertar-se dele**. Não tem sentido algum, aproveite o que puder e organize o melhor possível. Em que sentido? Nenhum. O sentido é *a posteriori*. É aquele que foi acontecido, que foi sendo produzido, e não aquele que foi dado. Se não, fica essa mitologia de teleologia em que o sentido da espécie humana é ir para Deus, ou para o Progresso, ou para a casa do cacete... Nem “ir para o brejo” é o sentido, pois pode acontecer de não ir. Eu mesmo disse que a vaca sempre vai para o brejo, mas talvez seja uma asneira, pois tem um sentido aí, que é o brejo. Sei que o sentido é querer não-Haver, mas como não se o vai conseguir mesmo, o brejo está longe à beça.

• P – *Mas não há uma predisposição ao brejo?*

Mas tem muita gente que se dá bem e morre... antes do brejo.

A psicanálise, na melhor das hipóteses, virou umas das três coisas: mitologia, religião ou aparência de filosofia. Entretanto, ela não é nada disto, é o contrário. Podemos até pensar estas coisas para desfazê-las, pois, repito, a cura não é encontrar um sentido para a vida, mas se libertar dele. Se não, fico mirando um sentido que é falso, e não aproveito tudo que comparece. Uma pessoa analisada não tem sentido. É parecida com o que diz François Jullien: “um sábio não tem ideia”. Isto aqui me aconteceu e estou fazendo, mas não vou botar a crença de que estou produzindo um pensamento universal. Não estou. A suposta minha teoria – a teoria não é minha, eu é que sou dela, é ela que me governa, e não eu que a governo – é apenas mais uma ferramenta. Dentro de minha experiência, do que me aconteceu, inventei uma ferramenta com várias serventias para a multiplicidade do mundo. Inventei porque serviu para mim. Como tinha que abrir umas latas, umas garrafas, coisas assim, inventei umas ferramentas. A melhor metáfora é a do canivete suíço. Tento inventar algo parecido. Nos bons tempos da pederastia – que, aliás, está completamente desmoralizada –, o canivete suíço tinha fama, era uma ferramenta de sedução importante, pois os caras o davam de presente aos garotões que queriam comer.

Então, para uma pessoa analisada, a vida não tem sentido. E também podemos dizer que uma pessoa analisada não tem sentido: o sentido se produz, acontece, etc. Quem tem sentido é mito, religião, filosofia. Posso até ter princípios, mas não tenho fins determinados. Já o sentido que a teoria produziu para supor um fim – Haver desejo de não-Haver – está na teoria, não é meu. Isto é produção de sentido? Sim, como ferramenta, não como *eu*. Se acreditar em minha teoria, estarei ferrado. Há o mau hábito de tomar qualquer constituição instrumental e fazer dela uma crença, uma religião, uma filosofia, um mito. Freud e Lacan viraram mito, mas as pessoas nada entendem do que eles disseram. Considerem um cara da ordem da ciência, com medidas e equações difícilísimas, como Einstein – cito-o por ser cientista, e não psicanalista ou filósofo –, não podemos acreditar naquilo. Tanto é que já descobriram vários erros. Acreditar é parar de pensar. Temos uma ferramenta bem construída, que pode ser eficaz para muita coisa, mas é só isso. Nem o autor deve acreditar nela. Quando lemos um cara pensante feito Einstein, vemos que ele próprio admitiu ter falado a maior asneira de sua vida, a tal “constante cosmológica”. Aliás, os cientistas estão descobrindo que sua suposta maior asneira foi até o melhor que pensou. Mas ele, naquele momento, achou que dissera uma asneira por não ter uma relação diretamente narcísica com aquilo. É apenas algo que saiu dali, um cocô. Conhecem cocô? Sentamos, e cai um cocô; pensamos, e sai cocô também. Pode ser útil, pois merda serve para fazer adubo, exame de fezes...

26

Abri a página do jornal O Globo na internet e havia quinze temas arrolados sobre sexualidade num único dia. Por exemplo, o da professora que comeu um

aluno (que nem era aluno dela, aliás) de mais de dezoito anos e foi presa, pois, em seu Estado, é proibido comer aluno. Como já disse várias vezes, o comunismo acabou, então inventaram o sexo, sobretudo a pedofilia, para perseguir. Ela foi presa inclusive por pedofilia, pois tem quarenta anos e o garoto dezoito. Já Bertrand Russell, num capítulo inteiro de seu livro, aconselhava as senhoras da sociedade inglesa a trocarem seus filhos com outras senhoras – “eu como seu filho e você come o meu” – para crescerem e aprender a fazer as coisas.

Estou interessado em mostrar que, a partir do final do século XX, apesar de Freud, houve a regressão de tomar a sexualidade de maneira ressentida. As pessoas geralmente são ressentidas com a felicidade dos outros. O bem-estar do outro causa ressentimento em todo neurótico. Estamos mergulhados na história do ressentimento permanente para com o gozo dos outros. Ressentimento é uma inveja podre, mau caráter, negativa. Invejar os outros não é ressentimento, é a coisa mais normal do mundo: se você tem algo que não tenho, tenho inveja, queria ter também. Ressentimento em estado puro é no sentido de que o outro não deve ter aquilo que invejo mas não tenho. O neurótico vê o outro gozando, fica puto e, ao invés de dizer que também quer – podia entrar na brincadeira, pode ser uma suruba, sei lá –, quer prender o outro que está gozando. É nisto que estamos mergulhados.

• P – *É policialesco?*

Sim, mas no sentido do ressentimento, pois quem faz o erro é a opinião e quem faz o crime é a lei. Por que a lei idiota daquele Estado, onde uma mulher de quarenta anos não pode comer homens de dezoito? Só porque é estudante? Não falam em “escola da vida”? Não falam essas asneiras?

Quero mostrar a *doença* quando podemos surpreendê-la em estado de reprodutibilidade social aqui e agora norteando o ressentimento. Se lembrarem das décadas que já passamos – eu, por exemplo, passei muito mal por não acreditar em marxismo, pois já tinha lido Freud antes – em que não se podia dizer qualquer coisa na universidade que vinha um ressentimento comunista em cima. Nem se podia colocar uma roupa melhor porque era “burguês”. Como

este ressentimento acabou, voltou-se para o sexo, ou seja, é uma regressão para ressentimento de século XIX. Podiam tentar um novo.

• P – *Na primeira geração dos celulares, as crianças tinham até inibição de ir para a escola com um, pegava mal.*

Se os outros tivessem só inveja, não teria importância, pois poderiam dar um jeito, comprar um, mas não, o ressentido quer que você não tenha. Invejar, então, é ver que o outro tem e eu fico doido para ter também. O ressentimento é, ao invés de reconhecer que estou invejoso – com toda razão, pois o outro tem um troço bacana –, achar que ele não deveria ter. Por causa disto é que eu não gostava de comunista. Eles não pensavam, conforme diz Marx, que todos deviam ter, mas, ao contrário, ficavam derrubando quem tivesse. Ou seja, criavam um ódio em vez de operar. Além do mais, se o outro tem, não tem obrigação de me dar. Por que iria me dar? O comunista acha que os outros devem dar. Ora, eu que arranje expedientes para ter também.

Por outro lado, é preciso tomar conta quando o ressentimento é nesta instituição, pois aqui supostamente se está pensando em psicanálise. Quando acontece a emergência de um sintoma entre nós – e acontece a toda hora, seja meu ou de quem for, não interessa, pois é emergência de sintoma até comum, uma bobagem que dizemos, uma asneira –, é para ser tratado clinicamente na Oficina Clínica. Digo isto porque chegou aos meus ouvidos a ideia de que eu dissera que o assunto que foi tratado com certa violência por mim numa Oficina Clínica anterior não era mais para ser falado, que eu tinha posto uma pedra em cima. Sou ligado à psicanálise e um psicanalista não bota pedra em cima de nada. Isto é anti-analítico. Eu disse que *eu* não iria mais discutir o assunto, que ele estava entregue a vocês. É muito defensivo achar que não é para não falar dele. Onde já se viu um psicanalista dizer que não é para falar disto ou daquilo? Pode-se pedir para falar com educação, com um mínimo de ressentimento, mas não que não se fale. Nada de pedra em cima. Pedra em cima é recalque. Faço, então, a seguinte questão para todos nós: quando alguém diz que, dada sua posição, não quer tratar de um assunto e entendem que não é mais para falar dele, entender deste modo não é defensivo? Ninguém disse que não era para falar do assunto.

Aproveito para limpar estas áreas, pois, se não, fica um mal-entendido irreversível. Alguém aqui também disse que eu tivera dito que “não há fatos, só há interpretações”. Ora, isto é Nietzsche, não é meu. Nietzsche acha que não existem fatos. Penso justo o contrário, já que conhecemos Freud e o Inconsciente: **só há fatos**. Há um fato, um outro põe outro fato... Há um fato material, um fato linguístico, um fato delirante – são fatos. É preciso estabelecer um modo de operar isto para tirar o melhor, pois tudo é fático. Aliás, é **preciso tirar a palavra interpretação de nosso vocabulário. O que temos é intervenção produzindo fatos**. Peço que evitem certos usos dos termos que estão fora de nosso projeto teórico, se não, confundimos tudo. Mesmo eu posso fazer esta bobagem. Qualquer um faz merda, sabiam? Todo ser humano é um fazedor de merda, já notaram? Desde Freud, qual é o produto fundamental de uma pessoa? Cocô.

- P – *Temos, então, que, cada vez mais, trabalhar em termos de vetores, de esvaziamento de sentido...*

Não se trata de esvaziamento de sentido. Isto é budismo. Vejam que é preciso tomar cuidado com o que se diz, pois não há esvaziamento de sentido. Indiferença de sentido não é esvaziamento. Temos que tomar cuidado porque fazemos a frase, eu ou qualquer um, ela escapole da ordem conceitual e a gente se perde. Já notaram que, diversas vezes, ao falar me corrijo porque disse uma bobagem? Temos que tomar conta porque temos má formação e maus hábitos.

- P – *Diz John Gray, na página 23 do livro A Anatomia de John Gray, que: “Um pouco de realismo certamente seria útil. Aceitar que temos falhas e que nossos problemas não são completamente solúveis, não precisa ser paralisante, poderíamos fazê-los mais flexíveis e engenhosos”.*

27

Dois trechos de falas minhas, de 09 de janeiro e 04 de dezembro de 2010, em que fiz alguns comentários sobre a bifididade com base na teoria quântica (que ninguém sabe muito bem o que seja), foram reunidos para constituir um artigo intitulado “O Halo Bífido do Inconsciente”, que ficou até interessante. Naquelas ocasiões, depois de várias considerações, apresentei minha suposição de que o Inconsciente é bífido, ou seja, funciona em q-bits, e de que, ao passar para sua expressão, passa necessariamente ao bit. Depois, comentei que alguns críticos da física diziam não ser possível o que Roger Penrose achava possível – o cérebro funcionar em q-bits –, pois é impossível haver qualquer tipo de emaranhamento em temperaturas mais elevadas. Disse, então, que, como sei que o Inconsciente funciona assim, para mim pouco importa se ele é pré-clássico ou pós-clássico, ou seja, se funciona diretamente em q-bits ou se o cérebro imita de algum modo, mediante Revirão, uma função bífida.

Acontece que uma informação mais recente, baseada no artigo de autoria de Vlatko Vedral, *A vida em um mundo quântico* (*Scientific American Brasil*, julho 2011, p. 30) – de cuja pesquisa faz parte um cientista brasileiro, Alexandre Martins de Souza, do CBPF –, favorece a tese de Penrose. O interessante no artigo é a comprovação em laboratório de que há emaranhamento em temperaturas altas (em formações biológicas, pássaros, etc.). Faço então o adendo de que continuo apostando na bifididade do Inconsciente e, portanto, do cérebro, de algum modo, seja pré-clássico ou pós-clássico. O autor do artigo diz que o que se pensava ser impossível é possível, portanto é pré-clássico, quântico. Para mim tanto faz, não sou da área. **Sei é que reconheço a função bífida no Inconsciente**, como repito há anos.

Será engraçado se comprovarem isto na espécie dita humana. Verão que Penrose tinha razão, que o cérebro funciona em q-bits. Aí também terei razão: o Inconsciente funciona em q-bits, a expressão no macro é que tem

que ser via binária. Vejam que só se reconhecia a função q-bits em temperaturas extremamente baixas. Como o cérebro é quente, portanto não podia ter q-bits. Agora estão provando que a função é possível em altas temperaturas como a do cérebro. Dizem não que não seja q-bits, mas que a temperatura alta vaza informação: a informação vaza. O que querem dizer com informação vazando? A informação vazando é toda vez que a gente fala: como a função é binária, perdemos metade. Será isto o vazamento? Algo pode vir unário e, na expressão, metade tem que ser abandonada. Se estiverem chamando isto de vazamento de informação, ótimo.

Além disso, acho que todas as funções do mundo macro, desde a **Quebra de Simetria Originária**, como chamo, tendem à quebra de simetria. Isto porque não haveria nenhuma estabilidade macro se não houvesse quebra de simetria permanente funcionando. Não podemos ter uma mesa mole e dura – o que é, aliás, o raciocínio surrealista, por exemplo –, pois, no macro, só funciona por exclusão e não se pode ter os dois opostos ao mesmo tempo. Mas no nível da informação de base é tudo unário, não tem função binária. O binário é um efeito de exclusão, portanto de repercussão, ressonância, o nome que quiserem dar, da quebra de simetria que permite que haja discernimento e distinção.

- P – *Fico imaginando, quanto a isto, o sistema fonológico.*

Se tivéssemos a língua bífida – como as cobras, aliás... É o que Lacan quis supor ser a psicose de James Joyce, coisa em que não acredito. Acho que Joyce tinha a sensibilidade de perceber a bifididade anterior à expressão linguística. Que Joyce era esquisito, era, mas quem não é? Não é mesmo, Lacan?

Há também nessa revista, um artigo de Mário Novello, “O Mistério Intrigante da Origem da Massa”, p. 37-41, do qual só li o resumo, em que trata da possibilidade de o LHC não confirmar a existência da partícula de Higgs. Ou seja, a massa em si não existe, o tempo em si não existe. Há um artigo meu, de 1997, “Tempo de Haver (os relógios da psicanálise ou o suicídio da borboleta)”, em que já digo que não existe tempo, que é um efeito. Se pres-

tarmos atenção ao funcionamento do Inconsciente, descobriremos que não há morte, não há tempo, não há nada disso, são efeitos da partição. A meu ver, tudo é efeito de alguma função da quebra de simetria, em algum lugar. Quebrou simetria, comparece tempo, massa, tudo. Esta mesa diante de mim tem massa porque a simetria aqui é quebrada. Não está quebrando, partiu. Freud, por exemplo, ficou na situação horrível de ter que ser binário, mas, se o lemos com atenção, vemos que, no fundo, é unário, monista, e não dualista. Se começamos a operar com uma pulsão só, ela se binariza, mas é unária. Freud ficou com o problema pulsão de vida / pulsão de morte, Eros / Tânatos, etc., tudo em oposições, para poder reduzir o que tinha entendido ao mundo conceitual da época, que era inteiramente binária. Não é um erro, e sim uma acochambração social e cultural.

Suponho que, dentro de alguns anos, isso aparecerá na tecnologia com a maior facilidade. Parece difícil, mas quando aparecer verão que é fácil. Aparecerá a possibilidade de lidar nos dois planos, unário e binário. O computador quântico será possível, ainda mais que pode ser quente. Na segunda metade do século XXI, as coisas que estou dizendo serão banalidades. As crianças lidarão com isso na maior. A espécie humana é ainda troglodita, devagar, de uma burrice tal que leva séculos para entender uma bobagem. Isto porque, como já disse, o parâmetro é o Primário, que é estúpido, fechado (e precisa ser, se não, morre), e faz uma pressão recalcante tão grande que a burrice impera. Uma pessoa cada vez mais inteligente é alguém que, sabe-se lá por que, conseguiu se libertar dos recalques primários que estão forçando a barra sobre o Secundário. Aí, ela vai com certa facilidade. Não me parece que isto tenha a ver com a antigamente chamada psicose, ou seja, nada a ver com morfose regressiva. Pensar que tem é confusão de psiquiatras e mesmo de psicanalistas. Ou seja, a loucura de as pessoas conseguirem se libertar mediante inteligência – que está sendo aqui descrita como conseguir se soltar das amarras recalcentes do modelo primário – nada tem a ver com morfose regressiva. Pode até ter alguns aspectos parecidos, mas nada tem a ver.

Como sabem, está dito na teoria que os recalques são primários e secundários, e que o Recalque Originário é a primeira quebra de simetria. A

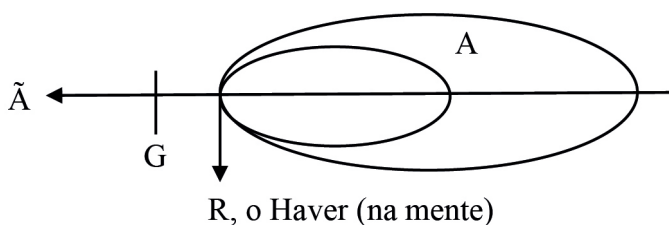
pressão primeira sobre o Secundário é o recalçamento primário: o Primário recalca os movimentos do Secundário porque é estúpido. Depois, ainda por cima, surgem os recalques secundários. Mas, sobretudo, somos recalcados por via primária, pois, para o Primário sobreviver, impõe limitações estúpidas, inclusive ao Secundário. O Secundário fica burro por pressão do Primário, por questão de sobrevivência. A sobrevivência do Primário, antes de ser regulada por funções secundárias, força muito recalçamento e estupidez.

28

É preciso prestar mais atenção aos conceitos da Nova Psicanálise e não começar a misturar estação, pois isto desfigura o que é específico da teoria e reduz a campos que não são os dela. Acontece de me entregarem textos em que fico horrorizado com este fenômeno. Parece uma bobagem, um pequeno erro, mas é, sim, uma destituição do compromisso teórico da Nova Psicanálise. Não se pode sair delirando com os conceitos mediante associações, mediante coisas que não podemos comparar conceitualmente. Isto desfigura a teoria e alguém que ler algum desses textos, compreenderá pela via da comparação antiga. Então, não entenderá nada. Dou exemplo de duas coisas que apareceram em textos de duas pessoas que não combinaram uma com a outra, ou seja, estão lendo errado. Num deles, resolveu-se fazer alguma comparação de Jorge Luis Borges com a Nova Psicanálise. Não é impossível, mesmo porque pode ser inócuo. Borges nasceu muito antes de mim, já morreu, não estava fazendo teoria, então pode-se ver que, na intuição do poeta, é interessante dizer. Aparece duas vezes, em dois textos sucessivos, que o *aleph* é o ponto Real do Revirão. Isto é uma bobagem, destrói o raciocínio. Repito, não se

pode achar parecido e fazer associações indébitas, pois estraga tudo.

O *Aleph*, de Borges, é um conto antigo e é uma ideia antiquíssima muito anterior a ele. A letra *Aleph*, a primeira do alfabeto hebraico, representa em matemática o que chamamos de transfinito. Há vários transfinitos: aleph 1, aleph 2, etc. Borges resolveu tomar esta ideia velha e fazer um conto. Uma coisa grotesca, aliás, uma bobagem literária, mas um conto bonito: um cara debaixo da escada conseguindo ver o ponto *Aleph*. Existiria, então, um ponto em que, quando conseguimos nos colocar neste ponto *de vista*, teríamos a totalidade do Haver. Isto nada tem a ver com o ponto Real do Revirão e nada na Nova Psicanálise tem semelhança com isto. O ponto *Aleph* de Borges é um simulacro de totalização. **Não há totalização na Nova Psicanálise** e nem se pode falar do Haver como totalização, é impossível. Quando dizemos que o Haver é todo, este *todo* deveria ser retirado da frase, pois é apenas maneira de dizer. Não existe totalização, não existe nenhum ponto desde onde se possa ver tudo. Pensar assim é *catolicismo*, é o deus dos católicos e vai “recupertir” – vejam como o Inconsciente é bacana, trata a língua com o maior desprezo –, vai repercutir em outros textos de maneira pior ainda.



Já expliquei o que chamo de Haver (A); de não-Haver (\tilde{A}), que não há, pois há apenas o sentido da seta; e o ponto que, às vezes, chamo de Real (R) ou do Haver enquanto tal *na mente humana* (o Haver passa por aí na mente, lá fora o Haver [A] é o que há). Portanto, nunca se diga “tudo que há” ou a totalidade. O Haver é o que há, ponto. Não tem totalidade. O “todo x” ($\forall x$) aqui, diferentemente de Lacan, é função de recalque. Quando se diz “todo”, isto é função de quebra de simetria. Se não, “tudo” que se supõe como $\forall x$ é “não-todo” ($\sim \forall x$). Não existe totalização aqui, nada é tudo. Quando dizemos

que queremos tudo, estamos falando que queremos tudo que está dentro desse recalque. Não há tudo.

Disse também que tem o Ponto G. Estou chamando de Gnoma uma exasperação de quem está nessa situação – que somos nós, as outras IdioFormações – diante da impossibilidade de Haver não-Haver? É uma exasperação, e nada mais. E disse que religião e outras formações são coisas aí colocadas para tapar esse furo. De repente, aparece num texto como se houvesse mesmo esse negócio e que, desse ponto G, vemos tudo. Isto é loucura, catolicismo, nada tem a ver. Já apareceu Deus de novo como o ponto desde onde se vê tudo, é o deus católico. O que isto tem a ver conosco? Isto significa o óbvio, que se trata a teoria com o olho da formação que se teve antes. Católico lerá assim. O catolicismo é uma forma de burrice, aliás incurável segundo Lacan. Chamo, pois, atenção para que, quando tomarem qualquer conceito, perguntem-se se o conceito é válido nesta teoria. No caso, por exemplo, do *Aleph*, de Borges, não há conceito de visão total aqui, pois, se tivéssemos a visão total, veríamos o não-Haver: o não-Haver passaria a existir e começo a enxergá-lo. Deve ser o céu dos católicos. Há que ter cuidado com o manejo dos conceitos. Se não, fica uma dança delirante por associação de ideias. Isto não funciona. A teoria pode não funcionar, mas o conceito funciona.

29

• P – *Antes de você chegar aqui na Oficina Clínica, dizíamos que a práxis clínica é a incorporação da formação que nos permitiria indiferenciar com mais facilidade qualquer formação e que pudesse fazer maior uso das ideias de suspensão e suspeição para uma intervenção ad hoc. Teríamos que bolar*

aparelhos de exercício disto por simulação. Aí veio a ideia de levantamento, dentro da Oficina, das formações que são mais cachorras, aquelas que latem com mais facilidade por serem mais fortes e dominantes. Já apareceram três: inibição e arrogância, como praticamente a mesma coisa, pois, frequentemente, o inibido nada mais é do que o arrogante que está de boca calada; e a questão do ressentimento. Muitas vezes, a psicanálise permanece numa grande falação. Aí, porque teve uma ideia, porque falou, fica parecendo que fez. É necessário que, quando se faz análise de uma formação, haja certo momento de refrega com a formação avessa para uma espécie de aprendizado e de incorporação da outra, e mesmo como maneira até de enfraquecimento de sua dureza. Paramos muito na primeira parte, na análise, na decomposição da formação, mas a formação facilmente ganha força de novo por causa do hábito, já que está instalada como um algoritmo em nossas cabeças.

Você tocou em dois pontos que acho fundamentais. Em meu tempo de criança, quando os adultos falavam algo, ensinavam ou davam uma ordem, se a criança respondesse, na mesma hora apanhava na boca. Que hábito bom! Infelizmente, foi perdido. Esta espécie, que se supõe falante, tem o mau hábito de, ao invés de ir à realidade, ficar batendo boca. A psicanálise, quando não se recorta isto, vira um eterno lugar de interpretações, e ninguém vai a lugar algum. É uma maneira de escape e defesa a pessoa, ao invés de realizar, ficar no comentário, no bate-boca. Esse tesão oral bem realizado não leva a nada. Saber do bate-boca inútil dentro do consultório, por histeria, para nada, foi uma das coisas que levou Lacan a fazer recortes rápidos dentro da análise. “Cala a boca! Chega! Leva desaforo para casa!” Isto é fundamental, se não tem o que dizer, cala a boca. É uma prática de defesa do analisando falar demais para o analista não poder falar, nem fazer análise, para calar a boca do analista.

O segundo ponto que você tocou é que não podemos fazer exercício de indiferenciação se não ficarmos abertos para todas as oposições. Então, este é um exercício fundamental. É preciso sempre lembrar que não existe nenhuma formação, absolutamente nenhuma, nem mesmo a Psicanálise, que não seja sintomática. Portanto, ela é meramente sintomática. Retornar ao ponto

de vista, ao ponto desde onde se possa indiferenciar, é exatamente disponibilizar as oposições, fazer o exercício do “por que não?” A primeira pessoa a me ensinar isto foi Gaston Bachelard. Ele chamava de *Filosofia do Não*, mas, na verdade, estava dizendo para perguntarmos “por que não o outro?”

• P – “Não” no sentido em que se diz “geometria não-euclidiana”?

Sim. Nos passos dados na história da psicanálise, por mais brilhantes que fossem, sempre se fez a crítica da história da psicologia como contrária à posição psicanalítica. Denuncio que isto foi uma grande mentira. Não mentira de sacanagem, mas por ignorância. Isto porque toda vez que substituirmos uma ideia psicológica por uma interpretação, estaremos fazendo outra ideia psicológica. Até Lacan caiu nessa. Foi um passo gigantesco o seu de tentar considerar o significante – e, se relermos o último Lacan, veremos que ele ficou até o fim da vida enrascado nas tripas do significante. Como poderia ele abordar o significante em estado puro? Aqui entre nós, que ninguém nos ouça, isto é besteira, pois não há esse significante em estado puro. Em estado puro, o que há é silêncio ou não-significante. Esta é uma das críticas que faço à história da psicanálise.

Qual é o exercício, pelo menos no momento – quem sabe se no futuro não me chamarão de psicólogo? –, que se pode fazer para encontrar o **lugar do analista**? O lugar do analista é aquele de onde ele tem disponibilidade. Não que ele não vá fazer atos, intervenções que possam deslocar o analisando, mas não estará interpretando coisa alguma. Já disse que **só há fatos, não há interpretações**. Aliás, temos que acabar com esse negócio de interpretação. Se tem um fato, coloca-se outro fato, um fato novo que desarruma e desloca toda a configuração que foi trazida. Não se está interpretando, e sim colocando um fato novo que tenha a ver com a possibilidade de deslocamento do fato trazido. São intervenções no sentido de mudar a configuração dos fatos.

Então, como achar esse ponto do analista? O que é esse lugar? É o *lugar* da absoluta disponibilidade – o qual, por mais esforço, só conseguimos aproximar vez ou outra –, da desconfiguração de qualquer formação, por tomar toda formação como sintoma. Não se tem compromisso algum com

formação alguma. É duro, difícil de chegar a tanto, mas só isto é que não é psicologia, pois mesmo as intervenções do analista acabam caindo do lado do meramente psicológico. Só não o é se, na posição do analista, estiver indiferenciando e procurando disponibilidade máxima. O analista não está fazendo psicologia: o ato é de deslocamento – mas se psicologiza na mesma hora, não tem saída. Entretanto, se já se pensa em termos psicológicos, é melhor desistir, ser junguiano, fazer outra coisa... Este é o perigo, que também ocorre quando se toma uma teoria, que é uma formação – portanto, é sintomática – e se começa a delirar sobre ela. Isto, em vez de depurar, de procurar abstrair cada vez mais. Então, as duas coisas mencionadas no início são o puro bate-boca – que vejo muito aqui, aliás – sem contenção, sem se ter pensado, sem articulação, que é embromação, que é defensivo. Em última instância, é deneatório, é fingir que se está fazendo algo sem fazer. A outra coisa é a questão da disponibilização permanente.

30

Sempre faço questão de lembrar que até mesmo uma boa teoria é sintomática. Justo por isto, por cair no vício sintomático imediatamente, ela tem que ser refeita, refeita... Há que ter desconfiança, pois é forte a tendência à literatice, à narrativa, à mitologização de tudo. Caímos nessa configuração idiota porque é parecido com a configuração binária, é parecido com almoçar bem, comer bem. Então, em vez de desconfigurar, o processo fica configurando. Isto é bobagem, não serve para nada. Se quiserem ficar aí, façam literatura – que, aliás, também já morreu: a literatura acabou. O Quarto Império, quando conseguir se instalar, fará uma limpa e isso tudo vai virar coisa de madame

que, como não tem o que fazer, pinta quadro, faz “obra de arte”, escreve um romance. Para chegar no ponto, é preciso pouca coisa, então o cotidiano é essa brincadeira. Não tem mais que nomear fulano como escritor, dizer que escreveu um romance. Qualquer senhora escreve romance hoje, mas não vale nada, a não ser como masturbação deliciosa de cada um.

• P – *As formas artísticas são dependentes dos Impérios em que nasceram. A literatura é fortemente dependente de Segundo e de Terceiro Impérios, no Quarto ela começa a se espatifar.*

Vemos que, em pleno século XX, em termos de história, de teoria literária, um pouco de filosofia, economia, passou-se de um excessivo interesse pela mitologia, haja vista a Lévi-Strauss, para a crítica radical da mitologização, com Paul Veyne...

• P – *Com Roland Barthes também.*

Ele começou um pouco com *Mythologies*, mas há um pessoal mais radical que diz: “Vocês acham mesmo que os gregos acreditavam nessa mitologia? Estavam cagando, nem sabiam”. Como sair dessa?

• P – *A literatura se estrepou quando a ideia de narrador se espatifou como instância que praticamente a fundava.*

Afundava mesmo. Do que tenho lido, o único que parece que sabe lidar com isto é Enrique Vila-Matas, que fica se enrascando por ali. Jovens escritores portugueses como Gonçalo Tavares, Agualusa, etc., praticam a morte da literatura, mas não consideram isto. O Edney Silvestre ao entrevistar Vila-Matas na televisão fazia perguntas cretinas como: “E seu próximo livro?” A resposta foi: “Não escrevo livros, faço uma obra”. Não está preocupado com próximo livro, e sim manejando esse troço onde-quer-que. Disse que até aquela entrevista pode entrar no livro. Há que aparecer um momento em que – tirando a massa ignara, que é sempre lata de lixo da cultura – tudo isso vai dar bandeira, vai ficar na cara que é tudo besteira.

• P – *valter hugo mãe, escritor angolano, escreve seu nome com letras minúsculas...*

Grande novidade! Parece que nunca leram Philippe Sollers. De repente, passa-se por cima de um acontecimento *princeps* e um bobalhão mais adiante parece ser quem o inventou. Um exemplo que me ocorre agora é o de McLuhan. Interessantíssimo, foi o eixo de um movimento de transformação do entendimento de certas coisas. Entretanto, sua ideia primordial, dita, declarada e descrita, é de Merleau-Ponty, que ele nunca citou: a extensão do corpo.

• P – *Há também outro autor que influenciou bastante McLuhan, Teilhard de Chardin.*

Eu o li muito bem, era modíssima na década de 1950. Apesar de padre, o desgraçado pensa coisas interessantíssimas. Seu livro *O fenômeno humano*, tem besteiras teleológicas como “chegar ao ponto ômega”, que é Cristo, mas, para um padre antropólogo, não é dos piores.

• P – *A fundamentação parecia estar naquilo que era produzido por aqueles autores que líamos então, décadas de 1960-80, mas o eixo que canalizava era outra área adaptada, transferida, reconstruída. Penso em Lévi-Strauss com a conexão com a cibernética, com Jakobson em Palo Alto.*

Já disse que Lévi-Strauss é um fenômeno de achado. Ele era um jovem professor da USP e, como na França lhe deram dinheiro para fazer pesquisa, coletou um material enorme com o qual não sabia o que fazer, não sabia para que servia. Aí foi para a América, encontrou Jakobson, que lhe disse para que servia. Ele então deitou e rolou, fez uma festa.

• P – *Sua noção de simbólico é a da teoria da informação, e é a mesma que Lacan tomou apoiada na turma da cibernética, Claude Shannon e Norbert Wiener.*

E apoiada em Jakobson e no estruturalismo de Lévi-Strauss. Foi um golpe muito inteligente: juntou aquilo tudo, fez um processo teórico e foi em frente.

• P – *Wiener dizia que não dava para fazer ciências humanas com sua cibernética. Lévi-Strauss disse que tinha o caminho, chamava-se Curso de Linguística Geral, de Saussure, que ele tomou através de Jakobson. Aliás,*

quem deu o caminho para Jakobson foi Troubetzkoy, o fonologista. A história disso está toda mal contada.

Foi Troubetzkoy quem bolou a fonologia em contraposição à fonética, e Jakobson foi lá. É assim que as coisas nascem, não tem mistério, não tem gênio: aglomeram-se e quem estiver lá na hora, pega.

• P – *Você indicou a leitura da biografia cruzada de Deleuze e Guattari, escrita por François Dosse...*

Sugeri a leitura porque muita coisa pela qual passei lá está.

• P – *...e achei que Deleuze é um fenômeno da universidade francesa, uma coisa pequena para o alarde que se faz até hoje. Já Guattari ficou mais interessante, em função de uma experiência pela qual passou.*

Aí vou defender Deleuze. Sem Guattari, Deleuze não nascia. Guattari fez o parto de Deleuze, embora fosse mais jovem. Mas os dois têm algo que acho excepcional, que foi a coragem de enfrentar o poder estruturalista da época. Eles botaram para quebrar: *Anti-Édipo* é uma porrada bem dada, um acontecimento da melhor qualidade. Li devoradamente e achei excelente. O estruturalismo tem uma coisa horrorosa, que é ser caga-regra, um troço meio hegeliano, meio estatal: quer ser a verdade do estado das coisas. Nunca conheci Deleuze pessoalmente. Minha sala de aula, em Vincennes, era em frente à dele, só o via chegar. Eu terminava minha aula, não conseguia entrar na dele, pois estava sempre entupida. Guattari, conheci bastante. Andei com ele aqui pelo Rio, conversamos muito, uma ótima presença ativa. Até briguei com ele em público, no auditório do Copacabana Palace (em 1978, durante o I Congresso Brasileiro de Psicanálise de Grupos e Instituições). Mas era discussão teórica, besteira.

• P – *Difícilmente há separação por divergência teórica, há sempre uma baixaria em jogo. Hoje, pela manhã, comentávamos o caso das atuais dissensões no instituto de Miguel Nicolelis, em Natal.*

Já começou a universidade a sacanear. Só porque o cara consegue fazer algo, começa-se a tentar destruir. É o que a gente sofre neste país. Mas

Nicolelis é de uma elegância incrível. Disse para fazerem bom proveito, mas que não pensassem que iria parar por causa daquilo. É a mesquinha acadêmica: os bostas dentro da universidade há décadas não fazem nada, aí o outro faz e eles vão lá destruir. É inveja e ressentimento, mas ele não pediu licença a ninguém, fez. Também sou teimoso, de nada adiantou tentar me destruir, acabei fazendo. Ainda me lembro, nos primórdios do Colégio Freudiano, estávamos em reunião da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Carlos Henrique Escobar – ex-althusseriano cabeça inchada, autor de uma peça sobre o assassinato da mulher de Althusser –, que acho que está em Portugal agora, disse que queriam me reduzir ao silêncio e perguntou o que eu iria fazer. Respondi: Vou fazer tudo.

• P – *Quanto ao exercício de praticar a contra-formação, de que estamos falando, lembro que Stuart Mill, em seu texto Sobre a liberdade, diz que opinião alguma contrária deve ser calada, cada um tem o direito de expressá-la e praticá-la desde que não cause dano a outrem. Se você não pode suportar a expressão de um argumento contrário ao seu é porque seu argumento não tem firmeza. Além disso, diz ele que se o outro tem uma convicção contrária ou diferente da sua, cabe a você passar pelo exercício desta mesma convicção para entendê-la por dentro. Isto não é necessariamente aceitá-la, e sim entendê-la em sua efetividade.*

Essa gente bacana toda me influenciou demais quando eu tinha menos de vinte anos: Mill, Russell... Depois entrou Anísio Teixeira. Essa gente, mais Dewey, era a formação dele. Mas pensar com a cabeça do outro, é fácil, é só não ser estúpido. Como transar tal coisa, uma vez que o outro também tem razão? Razão, todos têm, o que não têm às vezes é inteligência.

• P – *Em Istambul, semana passada, vi aquelas mulheres vestidas de preto, com lenços pretos...*

Adoro aquela roupa, queria andar assim na rua. Elas estão se sentindo muito bem lá dentro.

• P – *...e eu achando que elas não gostavam. Havia vários namorados na grama do jardim. Os caras – de bermuda sob um sol de quarenta graus –*

sentados conversando com elas no maior namoro. Sempre me pareceu, pelos relatos que temos aqui, que eram eles que mandavam, que impunham, mas me pareceram tão entregues a elas. Pensei nisto a propósito de passar pela mesma experiência de convicção do outro.

31

• P – *Falávamos também, antes de você chegar, sobre o caso do norueguês cristão que, há duas semanas, matou os próprios cristãos.*

Evidentemente, é um psicopata, pensa que caga regra sobre o mundo e pode decidir as coisas daquele modo. Há mais psicopatas no mundo do que supomos.

• P – *Não é um psicótico?*

Não acho. Sua postura parece inteiramente delirante, parece uma paranoia bem construída, mas gosto do termo antigo, psicopata. Ele é o perversista de alto nível, o morfótico progressivo extremamente convicto. E o progressivo convicto fica igual ao paranóico.

• P – *O que o faria ser progressivo?*

Isto é de uma sutileza incrível. No psicótico paranoico extremamente delirante, trata-se, a meu ver, de HiperRecalque. Então, percebemos que, ao produzir o discurso, este é obviamente delirante em função de certas suposições que fazemos da realidade. Tenho que falar assim, pois não sei se nossa suposição também não é delirante. Suponhamos que exista uma espécie de senso comum a respeito da realidade – é uma bobagem, mas existe – e quando

nos deparamos com um psicótico, um *morfótico regressivo* como chamo (e que qualifico com o HiperRecalque), fica evidente que ele perdeu as estribeiras ao se manifestar. Já o morfótico progressivo, o psicopata, não perde as estribeiras. É tudo de uma coerência ligada à realidade. Não sei explicar melhor, preciso desenvolver, mas tem uma coerência relacionada aos aspectos da realidade. Por exemplo, ligada à realidade política, social, geográfica. Isso cola na cabeça das pessoas como Hitler colocou, escora-se em posições de realidade e desejos explícitos, às vezes da maioria. Hitler nada fez sozinho, deu voz a seu entorno. Um psicótico, quando se manifesta, começa com um delírio, mas parece tudo normal, coerente, porque não o conhecemos. Basta dar corda para ver que ele perde as estribeiras e diz sandices evidentes. Já as sandices do morfótico progressivo não são evidentes, são escoradas na realidade. Mas, repito, não sei ainda explicar isto melhor.

• P – *Trata-se de psicose no caso daquele rapaz que recentemente matou outros alunos numa escola pública do Rio de Janeiro?*

Pode ser. Mas, no caso do norueguês, há uma coisa bem articulada, ele tem certeza. O morfótico progressivo tem certeza igual ao paranoico, mas a certeza deste está esteada num HiperRecalque. Já o progressivo toma elementos da realidade – são fundações mórficas –, às vezes até de consenso. Por exemplo, se levantar uma bandeira racista, como é o caso de que estamos falando – “somos uma etnia superior” –, em quantos encontrará essa certeza, sem nenhuma psicose, sem nenhum HiperRecalque, apenas por narcisismo reforçado? Imediatamente, todos que têm a característica positiva vão se juntando: “Claro que somos melhores”.

• P – *A certeza do regressivo é o que o expõe e o ferra. Imediatamente se denuncia sua falta de amparo.*

Sim. Se dermos corda, ele perde as estribeiras. Já o progressivo vai estruturando sobre as coisas e encontra apoios. Lembrem-se de que o Adolfinho foi anteontem. E há o outro lado também, como podemos ver no caso do relato de um analisando de família judaica que, mesmo sendo desgarrado do judaísmo, precisava de uma grana e descobriu que, em certa sinagoga,

pagavam uma boa mesada para jovens judeus que quisessem ser doutrinados. A coisa que ele mais ouviu ao ir lá foi que “nós, judeus, somos superiores, somos mais inteligentes, fazemos as coisas importantes do mundo”. Ele voltou horrorizado, pois só queria a mesada. Aliás, há uma tese bastante forte na historiografia e em certas teorias sociais de que Hitler fez tudo aquilo para disfarçar de ser judeu. Esses fanatismos são uma coisa difícil, pois religiões são grandes estruturas psicóticas, mas as igrejas são grandes estruturas progressivas. É uma combinação engraçada: uma igreja não é uma estrutura psicótica, e sim uma estrutura perversista, mas uma religião é uma estrutura psicótica.

- P – *A perversidade consistiria em introduzir a crença psicótica?*

Consiste em simular o texto psicótico no sentido de se apoderar dos outros, de tomar o poder eclesiástico mediante a simulação daquela psicose. A simulação da psicose chama-se *crença*.

- P – *Essa recrudescência em todos os lados tende para o lado regressivo ou é progressiva? Vemos claramente que começa a assumir ares empresariais próximo de uma igreja.*

Considero a formação *igreja* progressiva. Já a *ideia religiosa* é regressiva. Observem que sempre há um maluco que tem delírios e fala com Deus. Esta estrutura é psicótica. Na hora em que isso se organiza em termos de mundo, de poder, a formação psicótica é comprada como fundação mórfica: faz-se do evento psicótico uma fundação mórfica. Pensemos em termos de funcionalidade básica: tenho uma forte tendência progressiva, e uma maneira de aplicá-la é, por exemplo, empresarial. Vejo, então, ali adiante, uma formação que brotou por razões psicóticas, que posso adquirir, trazer para cá e fazer funcionar como uma fundação mórfica. Ela não é minha, é histórica, é do local, é para usar. Qual é o nome disto? São Paulo, o cara mesmo, não a cidade.

- P – *Num documentário da National Geographic, Arquivos ocultos da Bíblia, diziam que a fundação do cristianismo se deu em função da ideia de ressurreição e que foi Maria Madalena que, no terceiro dia, supostamente*

teve uma visão de Cristo ressuscitando, comentou com os outros discípulos, aquilo foi se difundindo até que colou.

Colocaram na conta dela para fingir que a religião é histórica, mas não é, é psicótica. Para mim, isso tudo é mitologia, jamais existiu. Esse tal Jesus Cristo é um sincretismo, um “personagem conceitual”: vários rebeldes existiram por ali e sincreticamente criou-se esse personagem que morreu na cruz, etc. Aquilo é um bando de incongruências, o primeiro evangelho foi escrito setenta anos depois que ele morreu e foi colando como história narrativa. Ora, a coisa mais fácil do mundo é enganar trouxas, pois ficam pedindo para serem enganados. As pessoas foram acreditando, aquilo colou, virou uma mitologiazinha local, e quem levou a melhor foi Constantino, o imperador romano. Quando viu que aquela bobagem estava disseminada, muita gente acreditando, disse: “Olhem lá a cruz no céu!” Este é o perversista, espertíssimo, mas aquilo nasceu dentro do povo como um delírio psicótico.

Como disse, não gosto de supor que uma coisa dessas tenha se fundado historicamente. Para mim, a fundação é mitológica, essa *pessoa* nunca existiu. Aliás, como Buda: Sidarta nunca existiu. Contam a história daquele príncipe, uma coisa maravilhosa... Observem que Índia e China são mais elegantes, sem um cara escalavrado em cima de uma cruz, mas é mitologia também. Estórias como essas que correm, até a da Branca de Neve, se colarem, viram religião. Como certa judeuzada passou a acolher essa mitologia, começou a virar crença, foi invadindo e entrando no Império Romano, que estava esfacelado mesmo. Constantino, então, depois de pensar e cafungar umas três fileiras, achou a idéia brilhante e disse: *In hoc signo vinces* (‘Com este sinal, vencerás’). Ele era marqueteiro. São Paulo, que não era bobo, já tinha comprado a ideia bem antes.

As coisas acontecem assim. Já imaginaram se, por um escorregão da história, Hitler não tivesse perdido a guerra? Se os americanos não tivessem inventado a bomba atômica, qual seria nossa posição? Como estaríamos hoje? O babaca expulsou os judeus, eles foram para os Estados Unidos e inventaram a bomba. Devia tê-los deixado na Alemanha e perseguido outros. Esse negócio de história e destinação não existe, é tudo aleatório. Então, imaginem

se não tivessem inventado a bomba a tempo, como ficaria? Imaginem se o cara tivesse ganho, em vez de Stalin. Stalin ganhou a guerra, não se esqueçam disto. Indo mais para trás, imaginem se Napoleão, com sua paranoia, tivesse conseguido unificar a Europa. O aleatório vai nos conduzindo e aparecem alguns idiotas para supor que há uma destinação histórica. É maluquice estudar a história como processo de destinação, no sentido de uma teleologia. Tudo foi araque: *acontecimento*.

Vejam, então, que a fundação de uma religião é sempre regressiva. Fundação esta que é aproveitada progressivamente. Falando em termos antigos, a fundação é psicótica e a produção da eclésia é perversa. Com quem contam eles na massa? Com os neuróticos, que são algo facilmente negociável. A Igreja católica negociava com eles com prebendas pós-morte, e o protestantismo passou a negociar com prebendas pré-morte. Qualquer cara desses da pré-morte está esperando ganhar carro para escrever: “Foi Jesus que me deu”. É um neurótico que acha que Jesus, numa posição paterna, o ajudou.

• P – *Em outro adesivo de carro está escrito: “não sou o dono do mundo, mas filho dele”.*

Há, inclusive, o pagamento de valorizar o ego do cara: sou filho de Deus, logo sou o máximo. Observem que a psicanálise não vale nada, pois sua função é dizer que o cara é um bosta, uma titica. Ela não vai crescer nunca, não vai dar carro.

O psicótico, então, dá a louca. Por causa de um HiperRecalque, ele se agarra numa pequena construção e monta um delírio. Aí vem o perverso, acha aquilo uma grande ideia – é o caso de Constantino –, e arma um negócio. Como a neuroticada já está meio convencida por ser babaca, ele aumenta a convicção, dá status e o pessoal compra a ideia. Neurótico precisa de negócio, há que oferecer-lhe algo, ele está sempre negociando, não faz nada de graça. Não pensem que ele tem crença, fé. Outro dia, na televisão, num documentário sobre o Padim Ciço Romão do Juazeiro do Norte, um romeiro, comprando algo lá – neste ponto, católico é igual a protestante –, dizia que ficou bom de uma doença. Nem era grave, mas, como não sabia o que era e estava meio

encagaçado, negociou com Padim Ciço, atribuiu a cura a ele, e foi pagar na romaria. É uma negociação neurótica. Neurótico não tem coragem de dizer que está fodido e doente, que Jesus vá se catar, pois está doendo é nele, e que é preciso ver se alguém tem um remédio.

• P – *E o que acontece quando o progressista se ferra e fica com uma angústia desgraçada, com medo de tudo?*

Explico há décadas que, se revirar, vira fobia. Há que procurar caso a caso onde foi que virou. A própria fundação mórfica, na revirada, o persegue. A coisa sobre a qual ele assenta seu progressivo revira: ele continua progressivo, só que negativamente. Quanto a isso, o caso que acho melhor foi publicado na revista *Scilicet*, número 1, com o título “Fétchisation d’un objet phobique” (Paris: Seuil, 1968, p. 153-167). É o artigo de um analista sobre certo cliente cuja perversão era uma série de botões. Se um botão caísse, ele entrava em fobia: botão separado era fóbico. A partir daí é que comecei a pensar que a perversão é o reverso da fobia e que a relação não é entre fobia e neurose, como se achava. Se a fobia não aparece no mesmíssimo lugar, pode aparecer deslocada. Há o caso de um perversão, rico e famoso, que passou por certa situação em que o pau caiu. Falando em termos objetivos, ele estava desesperado porque, quando chegava perto da propriamente dita – diante da Medusa –, seu pau desabava. Ele não quis escutar que este não era o problema, que o problema estava em outro lugar, que seu narcisismo extremo é que fazia aquilo.

• P – *Você falou sobre religião como estrutura psicótica, igreja com modelo progressista perversista e crença como uma simulação neurótica da psicose. Podemos, neste sentido, tomar o caso das empresas Walt Disney, cuja fundação é progressiva e que vende uma fantasia que sempre tem o “felizes para sempre”.*

Se oferecerem um final feliz, o neurótico compra na hora. É só olhar para Silvio Santos, que está mais perto de nós do que Disney, para ver como lida com seu público. Ele é genial, pega o pessoal pelo fato de ir prometendo, jogando a promessa para a frente, de vez em quando dando um prêmio, mas

o maior prêmio fica com ele. O neurótico é negociável, o psicótico não. Se bater de frente com o delírio, aí já é inimigo. Para o psicótico, nós é que temos que nos submeter, pois ele jamais negociará conosco. O perverso faz qualquer negócio, desde que haja lucro para ele. O neurótico é um tolo a quem basta prometer qualquer coisa: “Me engana que eu gosto”. Se o convencerem de que é cada vez mais feliz, ele entregará tudo.

• P – *Você disse que a fundação de todo Império é progressiva, mas sua instalação é religiosa.*

Infelizmente, não se consegue instalar nada sem algum aspecto religioso. Nem a psicanálise conseguiu. Sempre achei esquisita aquela coisa em volta de Lacan – Freud, não conheci, morreu um ano depois de eu nascer –, pois me parecia eclesiástica.

32

Retomo agora assunto que tratei um pouco algumas vezes: a questão do **Poder**. O que é o Poder? É algo o mais frequentemente maltratado nos diversos pensamentos. É claro que, em cada pensamento, há algum *parti pris*, uma tendenciosidade, como aqui também não vai deixar de haver. Minha questão é que vemos muito o poder considerado do ponto de vista filosófico, sociológico, político, etc., mas muito pouco do ponto de vista psicanalítico. E, do ponto de vista da NovaMente, quase nada ainda apareceu. Acho importante ter alguma noção específica, de nosso tempo, de nossa produção, sobre o *Poder*, assim como tentei formular com clareza a respeito de *Conhecimento*. Sobre este, nunca apresentei um texto bem desenvolvido, mas o básico já está dito.

Engraçado é que sempre que algum pensador, teórico, técnico, político, qualquer um, trata da questão do Poder, em sua cabeça, logo de saída, esse poder é *substantivo*: O Poder. Em seguida, faz-se a suposição de que o Poder vem sempre de cima para baixo (*top-down*): de que o Poder está instituído em algum lugar e aquilo vem escorrendo, certamente por virtude da gravidade, até cair lá embaixo em cima dos coitadinhos dos sem-Poder. Nossa posição é justo ao contrário: **poder não é substantivo, é verbo**. Quando o substantivamos, estamos forçando algo: trata-se claramente de um caso de reificação, bem ao gosto da *Morfose Regressiva* (que antigamente chamávamos de *psicose*). E também precisamos finalmente entender o Poder que vai de baixo para cima (*bottom-up*), pois, se algo se torna poderoso lá no ápice, não pode ser de modo solipsista, e só porque se quis. Não há como entender o poder sozinho lá em cima se instaurando, sem que alguma *base* lhe tenha concedido a força que tem. É o que está até mesmo na ideia surrada de *democracia* como algo que emana do povo (mesmo que isto não seja verdadeiro a cada vez). É preciso, portanto, entendermos isto para liquidar uma série de mal-entendidos na história desse tal Poder.

Primeiro, então, toma-se alguma região de poder – o governo, o Estado, o que for, depois, aí, toma-se alguma figura de poder, seja pelo que for: força, carisma, expressão. Adolf Hitler, por exemplo. Dizemos que se trata de alguém poderoso, que faz e acontece, mas isto simplesmente não consiste, pois ninguém por si só tem efetivamente esse poder. Entendamos que Poder *necessariamente* vem de baixo para cima; se não, não se tem nenhum Poder. Diante de uma situação de Poder, sobretudo quando é violenta ou contra os interesses de parte da população, imediatamente se atribui a lá em cima, onde estão aqueles que “são uns malvados!” Não nos perguntamos *como* estamos – nós outros – produzindo esse Poder. Nosso caríssimo Nietzsche tem um famoso texto, do qual gosto demais, intitulado *A Vontade de Poder*. Em francês, costumam traduzir por *La Volonté de Pouvoir* – contra o quê se rebelou Deleuze, intenso estudioso de Nietzsche¹. Resolveu que Nietzsche não estava falando d’O Poder, mas da *Potência*, então quis que se dissesse *Vontade*

¹ Aliás, o primeiro livro de Deleuze que saiu no Brasil, Nietzsche e a Filosofia, foi providenciado por mim e publicado pela editora que eu dirigia em 1976.

de *Potência*. Ora, ora, ora... Deleuze faria melhor se falasse não da potência, mas do *verbo* como estou tentando agora.

• P – Em alemão *vontade de poder* é *Der Wille zur Macht*. *Poder* (*Macht*), *aí*, é um substantivo. Não há um verbo para ele. O correspondente é: *können*, *que*, por sua vez não tem substantivo. A tradução mais correta em português deveria ser algo como “A vontade em direção ao poder”.

Können é como o *to can* do inglês. Mas temos uma língua melhor, que tem o verbo *haver* e que diz que *poder* é verbo e que apenas *pode* ser substantivável. Para pensar, precisamos de uma língua adequada. Ao contrário de nosso ícone idiota chamado Heidegger, que achava que só se podia pensar em alemão, estou dizendo agoraqui que podemos pensar melhor essas coisas em português – melhor ainda, no *brasileiro* da nossa vez. Vejam só como uma língua pode atrapalhar. Como Nietzsche iria colocar título nisso? O verbo *können* não tem substantivo e *to can* também não tem. É como o problema de traduzir meus textos. Ninguém acerta para valer – sobretudo por causa do nosso *Haver*.

O verbo *poder* abrange todas as possibilidades de... *Poder*. Vejam só a redundância: o que posso, o que não posso, o que se pode, o que não se pode. E isto, em todos os sentidos: *Primário*, *Secundário* e *Originário*. Esse O *Poder* instituído não é senão um processo de apoderamento que chega a certo lugar e sobra como uma hegemonia qualquer que se adonou de poderes menores – que lhe foram certamente atribuídos e entregues – para governar, mandar, oprimir, encarcerar, violentar, fazer o que bem quiser, para promover coisas abomináveis e até mesmo coisas meritórias. Para nós, não se trata de pensar nesses termos, e sim de questionar o que seja isso, como brota, como surge, como cresce, como funciona, como domina.

No que diz respeito a *Poder* – tiremos o artigo –, o truque da Nova-Mente é considerar apenas *as Formações* enquanto tais – e em qualquer situação: no *Primário*, no *Secundário* e no *Originário*. Assim, além de tomar *Poder* como verbo – e não substantivado –, pensamos, como sempre e em qualquer circunstância, em termos de *formações* e *transas entre formações*.

É enganoso demais pensar O Poder como substantivo – e foi aí que Deleuze, com razão, se pôs contra e o chamou de Potência. O Poder se torna substantivado é quando está instituído, de qualquer modo que seja na Pessoa, na família, na sociedade, no Estado. E assim, fica com cara de substantivo. Mas, repetindo novamente, o Poder é essencialmente verbo: o verbo Poder. Agora então é possível tomar e entender as manifestações de poder: o que se pode, em qualquer circunstância, em qualquer regime, em qualquer nível. Vejam tal formaçãozinha que, com minha mão e meu braço, posso levantar: um copo, por exemplo – isto é um Poder, tem gente que não *pode* levantá-lo.

No *Dicionário de Ciências Humanas* (Martins Fontes, 2010), de Jean François Dortier, página 497, é dito: “Por mais estranho que possa parecer, as ciências humanas não formularam uma teoria geral do poder”. Pois estou me metendo a formular uma **Teoria Geral do Poder**. Nunca a formularam na sociologia ou na filosofia e, digo eu, não a formularão enquanto não tiverem um aparelho conceitual propício a essa formulação. A NovaMente pretende fazer isso, na suposição de que sua *teoria das formações* se presta muito bem a tal formulação. Esse dicionário diz ainda que “o poder é geralmente definido como a capacidade de impor a própria vontade aos outros”. Vejam que a definição é paranoica. Por isso, fala só do poder instituído, e que *pertence* a alguém. Além disso, é uma tolice. Pode acontecer de um dos poderes que a pessoa “tenha” seja a capacidade de impor a própria vontade a outros, mas Poder não é isto.

Corrijo agora essa definição e digo: ***Poder – verbo – é a capacidade que tem uma formação de sobrepujar outra(s) em algum tipo de transa.*** Generalizei? Consigo fazer uma teoria geral do poder a partir daí? Duas formações estão em transa, se uma conseguir sobrepujar a outra, ela constitui um poder em relação à outra. Notem que ainda estou definindo o poder na *transa* em função da definição que deram. Então, pergunto se *poder* simplesmente cabe nesta definição? Pergunto, pois parece que isso ficou paranoico de novo.

- P – *Não temos como definir poder sem relação.*

Esta é a resposta. É que não temos como definir poder sem estarmos

considerando uma *transa*. Parece que estou fazendo uma definição paranoide também, mas, se pensarmos bem, veremos que não estou falando de Pessoas, e sim de Transa entre formações. Se posso – do verbo poder – levantar este copo que está em minha mão agoraqui é porque esta situação de Poder sobrepujou aquela outra situação – que também tem seu Poder, por exemplo, que pesa. É preciso retirar a “parana” típica da transa interpessoal, ou intergrupal, ou interestatal e entender que uma situação de se Poder algo sempre é em relação à capacidade de uma formação confrontar outra formação de Poder.

• P – *Poder é o que a formação pode fazer?*

Melhor ainda: é a *competência*, de certa *formação*, de fazer qualquer coisa. Você deseja fazer tal coisa, você pode? Ou poderá? Posso, mediante o concurso de algumas formações, levantar agoraqui este copo, mas não um piano. Mas é possível conseguir a colaboração de outras formações para fazer com a primeira uma maior formação e levantar o piano. É portanto uma questão econômica: qual é o custo de Poder?

Se pensarmos a ideia de Poder como verbo, no sentido de qualquer nível de formação, e levando em conta a transa entre formações – que tem a ver com *conhecimento*, pois extraímos conhecimento é de uma transa entre formações –, veremos que houve uma relação de poderes naquela transa. A psicanálise, mesmo em seu aspecto de clínica cotidiana, precisa prestar atenção aos poderes que lá estão em jogo. Lembrem-se de que falei em formações recalcentes e formações recalçadas. Então, o que posso derrubar do lado das formações mais poderosas para emprestar poderes para o outro lado? Na clínica, não há mais esse negócio de *interpretação*, pois estamos lidando com uma Pessoa, isto é, um Polo de Formações, enxergamos ali umas formações poderosas e, mediante o pensamento em Revirão, vamos então a contrapelo, começando a solapar por ali. Isto muda as proporções do campo de forças, muda as relações de força entre as formações.

• P – *Você já estabeleceu a equi-valência, a equi-probabilidade e agora coloca a equi-potencialidade, por esvaziamento dos poderes das formações, com neutralização e, ao mesmo tempo, chance de emergência de novas formações...*

...com chance de fazer acordos com duas ou três formações mais fracas, pois, se conseguirmos juntá-las, de repente derrubarão alguma das anteriormente mais fortes. Se aglutinarmos algumas formações recalçadas em sentido contrário, elas poderão derribar a formação recalcante e, eis senão quando, o equilíbrio no campo de forças se transmuta. A pessoa em análise não nota como ou quando muda, mas certas formações enfraquecidas se tornam cúmplices e se reforçam, ou uma que parece muito forte começa a se mostrar enfraquecida.

A grande dificuldade é derribar um HiperRecalque, o da Morfose Regressiva. É difícil porque é muito duro. O recalcante é extremamente poderoso, tanto é que conseguiu tornar-se recalcante desse modo. Aliás, conseguiu coalescendo poderes. Basta ver como se faz com uma criancinha. Não há como não conter, não determinar, se não, vira um bicho doido. Mas, com isto, estamos produzindo forças recalcantes poderosas. O grande mistério da chamada análise infantil ou da pedagogia dita psicanalítica (Melanie Klein x Anna Freud, p. ex.), é: como lidar com aquele animal doido? Animal doido é um que tem Revirão – que, sem processos de contenção, de instalação de formações, que são processos necessariamente recalcantes, não conseguirá lidar com Haver? Como fazer isto e, ao mesmo tempo, ou só-depois, mas logo-logo, começar a indiferenciar os recalques?

Tomemos os chamados Iluministas que, de modo geral, são metidos a saber as coisas. Vejamos p. ex. a discussão – muito engraçada, aliás – entre Voltaire e o Jiji Rousseau (J.J. em francês). Este aqui, acho-o uma gracinha de besteira, escreve bem, mas fala muita bobagem. Isto andou na pedagogia, fez até mesmo um escândalo: até a década de 1960 havia um grande tesão pedagógico nesse Rousseau. Ele diz que o homem nasce bom e a sociedade o perverte. Já Voltaire dizia que o homem é mau mesmo. Neste sentido, escreve textos como *Candide*, *Zadig*... Mas por que acontece essa dialética completamente idiota dos iluministas querendo iluminar o que nem eles conseguiam enxergar? Porque formulam uma teoria de poder que é de cima para baixo. Então nada disso, pois o que há é: *pode-se!* Como se pode? A questão que estava gravada entre os dois, Voltaire e Rousseau, era a que coloco. Do ponto de vista do

nosso entendimento, como fazer se nasce aquele animal doidinho, que tem que ser contido, ter certas formações instaladas, etc., e não há contenção ou formação que não seja de algum modo recalcante? Aquele bichinho vira um animal neo-etológico necessariamente, mas tem deslizos, escorrega... isto é que o livra de se tornar uma neo-besta definitiva. Depois, porque a situação, os poderes à sua volta, fizeram dele um monstinho que começa a não funcionar para muita coisa, entra-se com a psicanálise para poder desrecalcar. Vejam que, o tempo todo, é um processo dialético de indiferenciação. Estou falando das crianças, mas isto somos nós. Não podemos viver sem contenções, sem instalações eficazes que simplesmente nos recalcam. Haverá alguma possibilidade de sustentação concomitante de recalcamento pedagógico e indiferenciação psicanalítica? Acho que sim: depois trataremos disso.

A saída que tentei operar é: o máximo possível de indiferenciação, a qual, como sabem, não é falta de interesse ou abandono de formação, e sim tornar-se disponível para um lado ou para outro, tanto para desrecalcar quanto para recalcar se necessário. Ouçam o que diz Jean-François Lyotard – o melhor dele se chama: *Discours, Figure* (Paris: Klincksieck, 1971) – de maneira brilhante em *Économie Libidinale* (Paris: Minuit, 1974), um livro de que também gosto muito: “A indiferença, de modo algum frieza, é aquela do fogo que queima tudo que é inflamável”.

Falei em *sobrepujar*. É um verbo difícil, pois em português há *pujar* e *sobrepujar*. Para os dicionaristas, pugar é o mesmo que sobrepujar: exceder. Chamam também de: lutar, bater-se, despender esforço, aumentar. A pujança de algo é sua expressão de força. Explicam que ela é a *possança*, que é o mesmo que potência. É uma palavra tomada do francês, *puissance*. Em francês, pujante é *puissant*. Seria, então: a vontade de pujança. Mas temos o verbo **poder**. Deleuze também poderia ter usado *pouvoir* como verbo, que é igual em português, mas, como o pessoal está acostumado a falar do poder no substantivo, preferiu modificar. Podemos imaginar que algo tenha pujança em si mesmo, mas, para nós, a pergunta é: quais formações estão em jogo para que uma possa sobrepujar outra mostrando tal pujança? Sem transa entre formações, não há. Por isso, quando passam para o lado humano, os autores ficam paranoicos.

Temos o péssimo hábito ocidental de, ao ver nascer uma flor, dizer que ela brotou, é espontâneo, é sua pujança. Não é bem assim. Quantas forças – chuva, calor – não estivessem ali se ajuntando para impedir que ela brotasse? Se brotou, foi numa transa que mostra poder. Se pensarmos com a ideia do “em-si”, ficaremos com cara de lacaniano ou de Reich. No primeiro caso, procuraremos os significantes da manifestação de desejo em estado puro da pessoa em análise. No segundo, procuraremos a força erótica... Isto sozinho não existe. Ao contrário, é uma luta, o surgimento já é agonístico. O Haver é feito dessas forças e, às vezes, nem adianta incrementar um lado, como disse há pouco, pois há tanto aleatório na situação que temos que contar com ele. Então, assim como preciso mudar o modo de ver o conhecimento e pensar em termos de transa entre formações, aqui também é preciso ver que poder algo é conseguir, numa transa entre formações, sobrepujar algumas formações.

• P – *No nível das ciências cognitivas, isso também deve ser considerado?*

Os cientistas cognitivos são melhores nisso. Pedi que lessem textos de Jerry Fodor, que não conheço bem. Ele pensa só em termos de cérebro, de computação, mas o interessante é que tem a noção de formações em conflito.

• P – *Atualmente, fala-se bastante em empoderar a população, as pessoas... Vem do inglês empowerment.*

É muito bom esse verbo *empoderar*. Poderia ser também *poderar*: acrescentar poder, dar poder, fazer poder.

O verbo *sobrepujar*, em português, tem as seguintes acepções: 1) ultrapassar, sobrelevar, exceder; 2) ir além de; 3) passar por cima de, vencer – o verbo *vencer* também é bom, é bem genérico: qual é a formação vencedora? –, dominar, suplantar; 4) ter primazia, levar vantagem sobre; 5) avançar-se física, moral ou intelectualmente a; 6) ganhar destaque, sobressair, destacar-se. Em suma: *ser mais*.

Começo, pois, a chamar atenção para o fato da *correlação da teoria do poder com a teoria do conhecimento*: as duas moções estão imbricadas – e é de baixo para cima que devem ser consideradas. Qualquer formação, só por

ser formação, tem vocação recalcante; e pode ser recalcada por várias forças; pode certas coisas; e, enquanto constituição, nela está inscrito um conhecimento.

Aí Kant não vale, pois não se trata daquela coisa ignota do *noumeno*, que é inatingível, de que só se pode conhecer o fenômeno – e ainda há as formações *a priori* de espaço e tempo... O campo destas, aliás, se chama *etologia*. Existe conhecimento *a priori*? Claro, até mesmo no animal – existem inscrições lá, mas é no Primário, mormente na sua forma etossomática. Vejam que, num animal ou numa criança, algumas formações são dadas, milênios de evolução deixaram algumas formações até mesmo para garantir a sobrevivência. São os primeiros socorros para o animal e para o *infans* imbecil. Que concepção de espaço há no nível etológico? Não pode não ser essa concepção banal. Mas o espaço é isto? De modo algum. Se não entrarem formações secundárias para relativizar o que o corpo trata como espaço, acabou, é o bicho. O espaço kantiano, que é euclidiano e pré-*Lobatchevski*, é o espaço do animal. E é também o tempo do animal.

• P – *Na bibliografia que estamos levantando sobre a hipótese do modularismo, de Fodor, indicam-se vários estudos que querem mapear essa emergência espontânea de organização de espaço.*

Pesquisem os bichos e seus tipos de orientação e verão, por exemplo, que, em aves migratórias, com um cérebro pequenino, está tudo orientado. Certas espécies se orientam através da imantação do planeta, mas isto está inscrito lá nelas, se não, não conseguiriam. Temos, sim, um sentido de orientação tridimensional compatível com o Primário, mas isto é um *a priori* do espaço? Acho que não.

33

A questão do Poder pode parecer não ser muito de nossa alçada, mas é fundamental quando encarada do modo como podemos encarar. Freud, por exemplo, nunca tratou diretamente dela, mas tratou longamente, por diversas vezes, das questões políticas, das opressões e das libertações. Como disse antes, sempre que qualquer autor trata da questão, é na suposição de que o poder vem de cima, de que é o poder instituído, os governos deste mundo: a abordagem é *top-down*, de cima para baixo. São, pois, considerações a respeito do funcionamento das *instituições* de poder e de como repercutem nas pessoas de algum modo. Nosso interesse é o contrário. Não se trata de ler *poder* de cima para baixo como se aquilo lá fosse O Poder (que, aliás, as pessoas não definem). Tomem os melhores sociólogos, psicólogos e vejam que não conseguem definir O tal Poder, pois ficam repetindo que há um poder que pode, que oprime, que faz e acontece, mas uma definição *bottom-up*, de baixo para cima, que exiba sua constituição, sua composição, isto não comparece.

Temos a impressão de que Michel Foucault, por exemplo, teria pensado assim, mas não é verdade. Em seu famoso livro *A Microfísica do Poder* (1979), achamos que vai discernir e definir o poder em sua constituição mínima, mas não fez bem isto. Ali confessa que, na verdade, não está tratando do poder, e sim do sujeito. Está, então, tratando das ditas ‘subjatividades’ dentro das relações de poder, das relações de força. Na verdade, não apresenta efetivamente uma *microfísica*, e sim o estudo do poder em diversas situações que, de algum modo, são pertencentes a ordens instituídas e se referem ao falecido ‘sujeito’.

O que quero fazer é tentar a **psicanálise do poder** – enquanto *verbo* (é na frase que ele se substantiva) – *em seu efetivo exercício*. Portanto, o que estou pensando é análise – *ana-lysis*: dissolver, separar as formações uma a uma –, no sentido etimológico e no sentido freudiano. Isto porque nem Freud

se interessou em fazer isto. Um autor que define poder com mais abrangência é Norberto Bobbio, conhecido sociólogo que, em seu *Dicionário de Política*, originalmente publicado na Itália em 1983 (Brasília: UNB, 2000), diz: “Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (como na expressão Poder calorífico, Poder de absorção). (...) Como fenômeno Social, o Poder é uma relação entre os homens...” A nós interessa o que seria a *verdadeira microfísica* desse poder, no sentido de Foucault, mas não precisamos do termo. Precisamos, sim, entender, segundo nossa *Teoria das Formações*, a composição dos poderes e sempre, de preferência, de baixo para cima.

Isto é importantíssimo no próprio trabalho da clínica, pois quando nos deparamos com qualquer poder, com o poder de qualquer coisa, com o poder de agir de qualquer modo, já nos deparamos com ele *constituído*, praticando-se, exercendo-se em seu vetor resultante. Ao invés de perguntar pelo famoso sujeito que ali está agindo, nossa pergunta é: o que é isso, como se compõe? Pois se há poder, há formação em exercício; se há formação em exercício, há regime de recalque; portanto, há regime sintomático. Como é o sintoma que nos interessa entender, suspender, dissolver ou dispersar, precisamos conceber qualquer manifestação de poder como composição de uma formação sintomática, por mínima que ela seja. E quando consideramos a complexificação da ordem sintomática dos poderes, vemos, de repente, que determinado exercício de poder, que parece absurdo, simplesmente não está sendo entendido, pois a resultante de poderes composta e organizada, a soma dos sintomas que ali estão funcionando, é tão grande, tem tantos níveis, que só o percebemos funcionando lá em cima, no seu vértice, na sua aparente *resultante*. Em nossa bobagem, o que fazemos? Atribuímos poder àquilo, ao vértice da pirâmide, mas *o vértice da pirâmide só tem o poder que a base lhe concede*.

Como disse, a leitura dos poderes costuma ser de cima para baixo. Vê-se o cume do poder e busca-se entender como ele age aqui e ali. Nossa leitura, que pretende ser curativa – seja de uma pessoa física, seja de uma pessoa jurídica ou do que for –, é no sentido de que, ao topar com O Poder

funcionando, não é para lá que devemos olhar. Temos que descer as escadas para ver como esse poder se compõe, quais são as formações que são *ingredientes* da grande formação de última instância que se apresenta poderosa. É o mesmo problema que acontece com o dito analisando, que está submetido a uma formação de poder sintomática enorme.

• P – A teoria das formações *acelera quantitativamente e desloca qualitativamente algumas noções que Foucault chamou de* analítica dos poderes. *Ele faz esta chamada de atenção, pedindo cuidado para não ficarmos hipnotizados pelo vertical, pois é numa horizontalidade, em termos de força, que os poderes se organizam em rede.*

Ele sugeriu isto em vários pontos de sua obra, mas não quis fazer. Como disse há pouco, ele declara estar interessado no entendimento das subjetividades, e não em fazer uma teoria do poder. Para nós, não é questão de ser ou não original, e sim de que, do ponto de vista analítico, do ponto de vista desta psicanálise em sua *teoria das formações*, é preciso entender as formações constituintes, conseguir analisar cada uma dessas formações para saber quais formações por sua vez a compõem. Isto, de baixo para cima, para desmitificar e também destituir os poderes que se apresentam como espantalhos diante de nós.

Por exemplo, o que é um poder que advém de uma presença forte, de um carisma? Desde o pensamento grego, fala-se em *khárisma*. Há figuras carismáticas, o poder carismático é fortíssimo, é algo que funciona, às vezes, no regime tanto da instituição política quanto no daquele que Foucault chama de *pastoral*. E pode acontecer de o regime pastoral se confundir com o regime político. Lembremos do Padre Cícero: impôs uma presença carismática e pastoral, inverteu-a para a potência política e dominou a região inteira. Qual é o poder aí, é carismático ou político? As instituições psicanalíticas, desde Freud, são instituições de base carismática – em cima da figura de alguém.

Pergunto, então, se o que chamam de carisma ou poder carismático não é algo situado estritamente dentro da ordem da *transferência*. Ora, a transferência é condição *sine qua non* de haver análise e é também aquilo que

destroí a análise. Ambos no mesmo lugar, isto é, dois alelos do mesmo Revirão. Como diz Freud, é preciso entrar fundo na questão da análise da transferência, pois sem o poder de cura, o analista não faz nada. E qual é o poder de cura do analista? Ser capaz de acolher transferência e ter competências que possam usá-la para modificar a arrumação das formações do analisando – e ainda por cima, dissolver a própria transferência. Então, para chegar ao entendimento da ordem dos poderes instituídos no mundo, há que partir desta posição analítica pequenininha, e não ficar investigando o poder já constituído, em sua ação às vezes de força, de violência, e simplesmente bater de frente ou entrar em guerra com ele. Ele precisa ser “pacientemente” dissolvido.

Vejam, por exemplo, os poderes religiosos. Além de, mediante religião, conseguir-se uma transferência exacerbada, consegue-se uma alienação obsessiva quase que total. Como uma religião consegue isto? Qual é a prática que leva a esta constituição? Uma vez arranjado o fiel, o que se faz com ele? Como se organizam os fiéis para aquilo virar um poder na mão do pastor? Gostaria de pensar com vocês cada constituição mínima de poder e fazer sua leitura analítica. Não se trata de perguntar se fulano ou sicrano tem poderes, e sim de perguntar pelo que lá está acontecendo em termos de convergência de formações.

Como disse, dentre os autores que tratam do poder, nas supostas ciências humanas, é raro aparecer uma definição como a de Bobbio, que é mais abrangente. Mesmo Freud, imediatamente, começa falando dos poderes instituídos. A definição do poder costuma vir, pois, do entendimento e do reconhecimento das ordens de poder instituídas e já competentes para oprimir e massacrar. Mas isto nasceu de onde? Como alguém tem poder? Não existe alguém chamado Hitler que tem poder, que manda matar, que faz e desfaz. Ninguém faz lá em cima se não tiverem feito aqui embaixo. Qual é a base da fundação de poder? É alguém forte que consegue massacrar o fraco? É a dialética do senhor e do escravo, de Hegel? Não. É a *alienação prazerosa* para a facilitação da vida. Isto já estava dito no livrinho de La Boétie.

• P – *Então, atribui-se o poder ao vértice da pirâmide, mas aquele que lá está não tem o poder, tem o poder que lhe dão: o vértice tem o poder*

que a base lhe dá. No entanto, não cabe pensar que, se estamos falando em transa de formações, nem a pessoa tem, nem ninguém lhe dá, pois o que existe é uma transa que cria essa rede em que, qualitativamente falando, há a figura que vai ocupar o lugar? Não tem ninguém dando nem recebendo.

Podemos também pensar em termos de dar e receber, pois o primeiro fundamento é transferencial. É claro que são as formações do transferido que o conduziram a transferir, mas é preciso entender que essas formações oferecem alienação. Há, desde cedo, uma demanda de alienação nas pessoas. Em função da própria história do bebezinho com sua inadimplência, incompetência, nascimento prematuro, tudo isso que há em nossa espécie, dizem que a criança nasce dependente. Não, ela já nasce *alienada*, usemos a palavra certa. É preciso entender que a criança já nasce alienada, viverá longamente desta alienação, e, suponhamos que, na adolescência, queira ficar rebelde. Rebelde, uma ova! Simplesmente está querendo deixar um dono para ganhar outro, está querendo mudar de dono. Se não fosse assim, ficaria *perplexo*, e não rebelde. Quando se exprime uma rebeldia como essa, é porque já se sabe para onde se quer ir. Se não sabemos, ficamos perplexos. O que há, então, é um bando de alienados que nasceram alienados e que cultivam essa alienação – e qualquer força que possa se aproveitar disto em benefício próprio, vai se aproveitar.

Chamamos de carisma, pois não vamos transferir para qualquer um. Procuramos uma transferência na suposição de entregar para essa pessoa que supomos poder resolver bem nossa vida. Lacan chamou a isto de “sujeito suposto saber” – e diria melhor se falasse em **sujeito suposto poder**. Tiremos o sujeito, e digamos que tal conjunto de formações nos parece ter a competência, ou melhor, com-potência de gerir nossa confusão. Aí encostamos, pois já estamos viciados em ser alienados chupando as tetas daquela senhora e, depois disto, queremos chupar os peitos de outrem. É o que Apollinaire chamou *Les mamelles de Tirésias*. Então, transferimos para mamar nas tetas do analista.

É preciso, então, fazer a leitura dos poderes onde quer que se vá, e não só nas pessoas. Esta casa em que estamos agora está em pé há décadas. Quais são os poderes que a mantém sem cair? São poderes das formações

que a compõem enquanto formação arquitetônica. As formações têm poderes de sustentação, um deles, por exemplo, se chama *gravidade*. Assim, fazer a leitura das formações do Haver no sentido do quê pode o quê, nos conduz a lidar com os sintomas nesta base: que formações aqui estão podendo o quê?

• P – *Nas pessoas carismáticas, o carisma também é resultante de formações?*

Pessoas carismáticas são constituídas como uma soma de formações que, com seus poderes, convergem num poder de captação da vontade de um outro de se alienar. E esse outro vai procurar a alienação que lhe convém, a alienação que cabe em seu escopo de vontade de se alienar. Liguem uma TV, de preferência de madrugada, e verão certas igrejas com suas multidões como ovelhas arrebanhadas diante de seu ‘pastor’ – pode ser um grande ignorante, ou um débil mental, ou um imbecil, se não for um ‘mau caráter’, isto é, o antigo *pepezão*. Aquela multidão vai escolher *quem* para lá estar? Nós? É claro que não. Vai escolher o que for proporcional a ela mesma, em perfeita simetria. Nossa pergunta é: quais elementos constituem essa grande formação alienada? Há que fazer a leitura de toda aquela gente, de como é, de onde provém, do tipo de informação, de escolaridade, de cultura, de economia, de vida enfim que tem. Veremos comparecer as formações mais estacionárias. Acreditam na hora em qualquer engodo que lhes acenem com alguma suposta vantagem, para este mundo ou para o ‘outro’. São finalmente manipulados pelo mercado que, a seu próprio favor, pretendem manipular. É o feitiço subjugando o feiticeiro. A ordem comercial reproduz incessantemente a dívida deles que se acumula exponencialmente: estão sendo encantados para se endividar justamente quando tentam enganar que são enganadores. É preciso, para bom andamento do sistema, que exista uma grande classe, de média para baixo, bastante endividada. Oferecem-lhes coisas para que achem que estão recebendo, mas não veem que são eles que estão dando quando supõem que estão levando a melhor. A inversão é total. Vão para tal igreja dar o dízimo do que penosamente amealham, pois pensam que de lá lhes virá uma definitiva fortuna. Estão satisfeitamente contribuindo com o poder enorme que vai lhes “dar” as cobiçadas grandes coisas. Pela rua, vemos escrito nos

vidros de seus pobres carros longamente financiados com juros escorchantes: “Foi Deus que me deu”. Foi-deuss... E sem se darem conta de que esse tal Deus, tão generoso, é no mínimo pão-duro: não podia lhes ter dado um carro bem melhor, e de graça, quem sabe?

• P – *Posso pensar que o carismático não é mais o alienado, mas aquele que, por alguma razão, vai faturar sobre o desejo de alienação dos outros?*

Você está considerando sua ordem psicopática ou sua perversão, mas por que ele não seria alienado? Aquele que fatura sobre o desejo de alienação dos outros não seria alienado? Se colocarmos em termos de *crença*, sempre há alienação. Suponho que Adolf Hitler acreditava mesmo naquela loucura dele como um paranoico comum acredita. O que não é suportável é encontrar analista que acredita em coisas assim do mesmíssimo modo. Se acredita, está fora, não é analista. Não podemos *acreditar* na psicanálise. Podemos entender uma ferramenta, um instrumento, que parece que, quando aplicada, dá bons resultados – mas acreditar nela, nem pensar. Porque **a única maneira de interromper o ciclo da alienação é eliminar a crença**, mesmo que utilizemos pragmaticamente a formação a que a crença se referiria.

• P – *Manter a aposta nela?*

Se você a está utilizando, automaticamente há uma aposta, mas não aposte demais, pois muito fervor na aposta também é coisa de maluco, temos que desconfiar. No caso da crença, há, por exemplo, certo tipo de médico, que é a maioria, com uma crença tal na medicina que fica dizendo coisas como: “a vida é mais importante”, “enquanto houver vida...” Isso é coisa de maluco! A pessoa está lá fodida, em vez de ser ajudada a morrer, a crença cristã se embute na medicina e acaba virando uma crença médica. Quanto a ditos analistas, basta falar com eles para ver a quantidade que *acredita*, religiosamente, é o caso de dizer, que Édipo é uma entidade universal. Basta colocá-los em análise para ver que as entidades são universais para eles. Freud, por não ser propriamente uma besta, devia ficar perplexo com aquela turma toda diante dele *acreditando* no Édipo. Não estavam como ele *utilizando* (como

instrumento) uma metáfora, e sim *acreditando* que aquilo fosse uma entidade existente e universal.

• P – *Criticar a crença – a qual não pode sustentar a intervenção, como você enfatiza – é analisar a transferência?*

Criticar a crença, a qual não pode de modo algum sustentar a intervenção do analista, é analisar a transferência. A tal *massa*, lá embaixo, está o tempo todo arrolando seus pequenos poderes, somando-os e os transferindo para algum personagem. Quando notamos que conseguimos juntar um bando de pessoas cujas formações mais ou menos poderosas elas aglutinam e transferem para nós, nosso poder vai crescendo. Mas *que uso* fazer desses poderes? Talvez a psicanálise seja o único pensamento de suspensão e suspeição da crença que surgiu na face do planeta. Ou pelo menos no Ocidente. (Não é a mesma coisa que qualquer ceticismo). Nem podemos dizer que seja o único, pois o Zen fica bem próximo.

Temos dois exercícios eficazes para tudo que considerarmos. Primeiro, alistar os poderes em jogo. Qual é a força de cada formação que, por exemplo, está sustentando este copo em cima da mesa? É muito poder o copo estar assentado sobre a mesa. Já imaginaram pelo que Nova York está passando hoje (27 de agosto)? Foram alarmados os poderes da cidade, pois o furacão chamado Irene está chegando lá. Segundo exercício, o entendimento de que não há postura analítica se houver crença. Os filósofos têm muita culpa nesse engodo aí. Escrevem em seus livros que o conhecimento é uma crença. Não é. **Conhecimento não é crença, é oportunidade, chance**, muitas vezes a propósito de acaso. Se tal coisa funcionou assim, é uma ferramenta: coloquemos no bolso, quem sabe, de repente aparece uma situação em que é útil e nos abre determinada porta. Mas o que mais lemos são os filósofos querendo definir o conhecimento como uma crença. Então, eles “são homens doentes” (como os definiu Pessoa) como qualquer beato de igreja.

• P – *Você indicou a leitura do livro A Ética e suas Negações: não nascer, suicídio e pequenos assassinatos, de Julio Cabrera* (Rio de Janeiro: Rocco, 2011). *Não é uma leitura filosófica?*

Vejam que o autor está visivelmente exasperado. Ele diz claramente que toma Freud como se fosse um filósofo e se coloca na posição de fazer uma filosofia cuja base é o que a psicanálise pensa. Mas a psicanálise não é hemiplégica como seu pensamento. Hemiplégico porque ele propõe uma ética negativa. A psicanálise é em *Revirão*, e não *negativa*. Ela é *indiferente*. Vemos, então, que esse autor, dentro de um *corpus* filosófico que quase sempre é mais para o positivante, quer fazer uma filosofia negativa que possa colocar em derrocada posições éticas das filosofias. Nossa posição não é esta, e sim que isso depende: tem hora que deve ser positiva, tem hora que deve ser negativa. O que estamos querendo? Para onde achamos que estamos indo? Pois se soubermos para onde estamos indo, já estamos com crença demasiada. Faço a suposição de que estou interessado em ir na direção do não-Haver – como Alei obriga. É mera suposição teórica, não *sei* essas coisas, *produzo* esse conhecimento. São, portanto, dois exercícios fundamentais: primeiro, olhar para tudo e para todos sem ver o macro, só considerando o micro – e perceber assim como se compõem as subformações, e finalmente a macro; segundo, não *crer* jamais nisto.

• P – *Pode-se dizer que a psicanálise produziu pouca análise de transferência em sua história?*

Freud ficava abismado com o que acontecia. Vejam, por exemplo, sua relação com Jung. Quem produziu pior dos dois? Freud? Ele ficou tão encantado por lhe aparecer um *goy* que ia ser psicanalista que começou a incensar demais o seu bastardo. Não há análise que se aguente assim. Ele acabou ajudando a empurrar Jung para aquela situação horrorosa. Mas Freud também não sabia ainda disto muita coisa.

34

• P – *Michel Foucault, em uma conferência proferida no Japão em 1978, A Filosofia Analítica da Política, faz um apanhado de seu trabalho sobre o tema do poder e diz que a tarefa da filosofia consistiria em colocar a seguinte “questão ingênua”: “em que consistem, na verdade, as relações de poder?”*

Já lhes expliquei em que consistem, é uma coisa muito simples. Sempre que lemos as relações de poder como forças constituídas e lemos a força em sua globalidade, lemos errado, não é por aí. É o que Foucault faz, aliás, toma uma situação de poder na sua globalidade e sobre ela tece considerações históricas, sociológicas, etc.

Quanto a nós, precisamos dissolver, isto é, ana-lisar e considerar todas as formações que *compuseram* essa força e esse poder. Precisamos saber como desarticulamos, mas também como articulamos, pois podemos também querer produzir algum poder. Então, como vamos sintetizá-lo ou como vamos analisá-lo? Qualquer poder com que nos deparamos, de qualquer natureza, se o encarmos, enquanto tal, enquanto formado, é o mesmo que encarar o sintoma de uma pessoa. Não adiantará nada. O sintoma é um poder doido, forte, amarrado, coalescido, há que parti-lo, tratá-lo aos pedaços. Como ele se compõe, do quê ele é feito?

Quando Foucault falou em “microfísica do poder”, pensei que ele fosse fazer isto, pois o pessoal da microfísica vive correndo em busca de cada partícula em jogo. Quais são os elementos, as forças – mesmo forças primárias – que estão em jogo? Não foi bem o que ele fez.

• P – *No caso, por exemplo, do panopticon, trata-se de levantar quais são as formações constituintes que permitiram até sonhar com aquela possibilidade e, depois, na analítica daquele processo, a inviabilidade de sua construção por uma série de formações não computáveis. Há a questão do utilitarismo, em que se tenta converter tudo em útil e força de trabalho produtivo,*

mas há outras produções de modo que o raciocínio fica incompleto.

Há que considerar o fato de que não é de sua época pensar justamente assim. Estamos em outro momento, com acontecimentos dissolventes e propósitos dissolutos que nos empurram a pensar de outra maneira. Isto, embora a maioria da humanidade, apesar de internet e tudo mais, continue pensando da maneira velha. A postura agora é desgarrada, de que nada tem a ver com isso necessariamente, de que estamos apenas jogando.

A entrada do século novo, talvez do Império novo, é por esta via de não comoção, de não ser partidário de nada, nem mesmo daquilo de que se é genesicamente partidário. Quando assinamos embaixo de algo, é só um contrato provisório, não vale mais do que isto, e nem por muito tempo. Notem que ao assinar embaixo, tomar provisoriamente um partido, isto exige, sim, investimento nesse partido – mas não há nenhum Eu que esteja lá. Como posso me engajar plenamente em uma atividade porque ficou combinado assim, mas nada tendo a ver com aquilo? É o que a maioria das pessoas não entende, pois ainda não sabe fazer quase nada fora da ordem sintomática – e portanto alienada. A cura, é poder fazer engajamentos, mesmo muito fortes, mesmo para quase a vida inteira, mas não estar arrestado por lá, não estar sintomatizada por eles, restar de fora, na gerência dos atos. Se não de fato, pelo menos como meta.

O interessante, no tratamento dos poderes, é justamente que, quando se trata da questão da cura, do tratamento, do cuidado, estamos também numa luta de poderes, que afinal é mesmo uma luta de conhecimento. Tudo está imbricado. Foucault e toda aquela gente do século de 1970 e 1980 – naquele tempo havia um século para cada década – ficava na discussão sobre se “o saber é um poder”, se “o poder é um saber”. Qualquer formação tem seus poderes, qualquer formação funciona poderosamente nos limites do que pode. Ou seja, **cada formação faz o que pode**. Como a cada época muda a composição do sintoma, pensar se o saber é um poder a partir de hoje não cabe mais. *O quê, constituído, não é um poder? E o quê não é um conhecimento?* Tenho, então, tentado há tempos demolir essas barreiras dizendo frases pouco entendidas como: *O que quer que se diga é da ordem do conhecimento. No que quer*

que se faça há um poder em exercício. Mas a gente convive durante muito tempo com aquelas velhas tolices – e não esqueçamos que certamente estamos convivendo também com as tolices de hoje. Por que minha tolice seria menos tolice do que a deles? Mas pode ser, sim, mais adequada para este momento.

O mesmo problema está, por exemplo, em criar uma *pedagogia* nova. Como fazer uma criança vir a funcionar (afora as formações primárias que sempre se manifestam) evitando a manifestação pura e simples de sintomas? Com a criança é mais difícil ainda, pois, para as coisas funcionarem, em nível de mundo, temos primeiro que reduzir o estado mental desta espécie, que é *indiferente e revirante*. É igual ao que digo sobre o fato de, no nível de nosso pensamento inconsciente podermos ser *qu-bits*, mas no nível do pensar cotidiano não dá, pois aí o mundo já está partido. Então, qual é a confusão que fazemos? Descemos do nível do pensamento para o da ação e sintomatizamos. Isto é errado, pois tudo já está sintomatizado no mundo, mas nós outros temos um dispositivo que nos permite dessintomatizar. Entretanto, temos o mau hábito, o vício mesmo, desde criança, de viver no nível da sintomática, no nível das paixões. Não se aprende que o fato de ser indiferente não tira meu interesse, nem minha possibilidade de engajamento indiferenciado. Então, como as pessoas são tomadas pela ordem sintomática, coisa muito difícil de aceitar é que, se entramos no jogo, há que jogar direito; do contrário, saíamos do jogo. Não é preciso ficar apaixonado pelo jogo. Dizer que “esse jogo é a minha vida” é formação histórica. Se entramos numa brincadeira, achamos que é divertida, lucrativa, que tem resultados interessantes, podemos empenhar muito esforço por aquilo – mas também dar as costas e ir embora com a maior simplicidade.

- P – *O sintoma é o drama.*

Sintoma é fazer drama: o sintoma é dramático. Não sabemos viver na ordem do trágico, de que é assim e pronto, e acabou.

- P – *Talvez a dificuldade seja muito maior, as pessoas nem entram no jogo, nem de forma sintomática. Em geral, em muitas situações, as pessoas se aproximam e dão as costas não por estarem de forma indiferenciada, mas*

porque nem entram, é uma falta de compromisso.

Cabe sempre descobrir qual foi o sintoma que colocou as pessoas nos jogos, porque, se entraram, certamente foi por via sintomática. Ninguém é tão esperto assim para entrar em jogo, de saída, por uma questão de lucidez. Entramos em jogo por alguma questão sintomática, só que, às vezes, o sintoma que nos levou até lá é errado, nada tendo a ver com a funcionalidade daquilo que esperamos. Às vezes também, até entramos com um sintoma que nada tem a ver e mudamos de sintoma, percebendo quem agora tem a ver; às vezes, não mudamos nunca e sustentamos o sintoma errado. É assim que funciona. Infelizmente?

35

Neste momento, não estou interessado em falar de funcionalidades de instituição ou de partido, e sim de falar de cada um. A desgraça desta espécie é, pois, ter possibilidade infinita e não poder viver assim, já que tem que aprender a cair de patamar para poder conviver com o mundo macro. Não é nem com as pessoas, que podem eventualmente indiferenciar, mas para poder conviver com as coisas. O grande problema é que baixamos o nível e ficamos ali, fazendo visgo com as formações decepadas, hemiplégicas, e aí, começamos a tomar esse visgo como nossa realidade mental, e quando espontaneamente a coisa delira um pouquinho, já puxamos o cabresto dizendo que isso não pode. Como disse, problema difícil é com a educação das crianças. Como levá-las a viver no regime do que Freud chamou de *Urteilsverwerfung*, de Juízo Forclusivo? Como baixar o nível por uma questão pragmática ou de eficácia, mas não o baixar em sua mente? Será impossível? Se fosse possível, já diminui-

ríamos qualquer necessidade de tratamento. A educação já seria o tratamento.

Suponho que um adulto, que não tenha retardo e que ponha algum empenho, consegue. Mas os pais, sobretudo as mães, já tomam a criança em base histórica, embutindo valores e pregnancies. Aí já começa o estrago. Não se apela para a *inteligência* das crianças, e sim para a *razão*, mas, razão, todo mundo tem, inteligência, só alguns. Dizer o que estou dizendo não é ser irracionalista. As razões são úteis, mas investe-se mais na racionalidade da criança do que em sua inteligência. Se penso só em termos de racionalidade, estou propondo *uma* forma de razão e estou sintomatizando esta forma. Não existe razão sem forma. Existe inteligência sem forma. Inteligência, no sentido de disponibilidade para qualquer jogo. A razão não diz isto, e sim que tem jogo que não é jogo, que não lhe é racional.

Falo de alguém que tenha plena disponibilidade de todas as faculdades que uma pessoa possa ter e não ter de sofrer dessas formações de razão. Toda formação de razão é formação de valor. Por que embutir valores quando é perfeitamente possível pensar que é mais negócio, para viver numa boa, entender as circunstâncias e jogar com elas? É preciso, por exemplo, entender que não se coloca a mão no fogo – o qual pode ser belo – porque queima. Nas ações secundárias também há fogo, sejamos inteligentes. Está-se apontando para a pessoa não fazer aquilo, pois, se fizer, vai se danar. Se ela quiser fazer, então que se dane. Mas o índice reprodutivo que a espécie adotou é o de ter um filho, querer ‘seu bem’ e o ficar salvando. Há, sim, que fazer o máximo para torná-lo um ser inteligente.

Fernando Pessoa tem uma série de conselhos para a ação no mundo e um deles é: “Aja como todo mundo, nunca pense como eles”. Ou seja, comportar-se de acordo com a situação, mas não pensar do mesmo modo. Acho que nunca aconteceu na história da humanidade algum lugar onde se tratasse assim, pois as pessoas querem mesmo é transmitir seus sintomas. Alguém é ‘flamengo’ e enfia isto na cabeça do filho: leva ao Maracanã e quer que o filho também o seja. Isto é maluquice. Como uma pessoa pode *ser* flamengo para além de uma escolha momentânea? É esta a loucura que está espalhada pela face do planeta, temos que tratá-la como coisa de doido. Gostar do flamengo,

tudo bem, mas fanatismo? Isto não difere de uma religião. É o mesmo que alguém dizer: “eu sou psicanalista”. Ninguém é psicanalista! Tenho, sim, um instrumento (*organon*) que me parece adequado, bom para pensar e que deu uma arrumada em meus caos. É muito interessante, mas nem um miligrama a mais do que isto – e se houver uma ferramenta melhor, prefiro.

Então, se pudermos usar de poderes para *despoder* – e não para não poder –, aí teremos um poder muito aberto, nosso poder cresce muito. Se podemos poder, podemos despoder. Se a psicanálise servir para alguma coisa, pode ser por aí. Isto, com o mínimo de aderência. Aderência zero jamais conseguiremos, pois o Primário é por demais estúpido.

36

As fundações mórficas são inarredáveis. Podemos perfeitamente utilizá-las, brincar com elas, gozar à vontade às suas custas e não sermos fanáticos. Se não sou fanático de minhas fundações mórficas, entendo perfeitamente por onde você goza: é que-nem-que-eu, só que diferente. Há grande diferença de ter que sofrer de fundações desse tipo e fanatizar sobre elas. Gozo por aqui e ali por quê? Porque sou prisioneiro disso, mas se puder fazer o exercício de variar, eu o farei. Às vezes, é quase impossível. Temos certas rejeições que não conseguiremos ultrapassar, mas o outro não tem a nossa rejeição e o entendemos perfeitamente.

• P – *É um trabalho enorme alguém entender isto, pois, se ele não fez o exercício de se livrar de seus sintomas, nem sabe que pode ser assim.*

Mas temos um departamento de pensamento, de reflexão, de Revirão,

no nível do Secundário que ultrapassa a limitação do Primário. Como as fundações mórnicas ficam aderidas ao Primário, entendemos perfeitamente que, em nossa história, tais e tais acontecimentos ou tais interesses de nossa pele nos levaram a isso, que isso não é para o mundo, é apenas um acontecimento local. E, quem sabe, até aprendemos a gozar pelo gozo dos outros. Seria uma boa, ficaríamos mais ricos. Esquecemos que temos várias formações: se tal formação faz lastro para nós, outras não fazem, mas podemos considerar a tal formação com estas outras que não fazem lastro. Mas se acreditamos, se entramos em estado de crença e ainda por cima colocamos toda nossa fé em cima dessa crença de que somos o que somos, aí não tem jeito.

• P – *Há os dois extremos quanto a esse fundamentalismo, tanto do lado do psicótico quanto do psicopata. Toda formação da chamada cultura está de algum modo presa a um deles.*

Cultura é isso. Vou colocar na camiseta: “Cultura, tô fora!” Saber manipular culturas pode ser um divertimento, mas alguém ser um ser cultural é uma doença. Cultura são fundações sintomáticas, inclusive com suas fundações mórnicas localizadas, de clima, etc. É bacana poder lidar com culturas, saber até trocar. Deve ser interessantíssimo ir para a China, andar com roupa de chinês, falar chinês... Mas é uma neurose, uma doença como outra qualquer, ser um ser daquela tal cultura. É preciso entender isto, pois, de repente, não vamos mexer nos comportamentos cotidianos de roupa, de casa, etc., mas no Secundário estamos soltos, e se aí estamos soltos podemos fazer muita coisa até com o Primário. Pode ser alguém com roupinha e hábitos caretas, dando impressão de estar todo preso, mas quando falamos com ele, percebemos que está todo solto, que só entregou aquilo para não pensar naquilo. É como diz Fernando Pessoa: “Comporte-se como todo mundo, não pense como ninguém”. É a melhor maneira de sobreviver. Talvez. Suponho. Não sei...

37

Quando nos convidaram para escrever textos para o livro *Théorie-rébellion: un ultimatum* (Paris: L'Harmattan, 2005), organizado por Gilles Grelet, eu não quis escrever e pedi que três de nossos integrantes (Aristides Alonso, Potiguara Mendes da Silveira Jr. e Rosane Araújo) escrevessem. O livro sai agora em português (*Teoria-rebelião. Um Ultimato*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2011) e reitero que pedi que escrevessem para eu não ficar comprometido com o outro grupo que publicou o livro na França. Como sabem, não quero compromisso com outro grupo algum e, se escrevesse, ficaria envolvido. Além disso, queria ver o que realmente estavam fazendo, pois, do grupo, só conhecia a obra de François Laruelle. Agora que o livro saiu lá e aqui, posso ver que não preciso fazer parte daquele grupo. Nossa posição é a mesma que eles estão dizendo: bater de frente com as ideologias – que chamam de filosofia –, promover a invenção teórica, a propulsão do pensamento teórico... Quanto a isso, não estamos sozinhos, mas continuo não querendo fazer parte de outra patota alguma. O importante é verificar que o movimento no mundo está rolando no sentido que temos indicado. Por outro lado, é uma pena isso estar sendo dito na França, que anda decadente em termos intelectuais.

38

Essa coisa que se chama *psicanálise* – que, necessariamente, queremos ou não embutir no campo do mundo psi em geral – foi criada com vocação cien-

tífica. Falemos como Bachelard: com o “espírito científico” de Freud de tentar pesquisar em laboratório, verificar o funcionamento, comprovar teses, etc. Entretanto, como é um campo que não tinha predecessores específicos – e justamente Freud queria contestar as psicologias disponíveis (o que fez com veemência) –, quais modelos foram tomados para construir este campo? Em área alguma de conhecimento concebemos, ou produzimos no interior de uma concepção sem modelos. Sempre há algum modelo, o qual pode ser o mais espúrio ou o mais refinado. Espúrio significa que, não havendo modelo de espécie alguma, as pessoas tomam em sua cultura local elementos que possam constituir um modelo para fabricar um processo novo. Imaginem a concepção de Inconsciente de um homem pré-histórico. Devia ser um bisonte: “o Inconsciente é estruturado como um bisonte”, diriam. Não diriam assim tão lacanianamente, e sim que o Inconsciente é um animal como um bisonte. Parece piada, mas justo por nos esquecermos disso, a psicanálise tem uma história religiosa e eclesiástica. É religiosa e eclesiástica em que sentido? Quais modelos Freud tomou? Como ele foi tão estudado, algum livro já deve ter abordado a psicanálise ou, pelo menos Freud, desta maneira.

Freud tomou vários modelos da velha psicologia, da física e também da cultura que ele encontrou funcionando no bate-boca dos analisandos. O Édipo, por exemplo, é um modelo da cultura, portanto é datável. E a psicanálise, em sua história desde Freud, vem claudicando e tropeçando até hoje no aproveitamento ou não dos modelos disponíveis, até mesmo quando esses modelos são radicalmente contra a mentalidade psicanalítica. Basta ver como os modelos psiquiátricos e médicos que os norte-americanos impuseram aos psicanalistas são contrários ao que possa ser o entendimento do movimento inconsciente e seu manejo. Outro exemplo são os marxistas, sobretudo os da Escola de Frankfurt. Pessoas – brilhantes, aliás – como Herbert Marcuse e Erich Fromm tentaram embutir um marxismo dentro da psicanálise, o que realmente nada tem a ver.

Estou interessado na pergunta: por que se fazem igrejas demoradas em cima de modelos que são descartáveis? O modelo trazido pela psicanálise foi uma emergência de determinada época que pareceu ser boa analogia do

que possamos pensar como Inconsciente. E mais, o modelo não estava errado. Isto porque, se entendo o que possam ser as ideias de mente e de Inconsciente, elas são tão abrangentes que não são esgotáveis pelos modelos que se apresentam. Então, quando se apresentam modelos novos, cada vez mais abstratos, eles não esgotam o Inconsciente, mas servem para explicar epocalmente seu funcionamento em cima das possibilidades de entendimento de quem está a fim de estudar aquilo. Assim, diante de qualquer modelo apresentado, notamos que seu criador tirou determinado modelo possível em sua ocasião, o qual era compatível com certas emergências da própria história da psicanálise desde Freud. Mesmo Jung fez isto: conteudizou tudo, deixou de prestar atenção na forma e nas articulações de Freud e ficou só com os conteúdos que são emergentes na história e que são conteúdos do Inconsciente.

O último modelo que tivemos foi o de Lacan, um modelo compatível com sua época. Lacan nasceu através desse modelo, estrutural e linguístico. Estava errado? Não, estava certo. Portanto, está errado. Estava certo e está errado. O modelo estruturalista de Lacan, excessivamente linguístico, apostou veementemente na estruturação linguageira do Secundário. Esta foi a aposta de Lacan. Por que ele terá feito assim? Basta lerem o primeiro Lacan para ver que lá não havia nada disso. Sua tese de doutorado nada tem de estruturalista. Ele estava ligeiramente encantado com Freud, tem um encantamento com a psicanálise, foi se metendo ali, fazendo análise e quando lhe acontece de cair o estruturalismo na cabeça, como caiu na de Lévi-Strauss, ele acha que tem uma ferramenta, um modelo: *Habemus Papam!* O papa era Roman Jakobson. Este modelo foi a última igreja, que está renitente, mas o mundo já mudou. Lacan morreu com oitenta anos, já se passaram mais trinta anos e o pessoal ainda está encantando esse modelo passado. Apenas porque eu quero? Não. Morreu sufocado por emergências de modelos radicalmente novos. É só estudar história do pós-estruturalismo e dos movimentos para cá para ver que o mundo está se modelando de tal modo que essa verve linguageira virou apenas artifício de publicidade.

Então, hoje, qual modelo está na cara e que poderíamos dizer que é o modelo do Inconsciente? Chama-se: WEB. O Inconsciente é hipertexto. Este

é o modelo mais parecido que temos hoje. O hipertexto mais importante, mais rico, que apareceu no mundo é a World Wide Web – este é o modelo. Ele tem texto, imagem, som etc. – e ainda é menor que o modelo do Inconsciente, pois lhe faltam cheiro, tato, gosto e tudo mais que entra na análise de uma pessoa. Como dar conta, por exemplo, de um Proust com suas madeleines? É claro que ele fez uma narrativa e que ela me serve para saber o que está se passando ali, mas há uma experiência a ser re-renarrada, que precisa incluir o que ele sentiu não quando comeu a madeleine, mas o que acontece quando se lembra da madeleine hoje e sente só o cheiro. Trata-se, então, de abordar de maneira radicalmente nova uma manifestação com essa concepção de *rede*, que qualquer garotinho já tem.

Se tiverem a pachorra, releiam a *Interpretação dos Sonhos* – melhor dizendo, o *Sentido do Sonho*, *Bedeutung* – e verão que é tudo brilhante... desde que seja para 1900. A grande descoberta de Freud foi que sonho é realização de desejo. Sim, mas o que não é? Hoje, *depois dele*, podemos dizer isto. Mas, no que quis demonstrar que sonhamos para realizar um desejo, o mais importante é ter mostrado certos mecanismos articulatórios que comparecem evidentemente no sonho e também fora dele, os quais o ajudaram a estabelecer o funcionamento destes mecanismos no cotidiano das pulsões. Então, o que restou foi apenas o que ele sacou de modelos de articulação, aqueles modelitos de que fala: virar ao contrário, condensar, deslocar... São os mecanismos abstratos que Lacan tomou, linguisticizou e estruturalizou. Mas não podemos ficar – e Freud já não ficava – tão presos à ordem languageira do que é trazido pelo analisando. O que é um sonho? Já notaram que ele funciona igual a uma criança brincando diante do computador, mexendo na rede, linkando para cá, para lá, misturando. Esta é a formulação do sonho. Uma criança brincando no computador, dá sempre algum resultado: se misturamos alhos com bugalhos, dá sempre alguma coisa.

• P – *Isto não é de araque?*

Não. Só é de araque quando é aleatório, embora, às vezes, seja aleatório: ficamos procurando sentidos de determinada coisa, quando aquilo é inteiramente aleatório: o garoto, na hora, fez um link para cá e não para lá.

É caos, é caótico. Os sonhos são caóticos. Vejam, então, que, junto com os acontecimentos da véspera que estão disponíveis na rede e que vão entrando, há também acontecimentos aleatórios. Por que sonhei com isso? Porque me deu na telha, não tenho que ficar analisando tudo. Tenho, sim, que articular o que interessa no caso. O sonho se parece, portanto, mais com o percurso de uma pessoa brincando no computador do que com um filme, por exemplo, que tem roteiro pré-estabelecido, coisa que o sonho não tem. Nele, o roteiro vai se produzindo. O relato do sonho é que dá a impressão de roteiro. Quando começamos a narrar o sonho, sobrepomos um roteiro que ele não tem. No sonho, vamos linkando e, aí, aparece algo que, às vezes, foi o que aconteceu quando viramos de lado na cama, ou houve um barulho, não acordamos e – segundo Freud mesmo, para não acordar – aproveitamos e transformamos em pedaço (não de nosso roteiro, mas) de nossa rota, de nosso encaminhamento.

A crítica que comecei a fazer hoje foi de que não dá para estacionarmos o pensamento sobre o que seja o Inconsciente nos modelos que lhe são contemporâneos. Se estacionamos, vira uma Morfose Estacionária como outra qualquer. Chamada lacanismo, por exemplo: pessoas ficam dizendo que são lacanianas, freudianas... Quanto a mim, sou alguém que está aí pensando e operando – e o que está dando para pensar é isso que estou dizendo. Espero, aliás, que isso não vire um tumor maligno no pensamento humano. Além disso, a bandeira que estou reafirmando aqui é aquela que pode aglutinar as pessoas. As mentes estão assim como digo, não são mais lacanianas. Estar no mundo lacaniano é estar procurando emprego na empresa multinacional que está dando mais no momento, pois aquilo só serve para pensarmos o que aconteceu na história. Nossa bandeira é a de estarmos atualizados, buscando pensar e operar na mentalidade atual. Imagino que existe um público enorme à procura de contemporaneidade.

• P – *É um público que quer fazer análise pela internet, por exemplo?*

Há pessoas que pensam que são muito atuais porque fazem análise por Skype. Não se trata disto, não é a mesma coisa. Trata-se, sim, de como funciona a mentalidade de rede – e, em análise pela internet, não estamos falando de rede e de emergência de hipertexto, pois mata-se cinquenta por

cento da rede e do hipertexto que a pessoa pode apresentar. Qualitativa e quantitativamente, tudo é diferente. Quando estamos presentes e interagindo com o analista, a quantidade de formações em jogo é muito maior. Não estou dizendo que seja completamente ineficaz, mas é pobre. E tem mais, atender apenas no consultório é também muito pobre. Se tivéssemos condições de conviver com o analisando em outras situações, enriqueceria muito.

Sabemos que, na IPA, era radicalmente proibido atender outra pessoa da mesma família. Acho que devemos atender *todas* as pessoas da mesma família, pois a construção sintomática fica evidente. Ouvimos o que o outro estava dizendo e o construto vai aparecendo inteirinho. Vemos que, no fundo de tudo, há um sintoma da patota, do grupo. Assim como há o sintoma da cidade, o do país, o da língua, o da cultura... O sintoma de base vai se configurando com todas as melhores oportunidades que tivermos de colher os diversos elementos do hipertexto, de texto, de configuração, até de cheiro. Como sabem, psicótico tem cheiro, fato registrado na psiquiatria há mais de cem anos, há também aquela pessoa que não toma banho... Como vamos cheirar o cara pela internet? E não se trata de juntar em análise de grupo, pois não dá certo. Só acredito em função de grupo como esta do Polo de Formação – um de nossos quatro dispositivos de Formação do Analista junto com a Análise Pessoal, a Oficina Clínica e o Polo de Estudo –, pois, nele, não há nenhum analista determinado ou o analista está voando. Aí pode funcionar: é pura refrega.

• P – *Outro sentimento que psicótico suscita é o de raiva, pois tem uma recalcitrância que não sai do lugar. Começamos a ficar irritados.*

Psicótico é camarada. Tudo que ele pensa, eu penso. Jamais bato de frente com ele, digo que não estou entendendo... Bater de frente com ele é bater de frente com a mãe. Aquela senhora é doida: a mãe enquanto mãe é uma espécie de psicose. Não estou falando metaforicamente, e sim dizendo que a insistência na posição materna precisa de um HiperRecalque para se sustentar. Não é que a mãe seja uma pessoa psicótica, e sim que a relação mãe/filho é constituída como uma psicose por haver um HiperRecalque que não se pode ultrapassar. Não se pode comer a mãe, por exemplo. Se pudesse, ficava mais

fácil. Não é, repito, mero recalque, mas sim um HiperRecalque quase que intransponível em qualquer análise. Por isso, acho que Freud teve a coragem, a dignidade e a independência de ter tomado a filha como analisanda. Não que ele fosse mãe, mas, com aquela estrutura de século XIX, era quase uma.

- P – *E analisou a namorada dela e os filhos da namorada.*

Vejam que isenção ele conseguiu: “O que tenho a ver com o fato de essa moça ser lésbica?” Quer dizer, não é mais filha. Esta é uma grande competência.

39

Quando produzimos **informação**, ao mesmo tempo produzimos neguentropia e deslocamos a informação anterior. Alguns autores exigem a diferença entre *informação* e *comunicação*. Para eles, a informação não comunica, não torna comum. Ela paralisaria aquilo que comunica. Vejam, portanto, que o processo é dinâmico, precisa ser mensurado a cada passo.

Num processo de cura, não se trata de tomar o partido da entropia ou da neguentropia. Trata-se, sim, de manter a dinâmica do processo. É impossível sobreviver sem alguma *estação*, sem formações recalcentes. Outra coisa, é ser Morfótico Estacionário. Isto porque podemos ter aprendido – e esta é a suposição de aprendizado da Nova Psicanálise – que é possível transformar **nosso método recalcente em Juízo Foraclusivo**. As pessoas vivem de recalque, mas é possível suspender ao máximo os recalques para quase tudo ser dito – o que é a função da psicanálise. Como não podemos viver assim nesta suspensão, o que podemos colocar no lugar? O Juízo Foraclusivo (o

Urteilsverwerfung, de Freud). Montamos, então, alguma formação em nossa mente que fique de olho nas situações e diga “isso agora pode”, ou “agora não pode”. Observem o funcionamento das pessoas e verão que não dizem *não* porque *não!*, elas dizem *não* por *denegação*. Para poder dizer *não*, é preciso poder dizer *sim* primeiro. Logicamente, segundo a fundação da mente, como vamos dizer *não* ao que não entrou? Então, repetindo, se dizemos *não* sem dizer *sim*, não é negação, é denegação. É preciso primeiro aceitar, incluir, acolher, julgar (Juízo Foraclusivo) para dizer: “(Pelo menos agora) *Não*”.

A cultura, em qualquer lugar, é neurótica e instala *sins* e *nãos* predefinidos. Isto significa que somos um bicho neo-etológico, um animal secundário, um neo-animal, pois quem tem *sim* e *não* já instalados é animal. Supondo que sejamos todos indefectivelmente neuróticos em algum lugar, se fizermos o trabalho longo de análise, de suspeição, de suspensão, mesmo tendo a tendência a agir por denegação, daremos uma parada, acolheremos, julgaremos e só então agiremos. Com isto, mata-se o animal. Ou mata-se uma criança, como disse Leclaire. Aí, sabemos que nosso julgamento é certamente precário, pois foi sobredeterminado pelas questões do momento ou mesmo que foi hiperdeterminado por alguma eventualidade (e até disto temos que suspeitar), mas foi o que deu para fazer, sem apego ao *sim* ou ao *não* predeterminados. Para viver assim, há que ter cabeça ou fazer muita análise, coisa que as pessoas pouco fazem.

Vocês certamente viram um filme intitulado *Planeta dos Macacos* (1968), que é brilhante. Tenho até o livro no qual o filme foi baseado (*La planète des singes*, de Pierre Boulle, 1963). O filme e o livro fazem uma descrição de um planeta – o que só descobrimos no fim, que não é outro senão este – regido pela espécie mais à frente naquele momento, que é efetivamente a de macacos. Os astronautas que lá chegam saíram da Terra em direção a algum lugar e caíram no futuro, mas aqui mesmo, pois só viajaram no tempo. Encontraram um planeta dominado por macacos, no qual os humanos eram lobotomizados por serem muito doidos e se tornavam escravos. O autor descreve os macacos que nós somos, com todos os nossos preconceitos e burrices. Havia os gorilas, os chimpanzés, os bonobos, igual a como é aqui. Ele mostra que

somos os mesmos macacos e quer dizer que estes macacos não têm juízo porque acabaram fazendo uma bomba atômica e destruíram tudo. Lá estão a Estátua da Liberdade enterrada no meio da areia e o canastrão do Charlton Heston – o “Moisés” – dizendo que são uns fanáticos quando descobre que foi a sua espécie que fez aquilo... Vejam que livro mais interessante... e mais estúpido: descreve esse troço doente e faz uma crítica à loucura da ciência, diz que vai acabar mal. É um moralismo bundão. Ou seja, quem escreveu o livro foram os macacos: o macaco não consegue fazer a crítica do macaco porque não consegue sair da condição de macaco. Se não fosse macaco, não estaria criticando a possibilidade de tecnologia, de desenvolvimento, dê no que der, até na possibilidade de nos levar de volta para o macaco.

Como sair do planeta dos macacos? Só no Quinto Império, se ele acontecer. Se acontecer algo que preste depois do Quarto Império, talvez se reinstale o planeta dos macacos lá onde o juízo é foraclusivo, onde ninguém diz *sim* ou *não* porque é *sim* ou *não*. Como sabemos? Temos sempre que *verificar* se é *sim* ou *não*. Há que entender que isto aqui é o planeta dos macacos. Por isso, a psicanálise não funciona, ou raramente funciona. Na TV, outro dia, uma filósofa paulista desgrehada, renomada, de sucesso, dizia assim muito filosoficamente que, para ela, o mundo novo que estava vindo era incompreensível. Vejam aí o planeta dos macacos! Uma filósofa – paulista e desgrehada – dizendo que este mundo é uma loucura, não tem ética, não tem filosofia, isso e aquilo. Graçasadeus! – digo eu. Reconhecemos na hora a macaquinha dizendo aquilo por não poder suportar que os estacionamento se desfaçam. Não entendeu que a filosofia acabou, que só na academia fazem força para que não acabe. Digo isto porque é igual a time de futebol: “sou heideggeriano”, “sou wittgensteiniano”... Ora, é uma imbecilidade como, no campo da psicanálise, dizerem que são freudianos, lacanianos... A NovaMente tenta – e, por favor, não façam igreja dela! – o deslocamento que a psicanálise, afinal de contas, veio trazer de maneira a pensarmos *ad hoc*. É isto que a macaquita não consegue suportar, que este “mundo novo” não fique preso em sua gaiola filosófica. O mundo novo está chegando espontaneamente, e ela não tem condições de compreender. Quanto a mim, estou começando a ficar em casa, está

chegando minha vez, está ficando parecido comigo.

• P – *Esse tipo de macaquita fatura alto. Na campanha do Betinho, por exemplo, dizendo que o cerne da política era a solidariedade.*

Betinho teve a pachorra de dizer na minha cara, junto com Leonardo Boff e um grupo do qual eu fazia parte na UERJ, que ele, afinal, tinha achado um universal na sociedade: a solidariedade. Certamente, ele tirou de lá. Vou discutir um negócio desses? Jamais! Ele tinha descoberto um universal, a solidariedade humana, ou seja, são os neurônios-espelho – que servem também para matar o próximo. Como dizia Nelson Rodrigues, citando Otto Lara Resende, o mineiro só é solidário no câncer. Isto é melhor do que Betinho.

• P – *Freud, em 1915, já dizia que o Inconsciente é puro assassinato.*

O Haver é destrutivo. A resistência é que segura um pouco. Lembrem-se que Alei é: Haver desejo de não-Haver. Não confundir com nossas resistências. Viva o Planeta dos Macacos!

A psicanálise, se prestasse para alguma coisa, deveria fazer um deslocamento tal que não teríamos condições de **partidarismo**. Trata-se de observar a situação e escolher uma via. Não ser estacionário, nem culturalmente, é poder pensar que é possível viver *ad hoc*? É, a cada momento, perguntar sobre como está a situação. Se vai chover, então provavelmente precisaremos de guarda-chuva. Providencie-se um.

• P – *O partidarismo está virando um HiperRecalque, um fundamentalismo?*

Fundamentalismo é psicose. Sequer é preciso declarar-se um fundamentalista, basta ser uma religião armada. Já disse que acho que Freud se enganou ligeiramente, pois **religião é HiperRecalque, tem estrutura de psicose, e não de neurose obsessiva**. O religioso é que tem os rituais do neurótico obsessivo – e quando essa religião adere a uma igreja, a igreja é perversa e ele é o neurótico panaca que fica sustentando o perverso que vive de apontar para a psicose. Não é “genial” isto? E serve para toda a estrutura social: um bando de neuróticos, doidos para alguém os *estacionar* para que

não sofram muito. Isto se faz mediante uma empresa chamada Igreja, que é inteiramente burocrática, ou seja, perversa. Basta estudar Max Weber para ver que a estrutura da burocracia é perversa. Temos, então, os neuróticos, com pavor do deslocamento, que aí ficam, arranjam um gerente, uma empresa perversista, chamada Igreja ou Estado – são quase a mesma coisa –, e isso se fundamenta numa psicose: ou deus ou o povo é o HiperRecalque que sustenta o troço. Hoje, isso está cada vez mais claro.

• P – *A psicanálise antiga não estaria fazendo o mesmo ao consolidar as instituições existentes?*

Está fazendo outra igreja fundamentalista, que se chama lacaniana, freudiana... Como a IPA se desmoralizou, perdeu o fundamentalismo. O fundamentalismo atual é lacaniano – este foi um dos motivos, além de outros, para eu romper com isso. Lacan dizia que a psicanálise não é uma psicologia porque esta opera por *conversão*. Portanto, se a psicanálise não é uma conversão, os lacanianos não são psicanálise. O lacanismo já tentou ser psicanálise, mas não é mais. Será este o destino de todos nós? Será que isto aqui também vai virar essa joça?

• P – *Só o sucesso dirá. É preciso espalhar para ver no que dá.*

Esta frase não faz sentido. *Sucesso* é o quê mesmo? Sucesso seria poder ser como é. Usa-se a palavra sucesso como você está usando, isto é, virou mercado: espalhou-se, tomou a maioria e aí se diz que é o sucesso. Isto é o fracasso. O lacanismo é o fracasso de Lacan, assim como a União Soviética é o fracasso do marxismo. A tendência é o fracasso, acostumem-se...

40

• P – *Falávamos, pouco antes de você chegar, da reportagem publicada hoje no caderno Prosa e Verso, do jornal O Globo, sobre uma briga entre Jacques-Alain Miller e Élisabeth Roudinesco...*

Embora eu não saiba qual é a briga, digo desde já que ela está certa.

• P – *Os assuntos ditos psicanalíticos que vemos divulgados ultimamente têm sido sobre coisas menores, do nível desse de Jacques-Alain fazer um seminário de quatro horas para explicar por que iria tirar as publicações dos Seminários de Lacan da editora Seuil, da qual um dos editores foi casado com Roudinesco, a qual diz que Jacques-Alain está atrasando a publicação...*

Esses assuntos são lixo. Não gosto da Dama de Lata porque ela me ofendeu, mas o que quer que diga contra Jacques-Alain deve estar certo. Ele virou um homem de negócios, cuja empresa é o lacanismo. Ele não publica os seminários por querer ir faturando devagarzinho, é um problema de marketing. Há um grupo na França fazendo os seminários de Lacan todos de novo, à revelia de Jacques-Alain. Como não podem fazer isto comercialmente, dizem que é publicação interna. Está sendo bem editado, a partir da gravação de que dispunham. Vocês sabem que havia umas mil pessoas assistindo ao seminário e muitas gravando. Está saindo diferente da outra publicação, pois talvez Jacques-Alain meta a mão demais. Ele até tem certo direito, pois Lacan disse que ele era co-autor. Talvez Lacan estivesse preservando os direitos autorais da família. Temos que lembrar dessas coisas pessoais. Há muito na produção de Lacan que é dedinho de Jacques-Alain, o qual, aliás, não é nenhum idiota. Sua empresa, a Associação Mundial de Psicanálise, A *Calça* Freudiana, como pronunciam os argentinos, ficou fixada sobre achados da época de Lacan e com erros grosseiros. A ideia de *Passe*, por exemplo, Roudinesco até supõe que foi o que destruiu a Escola Freudiana de Paris. E acho que ela tem razão. Além de erros assim, a coisa é estacionária e fora de época.

Para fazer uma instituição internacional, mundial que fosse, seria preciso uma certa dinâmica sem sequer, por exemplo, um determinante teórico. Foi, aliás, o que tentei fazer nos anos 1980 com a Causa Freudiana do Brasil – e também fiz questão de acabar com ela. Era um encontro anual, no qual cada instituição responsável pelo encontro do ano faria o que quisesse. Isto era dinâmico. Então, fazer uma instituição ortodoxa freudiana como a IPA já, naquela época, era uma imbecilidade, mesmo porque aquilo ficou nada freudiano, engessado como qualquer empresinha particular. Ora, aconteceu o mesmíssimo com Lacan. Essa coisa de Jacques-Alain ou de instituições que brigaram com ele continua engessada naquela coisinha, pensando que é possível repetir os comportamentos da Escola de Lacan. Não dá para repetir, o mundo é outro. E Lacan já se foi. Isto além do fato de que alguns comportamentos como o da ideia de passe estavam *errados*. O passe é um erro gravíssimo. Teve gente idiota que saiu do Colégio Freudiano para fundar uma instituiçãozinha lacaniana copiando essas bobagens. É um fracasso total, é melhor não ter nada. Prefiro ficar sozinho fazendo meu trabalho.

Insistir nesse formato é optar por um comportamento e uma organização que estão falidos e gastos. Em seu momento, foram geniais, mas acabou, não dá mais para pensar assim. Essas formações psicanalíticas – a Escola de Freud, a de Lacan, etc. – são comprometidas com o conhecimento e o pensamento da época. Portanto, temos que mudar. Colocar certas bases que são imutáveis, porque são mesmo – a existência do Inconsciente, por exemplo –, não nos isenta de pensar como vão se inserir no conhecimento e no pensamento de outro momento. Vejam que outros pensamentos invadiram o campo e a psicanálise ficou meio desmoralizada, meio fora de moda e, pior, ficou caquética, quase gagá. Menos aqui. Entre nós, ela pode estar maluca, mas não gagá. Aliás, é melhor ser doido do que burro. Nossa questão é fora dessas coisas. Mesmo supondo que os outros estejam repetindo muito fielmente a Escola de Lacan, estão fazendo bobagem, pois aquilo acabou. Quando Lacan resolve, ele próprio, dissolver sua Escola é porque viu o fracasso redondo do troço todo. Ao fazer isto, ao aceitar isto – e deve ter feito chorando pelos cantos, sob a pressão de muita gente: Serge Leclair, por exemplo, já falava

–, ele não tinha condições de fazer mais nada. Aquilo tudo é Jacques-Alain Miller. Quando recebi a carta assinada por Lacan sobre estar fazendo a nova Escola, eu me filiei e fiz tudo direitinho. Mas quando Lacan morreu, na mesma hora enviei carta dizendo que estava fora.

De lá para cá, venho tentando – é um monte de erros e tentativas – no sentido de ver se, junto com a experiência de todo mundo, consigo inventar uma maneira nova, contemporânea de falar disso. O ranço universitário – de novo, através de Jacques-Alain – invadiu a psicanálise com aquela história de Vincennes. Foi Lacan que fez com Leclaire, mas foi invadida demais pela coisa universitária. Não gostei do rumo que estava tomando. Vincennes, hoje, aliás, não é mais Vincennes, está em outro lugar. O comportamento ficou acadêmico direitinho como o resto. Naquele tempo, ainda tinha lá Deleuze, Lacan, Lyotard e outros, ou seja, uma dinâmica que não deixava aquilo virar academicismo. Não tem mais, morreu.

41

Trata-se, pois, do que se faz de teórico com a base histórica tida e com a base mínima de coisas das quais não se pode abrir mão, se não, não é mais psicanálise – mas como isso se comporta no tempo é outra história. Então, trata-se da formulação teórica e da transmissão. E **Transmissão**, se não faz série, não o é. Se ela parou, uma série paralisada é uma neurose, um estacionamento. A questão de uma instituição dita psicanalítica é: ou vira transmissão ou é museu que preserva um acontecimento. Ela pode ser as duas coisas, mas sempre há que saber onde e como está sua transmissão.

Podemos, sim, articular formas de transmissão. Se prestarem atenção, verão que em todos esses anos que faço Seminário, Falatório e agora SóPapos, a transmissão lá já está. Tudo que está posto como nossa prática é o modo de transmissão e já está articulado há tempo. Podem inventar modos novos de transmissão, todos estão livres para sugerir. Numa instituição, pode haver ensino, estudo, ou mesmo formação, mas a transmissão, repito, é quando isso faz série. Transmissão implica, sobretudo no âmbito da psicanálise, cada elemento pertencente à instituição ter transferências aderidas a ele para poder continuar o processo. Não estou falando de transferência de consultório, pois esta é para desconfiar: o consultório acaba virando simplesmente um mercado como outro qualquer. Isto não caracteriza transmissão, e sim exercício, aplicação de uma prática. Facilmente, o trabalho do dito psicanalista se confunde com o do psicólogo, o do médico, ou seja, é mercado. Mas a transmissão é quando, de geração para geração, existem transferências e aderências ao trabalho. A aderência principal nem é à teoria, e sim ao trabalho, aquele que se realiza aqui, por exemplo. Se for a sério, a tendência será até de a teoria evoluir, transformar-se. É o que não está acontecendo por aí, que é repetição de frase feita. Portanto, é um fracasso.

Aqui, já temos o modelo de transmissão: Análise Pessoal, Polo de Estudo, Polo de Formação e Oficina Clínica. Não pensamos em termos de *grupos*, e sim em polos, pois grupo tem tamanho. Até isto Lacan tentou teorizar, mas é preciso saber que estamos lidando com o sintoma do autor, que gruda feito peste nas situações. Há uma grande quantidade de coisas que vemos na obra de Lacan que, depois de conviver com ele, de estudar e observar o que aconteceu, vemos que é sintoma dele. É assim mesmo. Primeiro, compramos o sintoma, pois é impossível criar fora de nossa sintomática. Se não, nada diríamos. Quem ficar curado, calará a boca. Se está falando, é porque ainda resta histeria. A quantidade de sintomas de Lacan em sua obra é enorme. Então, após estudar, vemos sua família, o pai, o avô, está tudo lá... Nome do Pai, em Lacan, é algo para ele se salvar, resolver *seu* problema. Aliás, é assim que aprendemos. Mas precisamos sempre nos lembrar de não fixar, nem mesmo a teoria, em cima da sintomática de alguém. Há certas coisas que devem ser

mantidas, talvez para sempre, se não, acaba a psicanálise, mas idiossincrasias e situações contingentes precisam mudar. Isto porque há o sintoma do tempo de Lacan, do tempo de Freud... Para saber por que Freud inventou o tal Édipo, basta estudar a Viena de seu tempo, o pensamento alemão da época. Veremos que ele não podia não ter se deparado com aquilo.

Entendam que *Transmissão* é o mesmo que reprodução biológica, mas no nível secundário. Geração é a pessoa trepar e fazer neném – é transmissão de Primário. No caso do Secundário, a transmissão é por adoção. Portanto, há sempre que perguntar onde estão nossos adotados. É preciso perguntar isto se supomos que este acontecimento chamado NovaMente serve e presta para alguma coisa, se pode ter e se interessa ter futuro. Quanto a mim, pelos lugares que passei sempre fui papel de mosca, muita gente ficava grudando. Se as moscas não estão grudando é porque certamente há algum sintoma de repulsão ou de sonegação. Digo isto porque, se a pessoa estiver funcionando entusiasticamente – esta palavra é horrível, mas é a que me ocorre –, se não estiver só fingindo que fala de coisas, mas estiver pensando, ela necessariamente grudará gente. Vejam que a universidade é cheia de patotas. Está certo, é o modelo socrático, sempre foi o mesmo. Toda contemporaneidade tem sua babaquice própria. A da minha, por exemplo, foi estar na universidade e o Magno ser um papel de mosca lacaniano, outro fulano ser um papel de mosca foucaultiano... Eram patotas tolas e alienadas, sem discurso próprio ainda. Não era Lacan ou Foucault, e sim subprodutos, mas grudavam. Na filosofia, há os heideggerianos, os analíticos – e isto é transmissão. Já notaram que só se transmite doença? Só doença pega, não pegamos saúde dos outros.

No “falecido” Colégio Freudiano ainda havia certo ar de patota. Mas eram patotas que os caras arranjavam para ir embora fazer suas instituições, e não para ter um ambiente até de discussão com patotas diferentes. É assim, está vivo, está discutindo. Mas o que aconteceu de patotização, se não for patologização, foi que cada um que virava um mestrinho queria ser eu. Como se *eu* fosse alguma coisa. As pessoas personalizam, ficam querendo imitar o outro em vez de ver um movimento acontecendo em torno de *algo*, e não de *alguém*. Lacan vivia dizendo para não o imitarem, devia estar de

saco cheio de ver macaquinhos. Numa das primeiras sessões que tive com ele, eu chegava de seu seminário com um embrulho no estômago e lhe disse que nunca vira tanto macaco junto, até mesmo eu. Aquele seminário me deu náusea, me deu mesmo, sintomaticamente. Era uma macaquite só.

• P – *Nos anos 1970, sobretudo na universidade, havia um espírito que não vemos mais hoje. Sabemos que não é o caso de retornar àquilo, mas qual seria o espírito de agora?*

Meu trabalho tem o espírito de agora para o futuro. Tenho certeza disto. Será que o que acontece é o pessoal – mesmo o daqui desta instituição – estar reagindo a isto? Por exemplo, a transferência que existe na tal escola de Jacques-Alain, que pode estar cheia de gente, não é pelo motivo que deve ser. Ele montou um aparelho empresarial e industrial em que as pessoas pegam seu diplominha e colam ali por ser uma indústria, um mercado. Por isso, vão para ali, mesmo porque quando abrem a boca vemos que nem Lacan tem lá. É visível para qualquer um que não esteja na patota deles que ficam repetindo frases, não sabem do que estão falando. Ou seja, é uma empresa que está dando dinheiro para algumas pessoas, e não um fenômeno de emergência. Lacan, sim, é um fenômeno de emergência. Mesmo meu trabalho aqui no Brasil foi emergencial, e não de mercado. Temos que nos perguntar sobre o que estamos fazendo se as gerações não nos reconhecem. Estão nos achando gagás? Não é o meu caso. Ainda. Quando as pessoas se assustam comigo é por eu ter ido muito longe, tenho até mesmo que me conter. Se não levarmos essas questões em consideração, acabou, só restará o museu.

Tenho a impressão, e por enquanto é só impressão, pois não pesquisei, de que mesmo aqueles ao meu redor muitas vezes sentem dificuldade em acompanhar os processos que indico, em vestir outra mentalidade. Digo-lhes que essa mentalidade não é minha, e sim a que está no mundo, mesmo que ele não tenha consciência disto. Tenho alguma consciência do que está acontecendo e transformo isto em teoria. Os demais apenas *vivem* isso, não têm *consciência* disso. E não se trata apenas de incorporar a postura, e sim de incorporar o próprio mundo. Está na cara, o mundo está ficando assim. Não porque quero, não estou determinando o mundo, e sim o mundo é que está me

determinando. O que estou dizendo está nascendo há muito tempo e tomará corpo no mundo inteiro, podem esperar. Pergunto-me, então, se vocês não estão velhos, funcionando de acordo com uma velharia. Fico procurando o diabo do sintoma e o que vejo é, no fundo, uma grande rejeição a entender como o mundo *já* está funcionando. Temos que pensar essas coisas. Se não, não iremos a lugar algum.

Uma coisa é ouvir falar ou até saber articular um teorema, outra é funcionar *segundo* esse teorema. Uma coisa é ser professor de filosofia e saber tudo que tal filósofo pensa, mas ele, professor, não pensa assim. Não fazemos transmissão se não *pensamos assim*. Pensar assim é pensar segundo essas formações, é pensar com essas formações. Quando vamos ao mundo, como pensamos? Disse há pouco sobre alguém apresentar entusiasmo, ou seja, ele é tomado pelo Deus daquela experiência. Um mero professor dificilmente faz transmissão, faz apenas ensino. Alguns professores conseguem transmitir, mas a maioria não cola, está só *ensinando* o que outros pensaram. Transmissão também tem o que costumam chamar de *carisma* como se fosse algo que nascesse com alguns. Não é. Carisma é quando estamos tão imbuídos de determinado troço que aquilo vibra. Se estamos sendo autênticos – esta é uma palavra horrível –, se estamos sendo mesmo alguma coisa, aquilo transmite, vibra, faz som, ressonância. Ou pensamos de um modo ou de outro. É assim que funciona.

42

Vivo me esforçando para derrubar ideias antigas como as de sujeito, objeto, etc. O que importa é pensar – coisa que duvido que muitos façam – com a

ideia de **Formações**. Realmente, não é fácil. Não é fácil deslocar a cabeça de uma formação para outra. Cada um tem que ficar fazendo o exercício de ver que, espontaneamente, vai por ali, que está errado, então volta... Não é preciso falar só de psicanálise. Se lerem Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, verão que ele está meio enrascado, fazendo esforço para colocar, desde aquela época, 1969, minha ideia de *formação*, só que ele não a generalizou como fiz. Então, com o espírito do pensamento arqueológico, começou a abordar a ordem discursiva do mundo como *formações discursivas*. Vejam que lá já estava a dificuldade que as pessoas têm até hoje de pensar em termos de formações discursivas. Elas pensam em termos de autores, de figuras e não era o que ele estava fazendo. Quando falo para pensarmos em termos de formações, estudem Foucault porque ele está perto. Meu conceito de Formações do Haver é mais abrangente, mas ele estava tentando trabalhar esta ideia. Ao falar em arqueologia do saber, está levantando as formações, não interessa de quem: são as formações em jogo. Ele só não pensou em polaridade, franjas e transa entre formações, como fiz.

Clare Isabella Paine, querendo ou não, estando prestando atenção nisso ou não, escreveu um livro – *O Aprendizado da Indiferença* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011) –, em que o personagem principal não é pessoa, é formação. As pessoas não estão interessando mais: até na hora de escrever uma ficção estamos lidando com formações. É claro que ainda se fala em personagem fulano ou sicrano, mas o personagem morreu, acabou. Antigamente, ele existia, era concebido e dali era tirado o romance. Hoje, o personagem é a resultante das formações. Em Vila-Matas, cadê o personagem? Mesmo Houellebecq não tem personagem, tem formações e conflito de formações, o livro não tem começo nem fim. Essa gente contemporânea não tem personagem e os críticos não sabem o que dizer. Eles reconhecem essas diferenças, mas não sabem dessas coisas, pois não são da NovaMente.

• P – *O complicado é que a linguagem do senso comum continua a mesma.*

Mas é esfacelada. Ela é polarizada, e não mais centralizada. Ao conversar com qualquer pessoa, sobretudo aquelas com menos de trinta e

cinco anos, vemos que aquilo é esfacelado e que a pessoa lida com polos. Antigamente, as pessoas tinham caráter, mas isto acabou. Como se descreve fulano? É isso, aquilo, aquiloutro. Quem é o cara? Sei lá. Personagem acabou como um construto que se comporta de tal maneira e dali se tira seu romance. Ele ainda vigora, mas como o contrário: um monte de formações que *resultam* na aparência de um personagem.

• P – *Mas os usuários da linguagem comum falam com a questão sujeito e objeto...*

Eles nem sabem o que é isso, pois é coisa de filósofo. Eles falam a partir de uma pessoa que gosta disso, daquilo, etc. Você é quem está chamando de sujeito e objeto, ele está é polarizado em torno de várias formações.

• P – *Mas a linguagem comum não trabalha com a noção de indivíduo?*

Já não. É preciso ter mais de cinquenta anos para perceber isto. O fato de o polo ter força, ter tesão, dar a impressão de ser separado, é outra história. A coisa está muito misturada e gente de vinte anos hoje é impressionantemente NovaMentiana, ou melhor, a NovaMente é que é parecida com eles. Eles estão falando a partir de um polo, mas o modo como articulam as coisas não tem desenho prefixado, com um caráter de onde parte o discurso. O *desenho* está no final. Só percebemos o desenho da pessoa *depois*. Não confundir isto com o fato de as pessoas serem neuróticas, terem um ego enorme. Elas têm tudo isso sim, mas o modo como realmente funcionam é *dispersivo*.

• P – *É o que dizem sobre a geração Z (de zapear)?*

A geração que está aí é a Y. Infelizmente, estou falando para a Z, que ainda não chegou. Sou da geração Coca-Cola, que é antes dos *Baby boomers*. Isto é quando nasci, mas sou da Z. Penso como a geração que está chegando. Minha dificuldade no mundo com as pessoas é esta: sou da Z e ela ainda não compareceu de vez. Estou falando do comportamento dos Y que estão mais ypsilonizados, que estão entrando na minha conversa – e quando chegar a Z, posso falar com eles que vão entender na hora. O que falo está na geração Z, pois estou percebendo o vetor para onde está indo e fiquei fazendo minha cabeça para ir lá e pensar lá. É difícil à beça.

43

• P – *Você falou de poder enquanto verbo e que há que considerar as formações em jogo em qualquer situação para ver a resultante que chamaremos de poder naquele momento. A concepção de o poder como substantivo cai, pois vê-se que há uma franja enorme para que exista aquela situação. Você definiu, então, poder como “a capacidade que uma formação tem de sobrepujar outra formação ou outras formações” e fez uma diferença para com a paranoia, em que se está numa relação interpessoal. Ao colocar em termos de formações em jogo, isto é, de poder das formações, fica mais fácil entender o que acontece. Entretanto, não consigo ver na transa de formações assim definida uma base dando poder. Tenho dificuldade em acompanhar sua frase: “O vértice tem o poder que a base lhe dá”.*

Não há ninguém dando o poder. O dar aí está no sentido de que ela é base e, se é base, é ela que dá poder à pirâmide inteira. Dar não é oferecer. De onde vem a força que constitui o poder de qualquer formação? De outras formações que lhe emprestam esse poder. Isto em qualquer caso. É preciso considerar *todas* as formações em jogo. Por exemplo, num poder político dominante que até está agindo violentamente com sua base, de onde veio o poder que está massacrando essa base? Da base. Base é sempre de baixo para cima, é uma sobre a outra.

• P – *Mas isto não é meio euclidiano?*

Existem coisas euclidianas. Não acabei de dizer que o governo é diferente da base? Isto porque o governo é euclidiano, não funciona nem topologicamente. Ele é mesmo. Neurose é euclidiana, é estacionária. Analisar uma situação de poder é procurar de quais outros poderes ela está constituída. Aí, vamos descendo, *top down*. Este é um tipo de análise que já se fez demais por gente como Foucault, etc. Ora, esse poder constituído só existe por estar assentado sobre outros poderes e estes sobre outros ainda. Análise, então, é

considerar *todas* as formações que constituem a situação de *poder* (verbo) – a situação daquilo que pode. Perguntamos por que tal formação está poderosa em tal momento. Ninguém tem poder porque resolveu ter, e sim tem o poder que lhe deram. Esta é, aliás, uma dificuldade de entendimento do pensamento democrático, pois não tenho poder a não ser se me oferecerem. Aqui nesta instituição tenho muito poder, já notaram? E de onde vem este poder? É o que me dão, porque não tenho quase nenhum.

• P – *Isto não fica meio paranoico já que, como quem dá o poder é a base, o “coitado” que está lá em cima nada teria a ver com aquilo?*

As forças são diferentes. Quem está em cima não é coitado, está, sim, se aproveitando do poder que lhe deram. E mais, ele tem tudo a ver com aquilo que a base lhe deu. Hitler, por exemplo, virou o símbolo de uma coisa enorme. De onde veio esse poder? Ele tinha seus poderes, que colariam ou não. Passou uma cantada e o pessoal caiu. Pronto! Está instituído o poder. Temos, pois, que analisar a situação para entender quais formações constituem os vetores que vão se somando nessa instituição. Lembrem-se de que qualquer formação tem poder. Em sentido verbal, ela *pode* certas coisas e só pode por ser constituída de várias formações que lhe dão esse poder. Ou seja, o poder dessa formação é o poder que todas as suas formações lhe dão. Ele já é resultante dessas outras formações, cujo poder, por sua vez, é resultante de outras formações ainda. *Ana-lisar* é partir tudo em pedacinhos e entender a menor formação possível de ser entendida. Isto porque é ela que, em última instância, está constituindo os poderes. A base no caso de um Hitler é a gentilha, aquele pequenininho de baixo. Não existe formação que não seja base de outra formação.

• P – *Quando falamos em poder, frequentemente nos referimos ao povinho que está embaixo.*

Esse povinho está oferecendo todo o poder que funciona neste país. Imaginem se colocassem LSD na distribuição de água, esculhambaria com o poder.

• P – *Tivemos recentemente protestos em mais de mil cidades em mais de oitenta países.*

Maravilha! Jogaram LSD. LSD chama-se: Internet. A tecnologia está desagregando várias formações de poder. Qualquer um começa a entender que a situação em que está é decorrente daquelas outrazinhas. Ele rompe a casca da resultante e aí aquilo começa a borbulhar por dentro. Observem que o poder veio de baixo, pois se aquele bando de baixo não fosse covarde, boçal e ignorante, os de cima não fariam o que fazem.

• P – *Na Inglaterra, essas manifestações começaram ano passado e foram organizadas pelas redes sociais. David Cameron quis proibir facebook, twitter etc. e foi vaiado por todos no parlamento.*

Já não é mais possível proibir isso. Se proibirem, outras coisas do interesse deles também cairão. Está tudo “paradoxal”, felizmente. Temos que contar com o caos, com a Zorra. Ontem, na TV, um americano imbecil dizia coisas parecidas com essas de Cameron, que as crianças estão sendo deseducadas pela televisão... E a escola faz o quê? Era um programa sobre Platão, que era um panaca, com franca vocação fascista. Ele é o responsável pelo substrato fascista da Igreja católica. Ela se fingia de Aristóteles, mas este não era fascista, e sim apenas babaca como todo mundo, o que é bem diferente. Esse tipo de coisa faz parte da Morfose Estacionária dentro da cultura. Tomam nomes como o de Aristóteles, com quem ficamos abismados quando o lemos tal a sua ignorância, e ficam falando dele sem nunca ter lido uma página das besteiras que disse. Ele também disse umas coisas interessantes, mas e daí? Tudo se clericaliza, vira igreja. Platão, este então, era um idiota que escrevia muito bem e fazia o pobrezinho do Sócrates dizer muita merda que duvidamos que dissesse. Leiam *A República* e verão que é um festival de bobagens. Um daqueles que fundaram a república norte-americana leu e escreveu numa carta que nunca tinha lido tanta besteira num livro só. Entendam o que é um pragmatista diante daquilo. Mas o que fazemos mais frequentemente é sacralizar o conhecimento, o produtor. Aí estraga tudo.

• P – *Há fragmentos de textos de historiadores da antiguidade tardia – Diógenes Laércio, por exemplo – que registram que Sócrates teria dito a respeito de Platão: “Esse rapaz coloca tanta besteira em minha boca”.*

Alguns contam que Sócrates ficava horrorizado com seus alunos. Assim como Lacan que, textualmente, ficava horrorizado com aquela gente de sua Escola. Um dia ele disse que desistia e alguém comentou: “Logo você que disse que não se pode abrir mão do desejo”. Ao que ele retrucou: “Desisto dessas pessoas”. Depois, ele disse que sempre soube que estava falando com as paredes. Acho que jamais fez outra coisa. Precisamos, portanto, ser efetivamente críticos, até com o que falamos, pois falamos merda. Estamos fazendo tentativas de entendimento, mas, se virar igreja, acabou.

44

É um erro grave chamar qualquer prática sexual propriamente dita de *perversão*. Perversão é algo preciso, sua verdadeira tradução é: **totalitarismo**. Toda vez que pretendemos ser totalitários em relação ao outro, somos perversos, no sentido da *perversidade*. Aliás, quero desmanchar a besteira que eu mesmo disse sobre perversidade e perversão. Não há que confundir *diversão* com perversão. Repetindo, toda vez que somos totalitários, como qualquer Hegel ou Kant pretende ser – isto é, ser universal e cagar regras sobre os outros –, trata-se de perversão. É o que está em Freud, em Lacan e em muitos outros. O texto de Lacan, *Kant com Sade*, trata disto.

• P – *Qual termo cai da distinção que você fez, perversão ou perversidade?*

Perversidade. Tentei fazer essa distinção, mas agora me soa tolo. Práticas eróticas não são *perversões*, e sim *diversões*. Se definimos uma norma, o que sai da norma é desvio. Isto é o que chamavam erradamente de

perversão. Já citei várias vezes o livro de Georges Lanteri-Laura, *Lecture des Perversions: Histoire de leur appropriation médicale* (Paris: Masson, 1979), que é muito bom quanto a isso. A perversão está realmente na determinação da norma. Quando resolvemos determinar o próximo, aí é perversão. Só existe esta definição: perversão é aquele que tem o instinto assassino de querer dizer o que o outro deve ser. A psicanálise nada tem a dizer sobre como se deve ser. Se tem a dizer, não é mais psicanálise, e sim filosofia. **A psicanálise tem a dizer o que ela está vendo que é, sem fazer a menor ideia do que deve ser.**

Por que é preciso o analista fazer análise e procurar a indiferenciação máxima possível? Porque não posso fazer tentativa alguma de intervenção no estacionamento do outro se estou estacionado. As pessoas têm mania do certo e do errado, têm esse fantasma dentro da cabeça. Interessa para nós o que está certo e o que está errado de fazer na vida? O que interessa é se funciona ou não, se valeu ou não. Certo e errado são superego. O único perverso que existe na face do Planeta é o superego. Lacan dizia: “a figura obscena e feroz do superego”. É uma construção egoica herdada da burrice de outrem que quer dizer como o mundo *tem* que ser. Logo, todo superego é totalitário.

• P – *Lacan falava do imperativo superegoico: “Goza!”*

Goza conforme mandei, se não, não serve. Topamos com a geração nova e vemos que a garotada faz com simplicidade coisas que fazíamos como transgressão. Para eles, não há transgressão alguma, é normal, é aquilo. Quando alguns deles me perguntam se está certo, respondo que não faço a menor ideia. Por que tem que estar certo? Quais são as consequências? São boas ou ruins para você? Veja aí.

45

Recomendei, porque é engraçado, a leitura do livro *Quartier Lacan*, organizado por Alain Didier-Weill (Paris: Flammarion, 2004 [a primeira edição é de 2001]), que foi recentemente traduzido para o português. As pessoas aqui, em geral – isto é, 99,9 por cento –, conhecem Lacan por seu texto – e conhecem mal, pois ele é difícil de ler e não acredito que essa gente saiba ler – e não conhecem pessoalmente o cara. Elas dão um ar solene a seus textos, os quais, na verdade, não o têm. Eu dizia que Lacan parecia um anão de jardim e o pessoal achava que ele parecia um palhaço – e é mesmo. A herança cultural dele é outra, é muito melhor do que as pessoas pensam.

• P – *O modelo da Escola Freudiana, com passe e carteis, está arraigado. Mesmo gente de fora da psicanálise fala destas duas coisas como se constituíssem um modo técnico de funcionamento estabelecido, sem necessidade de qualquer questionamento.*

Todos que pensam um pouco, mesmo analistas, acham isso ridículo. São tentativas de Lacan de escapar do formalismo da IPA e que, de novo, caem nele. O último Lacan – que foi meu analista – tinha dado um salto enorme, visível para todos. Acabou com o negócio de significante, botou o matema na gaveta... Ele estava numa prática que é aquela de onde saiu o que tenho pensado sobre a **Clínica**. O que se pode fazer numa clínica dita analítica? Pode-se tentar desmontar as formações, que é o que se chama de *ana-lysis*: pulverizar as formações, deslocar as pessoas dos lugares. Como se faz isto? Há mil maneiras de fazer, cada um que invente a sua. Se você conseguiu pulverizar suas formações, você inventa. Não há regra. Se temos o norte, como diziam – que não é a letra freudiana, e sim o espírito freudiano, o espírito lacaniano –, descobrimos nosso estilo de fazer isso. Minha suposição e o que vi Lacan fazer foram duas coisas fundamentais. Primeira, modos de empurrar o analisando, há quinhentos mil. Estamos ouvindo e damos um empurrão em algum lugar.

Isto, para desmontar as formações. Se alguém está montado numa formação, é um sintomático. Há, então, que desmontar a própria formação, pois, pulverizada, ela perde a força sintomática. Pode-se continuar a exercendo, mas ela já perdeu sua força sintomática, indiferencia. Segunda coisa, apontar para a pessoa que ela é nada. Quem você está pensando que é? E há também muitas maneiras de fazer isto. Então, antes mesmo de desmontar as formações, há maneiras mais diretas de desvalorizar a força sintomática. São atos diretos que ajudam a desmontar, assim como desmontar ajuda ao entendimento da força sintomática. São duas operações diferentes.

• P – *Quando se trabalha nesses termos de empurrão e pulverização, não é também um encaminhamento para a reconfiguração daquilo?*

Sim, pois ninguém é tão solto. Sempre há uma reformatação, de preferência para melhor, mais disponível. Mas não há que se meter na recomposição do campo da pessoa, não é da nossa conta, seria abuso. Ela é quem vai recompor. Entendamos, portanto, o que é operar no sentido da pulverização e o que é operar no sentido da desvalorização. Se, no primeiro caso, pulverizamos, talvez vamos re-valorizar, transubstanciar os valores, como dizia Nietzsche. Mas, no segundo, não estamos fazendo esta operação, e sim diretamente desvalorizando a intencionalidade sintomática do outro. Lacan fazia isto bem. Entrávamos na análise com alguma coisa muito veemente, ele nos reduzia a pó sem dizer nada: abria a porta, ia embora e tchau! Se lembrarem de meus esquemas de Ser e Haver, saberão que somos *ninguém*. Somos, se formos, o que nos sobrou aquiagora. Pensamos que somos alguém, não somos. O que é gravemente sintomático, a doença mental por excelência, é fazer a suposição de que “somos” mesmo aquilo que somos neste momento. A conjuntura do verbo *ser* naquela região de mundo pode durar a vida inteira, mas é conjuntural e conjetural.

• P – *Quando você diz “o Mundo sou Eu” não é incompatível com essa desvalorização?*

Mundo, que, em meu esquema, é da ordem do Ser – aquilo que me é, que penso que eu sou –, é o Mundo possível para este caso, não há outro. Qual

é o Mundo possível para este caso aquiagora? É o Mundo que Eu sou. Então, o Mundo sou Eu. Isto, para qualquer um, e é periclitante. O que sou é apenas o que se diz que se é: “Segura essa para ver se você se segura”.

• P – *E quem você pensa que é?*

Já tentei saber. Antigamente, até achava que sabia, mas hoje não sei mais. *Rolling stones* – a gente vai rolando por aí. As certezas, sobretudo sobre o que supomos ser, estragam, destroem tudo. Vi ontem um programa na TV sobre Machu Pichu – aonde nunca irei, pois é só um monte de pedra empilhada –, em que alguém comentava algo interessantíssimo. Como uma cultura fica aprisionada a um sintoma? Tal qual a nossa e todas as outras, mas ali vemos a prisão sintomática de uma cultura inteira. Talvez por isso é que o local tenha sido abandonado. Ninguém sabe. Vejamos o sintoma. Eles construíram aquilo tudo arrastando as pedras por ladeiras e as carregando nas costas. No programa, perguntaram se eles não conheciam a roda. Sim, só que *a roda era tabu*. Ela era igual ao sol. Como o deus era o sol, como vai se fazer o sol rolar? Seria um desrespeito com o sol, uma heresia. Então, os babacas ficavam arrastando pedra porque não podiam rolar o sol. Ora, o sol não vai ser rolado aqui, façam análise! Ou seja, nunca construíram uma carroça por causa de um HiperRecalque. Vejam que a estrutura é psicótica e os neuróticos, lá dentro, obedecendo à ordem perversa da igreja local que se aproveita de uma construção psicótica para dominar e estragar tudo. A construção é psicótica, HiperRecalque, e quem se aproveita disto é o perverso. Ele faz uma igreja e pega todos os trouxas – os chamados neuróticos –, que ficam estacionados debaixo daquilo. Ou seja, ficam alimentado o perverso que sustenta a psicose. Não é bacana entender um troço desses? Vocês pensam que somos diferentes? Qual psicose estamos sustentando com nossa neurose e alimentando os perversos? Pensar isto seria fazer política, em caso de análise.

• P – *Qual seria o HiperRecalque hoje?*

Há várias regiões com HiperRecalques específicos. Freud meteu o dedo na ferida: a ferida é o **sexo**. Leio as notícias do jornal O Globo na internet e não há um dia em que, na primeira página, não tenha um caso sexual. Ontem,

por exemplo, uma professora foi presa por ter comido um garoto de doze anos. No livro organizado por Didier-Weill, fala-se mal de Lacan por ele ter comido algumas analisandas. Ele, com setenta e cinco anos, ter comido a menininha de vinte e três anos, linda – que, aliás, conheci –, deveria é ganhar medalhas. E deveríamos dar os parabéns a ela por ela ter aturado aquilo. As pessoas ficam apavoradas com a emergência da sexualidade e começam a oprimir os outros. Tal outra professora, na universidade, comeu um garoto de dezoito anos que nem seu aluno era e foi processada. Vemos aí uma psicose instalada no social. A qualquer coisinha diferente no sexo, há alguém para procurar e colocar na cadeia por não suportar sua própria frustração.

46

Segundo Fernando Pessoa, o padre Antônio Vieira é o imperador da língua portuguesa, ninguém foi tão grande quanto ele. O *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real em 1655, embora não seja dos primeiros, é o mais famoso e costuma abrir as antologias por causa de sua força política. Escreve ele logo no início: *Ecce exiit qui seminat, seminare* – “saiu o semeador a semear” –, que é um trecho de Mateus (13,3), no *Novo Testamento*. Teria sido dito pelo suposto Jesus – segundo Vieira: “diz Cristo que ‘saiu o pregador evangélico a semear’ a palavra divina” –, o que é besteira, pois é uma parábola. Temos que entrar no contexto de seu tempo: Vieira era um jesuíta – gente perigosa, diga-se, mas os outros eram piores ainda. Ele pega esse mote – “Eis que saiu o semeador a semear” – para falar daquele que sai ao mundo para colocar sua semente. A ênfase está em sair ao mundo para jogar suas sementes.

- P – *Ele faz distinção entre aquele que faz a pregação em sua cidade*

e aquele que vai às Índias, que vai pregar fora. Diz ele logo no segundo parágrafo que “os de cá, achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos”. E mais, “sair para tornar, melhor é não sair”.

Afora o fato de, se quiserem, atualizar o texto sem cristianismo, interessa-nos que ele está comentando sobre quais são as possibilidades e a responsabilidade de uma *Transmissão*.

Para nós, é importante a figura de Vieira, sobretudo por não darmos muita bola para nossa cultura e cultivarmos franceses e ingleses. Vieira é uma figura enorme tanto do ponto de vista do cultivo da língua, por ser excelente escritor e orador, quanto também do ponto de vista da afirmação cultural no sentido geral. Fernando Pessoa, em *Mensagem*, tem um poema sobre ele em que, além de dizer que é o imperador da língua portuguesa, diz que ele estará para conduzir ao Quinto Império, que é algo que nos interessa também. Vieira estava na luta pela imposição da cultura ibérica, sobretudo portuguesa, e da língua portuguesa. Costuma-se dizer que ele é barroco, o que não é verdade, é mais um erro histórico: Vieira é maneirista. Basta ler com atenção seus textos, inclusive pelo modo como ridiculariza o barroco. Dizia que os barrocos falam e não se entende o que dizem. É claro que ele era um pouco barroco, pois não se pode deixar de ser barroco na época barroca. Como todo o maneirismo, aliás, ele tem alguma aparência de barroco. Ele esculhamba com os dominicanos, que eram assassinos natos e exerciam esta qualidade mediante a Inquisição. Vejam que essa Igreja não só é perversa enquanto tal como tem regiões com requintes de perversão.

Vieira morou a maior parte da vida no Brasil. É preciso aclimatar nossos conhecimentos e técnicas a nosso próprio estilo, a nosso próprio sintoma. Por isso, insisto em nomes e pessoas como ele. Essa coisa nossa colonial já ficou nojenta. Podemos até ir lá fora para saber se estão pensando, articulando algo importante no momento, mas ninguém aqui é francês ou inglês. Em não entendendo isto, deixamos de apresentar para o mundo alguma especificidade que pode ser criativa. Pedi que relesem o texto de Vieira por me parecer forte do ponto de vista da tensão e da explicação do que é impor determinado modo de ser e de viver, determinada forma de funcionamento.

Isto não é típico do brasileiro, que gosta de comprar matéria plástica importada, mas vende mal suas próprias coisas por não acreditar que santo de casa possa fazer qualquer milagre (coisa que, aliás, é herança portuguesa). Ficamos, pois, à sombra de uma besteira qualquer. Alain Badiou, supostamente um filósofo francês importante, leu alguma tradução de Fernando Pessoa e chegou a declarar que ele é maior do que Mallarmé. O que é uma obviedade, mas aqui cuidamos de Mallarmé, e não de Fernando Pessoa. Basta observar o tipo de formação acadêmica que há no Brasil, em que se conhece e se faz mais referência aos nomes da literatura francesa, inglesa, e não a nossos autores. Aqui, a história do pensamento, da literatura e da língua portuguesa do Brasil fica no museu, fica empacotada. Ouvimos falar na escola, mas nossas referências são de subordinados, de colonizados. Está na hora de sacudir essas pulgas. Ficamos impressionados, mas se compararmos uma produção brasileira com uma estrangeira considerada maravilhosa, veremos que, às vezes, a nossa é melhor ou tão boa quanto.

Trata-se, então, de chamar a atenção para Vieira que é importantíssimo e foi uma das pessoas que tentou impor nossa presença. Ele era terrível, tem uma obra imensa, toda de primeira qualidade. Temos, também, que lembrar que era o século XVII, que nada havia que estivesse fora da Igreja católica Apostólica Romana. Por isso, temos que ficar traduzindo. Como fazia em relação aos que pensavam, a Igreja não gostou muito de Vieira e jogou-lhe o tribunal da Inquisição em cima. Ele, mesmo sendo jesuíta, realmente tacava o pau na Inquisição, achava-a um absurdo.

• P – *Mas no Sermão da Sexagésima parece não haver razão para a Igreja persegui-lo...*

Se entrarmos no contexto, veremos que é um texto quase satírico, ele está esculhambando em alto nível com todo mundo. Está criticando a baboseira da Igreja, a baboseira da retórica da época, do estilo barroco e, sobretudo, o falso da transmissão. Ele está denunciando que a transmissão do evangelho é falsa – que, aliás, é igual à que “psicanalista” faz.

• P – *Diz ele que “o que há de dizer o pregador não lhe há de sair só*

da boca, (...) mas da cabeça”. Diz também que os discípulos eram melhores pregadores porque pregavam “o seu e não o alheio”. Eles ficavam “refazendo as próprias redes”. E ainda, que o melhor sermão não é aquele que agrada, e sim aquele que os que o ouvem saem “muito descontentes de si”. Por isso, não considera bom aquele que as pessoas saem achando que o pregador foi genial, maravilhoso...

A pessoa quando ouve uma boa pregação sai se achando uma merda, precisando melhorar um pouquinho. Isto é atual e compatível com as posições dos chamados analistas e com nossas posições aqui. Quando denuncio certas ocorrências inadequadas entre nós, é por uma questão estritamente lógica, e não política. Vieira deixa claro que é impossível estar supostamente engajado em certo modo de pensar, de agir, articular, sobreviver até, ganhar a vida com aquilo, e não ser um transmissor. Se não formos transmissores, então é falso. Não é verdade dizer que está engajado e não fazer esforço de imposição. Se não há este esforço, fica provada a falsidade do projeto da pessoa. Se não estou engajado no processo de transmitir, de passar adiante, por que estou engajado? Não existe esta possibilidade lógica. Esta é uma das coisas que Vieira está denunciando, que há algo falso do ponto de vista meramente lógico. E mais, não cabe dizer que não transmitimos porque encontramos muita resistência. Resistência, encontramos a respeito de qualquer coisa, mas se estivermos falando de um ponto de vista – desculpem a palavra horrível, mas não encontro outra – autêntico, passaremos por cima. Isso não para. Não é uma questão de ficar escolhendo e se esforçando por fazer, e sim de que fazemos, *somos* isso. Vieira diz que os pregadores ficam fingindo que são cristãos, mas não são. Temos que refletir sobre isto, pois é uma lógica mínima. Qualquer torcedor analfabeto do time de futebol do Flamengo, fica soltando foguete e gritando “Mengo!” pela rua. Ele é Flamengo assumido.

• P – *Mas isto não pareceria mais uma crença? Não fica distante da articulação de que, no caso da NovaMente, temos apenas uma ferramenta que nos ajuda a pensar e a organizar nosso caos, mas, se houver outra melhor, devemos tomá-la?*

No caso do torcedor, há crença sim, mas, pelo menos, é mais honesto do

que vários exemplos de pessoas nossas que, no percurso do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro até hoje, quando estão no social, não apenas não impõem sua suposta posição como ainda ajudam a ridicularizá-la. Não devemos tomar uma posição na vida da qual nos envergonhamos. Seja qual for sua posição, você não tem o direito de ter vergonha do que escolheu. Se tem, cai fora! Então, se tomarmos uma ferramenta, mesmo que a consideremos apenas uma ferramenta, será sempre um ponto de vista de altíssima reflexão intelectual, de alto nível. Isto porque, se estamos metidos, engajados, usufruindo, inclusive ganhando algo com isto, somos Flamengo, querendo ou não.

• P – *O que está em questão quando isto acontece, de pessoas, no social, serem envergonhadas e mesmo contribuírem para ridicularizar sua própria postura já que, em tese, nada as obriga a lá estarem? Que conflito há aí?*

Perguntei primeiro. Podemos comparar isto com a presença mais ou menos firme de uma cultura inteira, como é o caso do que estou dizendo do Brasil, que não ousa afirmar o que pensa, o que diz, o que sente e fica olhando para os outros para saber como deve fazer. Não pode acreditar que, em seu cotidiano, em seu modo de viver, etc., haja estilos próprios. Além disso, que saiba dizer a outros que vão à merda. É muito importante dizer para outrem que vá cagar regra na mãe dele, pois não queremos pensar assim. Se fosse Adler, diria que é complexo de inferioridade. Então, como se constrói essa subserviência, esse raquitismo intelectual, essa nojeira de qualquer pessoa que aja assim? Vejam que, ao contrário, o lema de Lacan, traduzido em português, era: “Não abra mão de seu tesão!” Como ele era francês disse *désir*, mas quando vamos falar em português do Brasil, o pessoal acha que temos que abrir mão do *Tesão*. Não abro mão e não estou dizendo isto para seguir Lacan, pois meu lema não é esse. O lema de Freud, traduzido para nossa cultura, é: “Eu tenho que ir aonde eu estava!” O que venho dizendo aqui há um tempão no mesmo sentido supostamente ético é que o não-Haver não há e que não adianta abrir mão, pois não se vai conseguir abrir mão do Impossível Absoluto. Impossível é impossível.

• P – *O lema da NovaMente é algo próximo de “o Mundo sou Eu”.*

O encaminhamento que experimento aqui como leitura, convivência, pressão, análise, sua presença e suas intervenções é no sentido de: se há uma experiência bruta e cega causadora do que quer que, para que cada um assuma o que esta experiência lhe causou e que nada no mundo pode lhe dizer o que ele deve ser, ele tem que assumir a partir desta experiência e o que acontecer será imprevisível. É por isso que ele pode constituir a singularidade que é esta experiência para ele, a qual vai se fragmentar e fractalizar numa série de manifestações. É isto que faz com que cada um saiba, cultive, não se envergonhe, procure mostrar, trabalhar a metamorfose do que aquilo foi para ele como acontecimento.

Vejam que isto não é o mesmo que “não abra mão do seu tesão”, embora esteja incluído. Já disse (não que seja impossível abrir mão, mas) que ninguém abre mão de seu tesão. Negocia, faz qualquer coisa...

- P – *A NovaMente é uma ferramenta para agir na cultura e com a cultura...*

As ferramentas de Freud e Lacan também.

- P – *Mas os teoremas freudianos são misturados com a cultura. O próprio Édipo...*

E por que os de Lacan e os meus não seriam? A única coisa que pode estar fora é a *Postura*, mais nada.

- P – *O lema da NovaMente é o encaminhamento para o Cais Absoluto.*

Sim. Freud quis fazer de conta que a psicanálise estava fora. Mas ele está inteiramente dentro da Joça como qualquer um. Não existe a possibilidade do estar fora. Estamos falando até mesmo uma língua.

- P – *Tomar o partido da psicanálise não é para qualquer um.*

O pior desafio é tomar um partido realmente seu. Geralmente, as pessoas tomam facilmente partido daquilo que paga bem. Partido paga bem. A comoção que aconteceu na época do Colégio Freudiano, nos anos 1970-1980 foi o quê? Não venham me falar em cisões por questões teóricas. É mentira,

nem sabiam mesmo o que estavam fazendo lá. Foi apenas a suposição de que puxar a carroça para um terreno novo podia abalar suas estruturas de poder. Ao contrário, foi corajoso o pessoal que tomou o partido de Lacan quando ele estava sendo perseguido pela inquisição da IPA.

• P – *Quando Freud postulou a pulsão de morte, o pessoal tremeu na base.*

Foi uma comoção. Leiam o texto de Wladimir Granoff no livro *Quartier Lacan*, organizado por Alain Didier-Weill, para verem o que é um cagão. Recomendei que lessem esse livro para percebermos que Lacan era gente. Ele era cheio de textos incompreensíveis que as pessoas fingem que compreendem e de quem repetem frases, mas o que vemos no livro é como *era* o cara.

• P – *De maneiras diferentes, todos apontam para uma escuta excepcional da parte dele.*

Isto não se discute, ele era gênio. Acho-o mesmo mais genial como analista do que como teórico. Ele era um buraco, um poço sem fundo, nada tenho a discutir quanto a isto. O que estou dizendo é que ele é gente como todo mundo. Justamente por ser gente e saber pensar, o quanto de burrice da IPA ele jogou no lixo? Acusam Freud de ter comido a cunhada. Se comeu, fez muito bem. Acusam Lacan de ter comido a fulana, a sicrana e a beltrana. Vejam que ele era gente. Há diversos livros com depoimentos de analisandos de Lacan. Neles, vemos a perspectiva que as pessoas tinham do cara e percebemos que ele era gente, batia o pé, fazia merda também... Por exemplo, o tal *passe*. Com um pouquinho mais tempo de vida, acho que Lacan retiraria aquilo.

• P – *Há, então, pessoas que são realmente inibidas quanto a seus próprios tesões, estão sempre rendidas ao outro?*

Este é o sintoma. Agora, sim a pergunta está endereçada para o lugar certo. Que construção sintomática é essa que faz com que a pessoa abra mão de sua presença no mundo?

• P – *Você já denunciou o fato de pessoas fazerem coisas por hábito, de virem aqui, por exemplo, como se fossem sempre à missa e isto não querer lhes dizer muita coisa...*

Se a pessoa veio, quer dizer muita coisa sim. Não adianta vir com essa de dizer, por exemplo, “vou à missa de sétimo dia por uma questão social”. Eu lá não vou, não vou botar minha azeitona na empada deles. É uma questão de posição. Missa de sétimo dia não é uma coisa social.

• P – *Mas pode-se ir não por causa do morto, mas porque uma pessoa muito querida lá está sofrendo por alguém que morreu...*

Não interessa. Se você foi, está compromissado. Se a pessoa é querida, vá à casa dela fazer companhia. Se você botou azeitona na empada do outro, você arregou. Não se dá colher de chá para o inimigo. Já imaginaram Freud indo à sinagoga porque morreu a tia? Duvido que fizesse isto.

• P – *Esse é um dos problemas das declarações de Élisabeth Roudinesco sobre Lacan, que teria dito que queria ser enterrado na Itália com cerimônias cristãs.*

O que é absolutamente coerente. Já disse que ele era cristão e católico, não saiu dessa. Freud era mais próprio. Você não pode fazer determinadas coisas que invalidem suas posições. Não sou uma pessoa qualquer para dizerem que fui visto em missa de sétimo dia. É uma vergonha, me desmoraliza. E não se trata de uma questão de coerência, se não, seremos intelectualistas ou racionalistas. É, sim, uma questão de guerra, uma questão polêmica: não vou botar azeitona na empada do adversário.

47

- P – *Você colocou da outra vez uma distinção entre diversão e perversão que implica novas considerações sobre certas arrumações conceituais suas anteriores.*

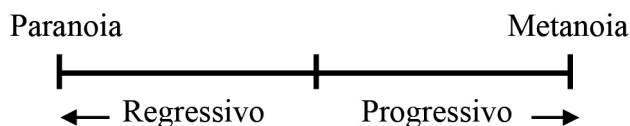
Já falei sobre isto há tempo, mas ficou o mau hábito meu e talvez de outros de falar em perversão e perversidade. Perversão não existe, a não ser a que aponte. Freud fez a bobagem de seguir vários autores de sua época e falar em perversão polimorfa. Deveria ter dito *sexualidade polimorfa*, e não ceder à ordem jurídica e policial. **Não existe perversão sexual.** Perversão não é sexual. Existe o perverso que, este sim, entre outras coisas, mete sua perversão em suas práticas sexuais. *Perverso* é o chamado filho-da-puta propriamente dito: ele quer impor a qualquer um seu modo de ver, é *totalitário*. Cada um que faça o que lhe der na telha com sua sexualidade. Se for sem fazer mal a ninguém, está se divertindo. O que temos a ver com isso? Seria preciso dizer qual é o verso, o certo, para alguém poder não ser diverso. Qual é o certo? **Dizer qual é o certo é perversão.**

- P – *Deleuze diz que o sadismo é da ordem do Estado.*

E Max Weber deixou claro que perversão é a burocracia. Para mim, a definição da **perversão** é: **vontade de totalização**. Se alguém não está impondo nada a ninguém, nem usando de poderes ou vontades para dizer ao outro como ele tem que ou deve ser – Kant, portanto, como está no texto *Kant com Sade*, de Lacan –, ele nada tem de perverso. O sintagma ‘perversão sexual’ nasceu de um momento em que havia uns perversos no poder querendo dizer o que é certo e o que é errado na sexualidade. Esta nossa espécie não tem isso. Então, o possível é a diversão sexual.

- P – *Do ponto de vista da Patemática, há diversões em qualquer dos vetores progressivo, estacionário e regressivo. Entretanto, a vontade de totalização ajudaria a configurar mais o vetor progressivo? E o regressivo?*

Inúmeros textos de psicanalistas confundem o que chamam de perversão com psicose, sobretudo a paranoica. Nada tem a ver uma coisa com a outra e eles se perdem por falta de teoria adequada. Onde eles se perdem? Gostei do esqueminha que fiz, a partir das ideias de Christopher Badcock:



Se pudéssemos andar ali pelo meio, poderíamos ser “felizes”... Acontece que os dois vetores estão em oposição. O Morfótico Regressivo está para a Paranoia, o Morfótico Progressivo para a Metanoia e aquela corja chamada Morfóticos Estacionários não sabe a quem servir, qual dos dois vai ser, a qual dos dois vai obedecer. Eles gostam de obedecer e aí está a resposta para a questão anterior de por que as pessoas são covardes. Geralmente, obedecem aos dois, ao que inventa e ao que aproveita. Ou seja, o Regressivo inventa a religião, por exemplo, o Progressivo se aproveita, faz uma igrejinha, e os Estacionários ficam perdidos no meio. Freud deixou claro que, se tivéssemos um pouco de cura, como não podemos saltar fora, passearíamos pelas duas, paranoia e metanoia.

Temos, então, do lado da Morfose Regressiva, um HiperRecalque, e, do lado da Morfose Progressiva, uma fundação mórfica insistente. São coisas radicalmente diferentes, é esta ferramenta que o pessoal não tem para entender. Não dá para entender isto falando em Nome do Pai, por exemplo. É preciso dizer *Recalque* para entender a região parana, a região psicótica, como se chamava antigamente. Um HiperRecalque é tão hipostasiado que parece que é da ordem do Primário – e é isto que funda uma psicose, uma Morfose Regressiva. O outro lado nada tem a ver com isto, ele é da ordem da fundação mórfica. O caso do chamado perverso é o de impor sua diversão como se fosse universal. Todos têm suas fundações mórficas, o que fará com elas é outra história: ficará recalçada, ficará assim ou assado... O tal perverso quer universalizar sua própria fundação mórfica: “O certo para o outro sou

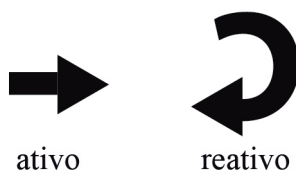
eu”. Sade é o cientista que descreve como é isso. Lacan, brilhantemente, depois de ser quase kantiano, se dá conta disto e então faz o texto *Kant com Sade*. Ele escreve este texto porque estava caindo lá. Fez aquele texto e caiu fora. O cerne da perversão é querer transformar alguma preferência minha em *universal*. Toda vez que garantimos que algo é universal, isto é perversão. Não posso construir uma teoria sem colocar alguns elementos como base, posso até supor que sejam bem frequentes e talvez sirvam como indicadores de alta frequência, mas quando pensamos em termos de universal, é uma perversão, pois o universal totaliza. Logicamente, todo universal é totalizante. Por isso, o próprio Freud dizia que os homens eram perversos. É a fórmula de Lacan: $\forall x \Phi x$.

• P – A consistência é perversa?

Sim, mas podemos construir uma consistência como mera ferramenta, mero expediente. Aí, estaremos usando um desenho de consistência. Outra coisa, é apoiar e impor a consistência – isto é o que faz o perverso.

• P – Na seção intitulada S/M: Revirão de seu Seminário de 1996, “Psychopathia Sexualis”, junto com a proposição de Freud de um masoquismo originário, você traz a indiscernibilidade de um sadismo originário. Isto porque, na alucinação de uma destruição colocada como a causa do movimento, ou seja, o não-Haver, o mesmíssimo movimento catóptrico vira esse masoquismo originário em sadismo originário. Entre outras coisas, você está aí dialogando com a tese de Deleuze sobre a disjunção de sadismo e masoquismo...

Tenho a impressão de que Deleuze está falando de modos de operação. Ele quer apresentar duas coisas como disjuntas quando são dois modos de operação diferentes. Foi o que mostrei, em 2003, na Patemática com as duas setas:



O ativo é quando a pessoa “parte de seu próprio movimento no sentido de outrem, de querer agir sobre outra IdioFormação”. O reativo “é o mesmo movimento – e não pensem que é passivo –, só que age sobre outra formação para que esta devolva a reação a seu movimento” (*Ars Gaudendi*, p. 80). É isto que não está entendido em Deleuze. O que importa é que são *diversão*. Só é perversão quando é imposição, não sendo imposição, não é. Sempre há uma combinaçãozinha porque o outro está afim. Se não estiver afim e eu chamar a força, aí será perversão.

• P – *O sádico, quando encontra um masoquista que gosta de seu sadismo, perde a graça?*

Quem perde a graça é o perverso, e não o sádico. O perverso quer impor à revelia do outro. Nenhum sadismo é perversão. É possível o religioso perverso, o casamento perverso, etc., mas por que colocar na sexualidade? O sádico gosta de brincar no limite de forçação de dor, de alguma coisa, mas é só brincadeira. Se passar o limite da brincadeira, é perversão. Por isso, coloquei sadismo e masoquismo nas Morfozes Progressivas. Observem que cada um se diverte em cima de suas progressões. A Morfoze Progressiva tem vários níveis e o que é perversão dentro dela é isto ligado à imposição, à totalização. Toda vez que nos apoiamos em cima de uma fundação mórfica e a levamos adiante, somos Morfóticos Progressivos. Há que tirar a perversão desse contexto, pois ela não é sexual, e sim totalizante. Quando alguém totaliza com qualquer coisa, é perverso, mas quando alguém é progressivo, é só progressivo. O melhor, como mostrou Freud, é ser um pouco Progressivo, um pouco Estacionário, um pouco Regressivo e ir levando.

Perverso é alguém tomar uma fundação mórfica – dizendo em termos lacanianos e freudianos, tomar a sua fantasia – e a impor como a verdade ao mundo. Quando isto é feito do lado do Regressivo, do lado do da psicose, está-se impondo ao mundo o seu HiperRecalque. É completamente diferente do Progressivo, pois ninguém goza no HiperRecalque. Nele, os movimentos são aprisionados, inclusive os da própria pessoa. É o que acontece, por

exemplo, na fundação de uma religião: toma-se um HiperRecalque, ele fica fixo e tudo se organiza com este paradigma. Aí, aparecem os perversos que veem que o Regressivo já inventou e universalizou, e aproveitam isso para fazer uma igreja. Os perversos usam-na como fundação mórfica, não a sua, mas aquela que foi fundada pelo outro. Eles usam o HiperRecalque da religião como fundação mórfica para tomar poder e bens sobre os outros. **Toda religião é psicótica, toda igreja é perversa.** Eles usam o HiperRecalque inventado pela religião como uma fundação mórfica dentro do social. O pessoal da Inquisição se aproveitou da psicose chamada cristianismo e da perversão chamada Igreja Católica e enfiaram seu sadismo. Vejam o que aconteceu no Brasil quando aqueles macacos saíram daquela floresta deles e tomaram o poder em 1964. Aproveitaram-se da situação para, falando em pátria, etc., trucidar os outros, para ter o prazer de torturar. É o perversinho que alugou a outra perversãozona para gozar. Este raciocínio é fundamental e me parece que não esteja desenvolvido em mais nenhum lugar.

48

Lacan chamava a presença da psicanálise de *epidemia*. Se esta espécie sofreu um traumatismo de alguma ordem de tal maneira que o cérebro começou a revirar espontânea e evolutivamente, como revira? Qual é o Revirão de base? É que as competências, que existiam no Primário, começam a ser produzidas, as mesmas competências, no nível secundário. Entendam como o Primário funciona e traduzam isto para o Secundário – é assim que começa. Não é que vá ficar assim, mas é assim que começa até chegar a um nível de abstração enorme. De começo, então, acho que uma antropologia séria que pesquisasse

o pessoal primitivo veria que o que estão imitando no Secundário é o Primário. É o primeiro passo, o passo de fazer a reprodução no Secundário. Ora, como é reprodução no Secundário, é completamente diferente do Primário, mas é imitação: certa *mimese* no Secundário daquilo que acontece no Primário. Não tem como não ser. É imitação, mesmo de animais, de funcionamento do próprio corpo... Observem, por exemplo, que existem as coisas que Jung inventou com toda sua loucura: os arquétipos, etc. O errado é ele pensar que é aquilo que organiza as coisas. Como viveríamos sem arquetipizar num planeta do tipo do nosso, com o corpo que temos, com o sol nascendo todo dia e a lua à noite? Não tem como. O que ele chama de arquétipo é a sintomática do seu lugar se repetindo. E como algumas coisas começam a se repetir por produção secundária, na ordem da cultura, ele também chama de arquétipo. Mas é repetição sintomática. Não chamavam essas coisas de sintoma, quem está chamando sou eu. É, pois, repetição sintomática de Primário e de Secundário.

O que a análise tenta fazer – e tem feito mal, a meu ver – desde que nasceu? Tomar esses construtos todos e abstrair. Freud quando saca certas tramas no advento da independência, digamos assim, da pessoa, saca em sua época, em seu judaísmo, em sua história. Toma, então, o *Édipo* e coloca como exemplo. Naquele momento, é uma abstração, mas agora chega. O Édipo descreve mal o fenômeno, pois uma vez que se contou aquela anedota, as pessoas pensam que é papai, mamãe para sempre. Não é. É, sim, *Quebra de Simetria* entre algo que pega para cá e algo que pega para lá. Pode até ser, e muitas vezes é mesmo, aquela estorinha, mas há que abstrair. O que é esse troço que Freud chamou de Édipo? Lacan ficou envergonhado dessa história e inventou o Nome do Pai, mas, ao apelidar a coisa assim, já estragou cinquenta por cento da ideia. De novo, as pessoas ficam pensando que é o Pai. Não é. Lacan é claro: trata-se do “significante que, no campo do Outro, no campo do simbólico, é o significante do Outro enquanto lugar da Lei”. É apenas isto, o que é mais abstrato do que Nome do Pai. Ou seja, no campo secundário tem que acontecer de apontarmos algo, alguma construção que indica a Quebra de Simetria por imposição até mesmo do Real. Eu mesmo fui botar o apelido de

Amãe, Opai, Ofilho para os Impérios da cultura, o que já estragou cinquenta por cento. Mas é verdade, porque o bicho metaforiza primeiro assim. Freud tem certa razão ao dizer que a filogênese se repete na ontogênese, pois os esquemas são estes.

• P – *A transferência implica os três registros de sua Tópica do Recalque – Primário, Secundário e Originário – e uma crítica que você faz ao encaminhamento da psicanálise nos anos 1960-1970 é que o Secundário parece que tomou conta de todo o processo, a ênfase foi nele.*

O estruturalismo, por causa de sua origem linguística, começou a pensar que tudo era na ordem do simbólico, que isto resolveria tudo. O primeiro Lacan é absolutamente idiota do ponto de vista do Secundário, mas ele começa a mudar em seu seminário *Encore* e no texto *L'Étourdit*. Ali, introduz outras variáveis que não estritamente o Secundário. *Encore* soa também como *un corps* – coisa que minha tradução estrofia um pouco.

• P – *Você começa sua leitura de Lacan pelos Écrits?*

Li os *Écrits* em 1968/1969 e fiquei entusiasmado. Não sabia quem era Lacan, não fazia ideia. Isto até com retardo, pois naquela época ele já estava careca de existir. As vias que me empurraram para Lacan não são da psicanálise, embora já a conhecesse e já tivesse lido muitos dos autores. O que me fez adotar Lacan foram os artistas surrealistas, os escritores da retomada da linguagem como Joyce, Guimarães Rosa, pois vi que era contemporâneo e emulador dessa gente. Foi a *topologia* também, que já conhecia e nunca tinha visto aplicada a essa área. Esse campo de saberes é que me fez aproximar do texto de Lacan. Foi, portanto, certo panorama cultural que reconheci ali. A partir de *Encore*, pelo menos, ele introduz outros registros além de ficar só no Secundário, só na linguística. Sua topologia não é de abstração, é de pegar o nó com a mão, é corporal, é incorporada. E isto é completamente diferente do Lacan estruturalista da linguagem.

O que mais percebo em minha experiência institucional é o sintoma do colonizado, do escravo do saber dos outros, da covardia diante da imposição externa. Isto, aliás, está no país inteiro, onde vemos certos lugares

funcionarem só porque são colonizados para valer – e estão querendo ser. A explosão do velho Colégio Freudiano ocorreu quando comecei a dizer que existo – há mesmo um Seminário em que digo que não me chamo Jacques Lacan –, que não vou ficar paralisado, que Lacan já pensou, já morreu e o lacanismo praticamente morreu junto. Aliás, só deu para perceber isto no final do século XX, quando estava na cara para os pensadores do mundo inteiro que aquilo ou continuava a ser produzido ou já acabara. Mais ou menos um pouco antes, por volta de 1985/1986, comecei a pensar por minha conta, perguntando sobre como estava o mundo e sobre o que fazer então uma vez que aquilo já era. Minha questão não era para os outros, eu estava interessado em saber o que fazer com *minha* vida. Como sabem, **não estou pregando para ninguém, e sim disponibilizando para quem quiser**, o que é bem diferente. Imediatamente após eu começar a falar de outra maneira, começou a explosão, tudo começou a pipocar ao meu redor. Tudo isso está gravado, documentado, vocês podem verificar. Se não repetimos o catecismo, o povo não nos reconhece.

Várias pessoas até ficaram do meu lado, por uma questão transferencial ou outra coisa que não sei explicar, mas, na verdade, acompanhar mesmo o processo, é bem pouco. Além do mais, alguns têm vergonha de andar comigo, pois sou aquele menino mal educado que pode mijar na sala. Num país que tem cultura suficiente para defender ou impor uma causa, se estivermos participando de uma causa, isto será suficiente para direcionar os contatos sociais. No livro que lhes indiquei, *Quartier Lacan*, organizado por Alain Didier-Weill, lemos diversas vezes algo que é notório na França e que conheci de perto. Alguns dos autores do livro, em seus depoimentos, dizem que foi uma pena a ruptura que tiveram que fazer para apoiar Lacan porque havia umas pessoas de que gostavam, mas tiveram que romper com elas porque era uma coisa ou outra. Como o Brasil não tem muita cultura e aqui não se tem muita vergonha na cara, não acontece o mesmo. É o que eu dizia outro dia sobre missa de sétimo dia. Não é possível estarmos num projeto, labutando por uma causa e ficarmos colocando azeitona na empada do outro nem que seja socialmente, pois enfraquece o projeto. Qualquer pessoa comum pode fazer isto, mas quem está engajado não pode porque os outros tomam como sendo tudo a

mesma coisa. Temos que significar o tempo todo ou, se não, cair fora. Agir de outro modo é incompatível com a significação que estamos pondo no mundo. Brasileiro é assim, colonizado e sem noção. Isto que digo não é moralismo, e sim uma questão técnica, estratégica e tática.

Brasileiro já não suporta a ideia de que uma pessoa aqui dentro fale alguma coisa, ele quer saber se lá fora disseram se é ou se não é. Se não vier o aval de lá, não é. Vi aqueles que pensaram aqui dentro, com os quais tive alguma aproximação, serem massacrados desse modo. Um Villa-Lobos, por exemplo, sobreviveu por causa da ditadura do Getúlio que lhe deu apoio. Ele, se não fosse ao Maracanã apoiar os projetos de Getúlio, estaria ferrado porque o pessoal à sua volta só o derrubava. Frequentei a Escola Nacional de Música quando ainda era proibido falar seu nome lá dentro, mesmo ele já sendo famoso no mundo inteiro. Com Guimarães Rosa foi a mesma coisa. Eu era jovem e tive briga com professores de literatura da escola onde eu lecionava porque eles o esculhambavam com os alunos, só porque Rosa era bom e novo. Agora temos aí um ministro fazendo pose de Anísio Teixeira, mas Anísio era 1930 e foi massacrado. Getúlio mesmo o colocou para fora porque ele não topou fazer o que fizeram Villa-Lobos, Portinari, Santa Rosa, Carlos Drummond de Andrade, essa turminha capanementista, os capanêmicos. Foi Gustavo Capanema, ministro da educação e cultura na época, que, em apoio à ditadura, promoveu essa gente que citei aí. Então, o Brasil compareceu um pouco lá fora por essa via da dominação impositiva do Estado. E foi um prejuízo tal que Carlos Drummond de Andrade é considerado o grande poeta brasileiro... É engraçadinho, bonitinho, até gosto dele, mas o maior poeta do Brasil? Contemporâneo dele tinha coisa muito melhor.

49

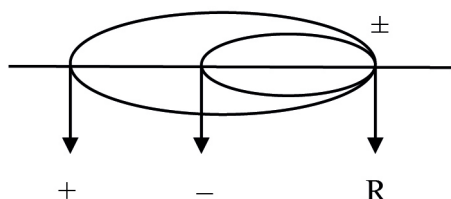
A noção lacaniana de *mais um* não existe, é besteira. Gênio também fala bobagem. O tal *mais um* é nomeado para ficar meio afastado do grupo e o considerando, mas não é necessariamente o que acontece. Lacan estava enrascado nesse momento e tentou inventar um aparelho compatível com algumas coisas de seu pensamento, mas é um aparelho da pior qualidade, com o qual não concordo. Ele tem a ideia de *passe*, por exemplo, que é tentativa de dominação, a qual não funciona em instituição psicanalítica. Não é, aliás, muito diferente da estrutura da IPA, que é acadêmica. Como sabem, sou contra. O *mais um* é herdeiro do regime da *falta*, do estruturalismo, é herdeiro da ideia estruturalista de um lugar vazio. Não há isto em nosso raciocínio sobre os Grupos de Formação como um dos quatro dispositivos da Formação do Analista. Trata-se aí de deixar solto e, se emergir função analista, emergirá por sua conta, não está marcada ou determinada – e ninguém está correndo atrás de falta alguma. É o *excessivo* que, eventualmente, fará a função aparecer, e ela não é de ninguém. Ninguém é dono da função: ela *pode* aparecer, não *deve* nem *tem* que aparecer. E, mesmo assim, aparece. Acho que, na prática de vocês, já notaram que, de vez em quando, ela surge, independentemente de quem esteja falando, pode ser o mais brilhante ou o mais tolo.

• P – Na entrevista com Maud Mannoni, no livro Quartier Lacan, diz ela que “a subversão não é nem um pouco a vontade consciente, é uma maneira de ser interpelado por acontecimentos” (p. 168).

Mannoni é brilhante, gosto muito dela. Achei que vocês podiam ler este livro, que está bem feitinho. Há vários depoimentos e notamos que Lacan era uma pessoa da melhor qualidade – completamente pirado. Isto que a gente chama de Gênio. Entre os lacanianos, ele é apenas um mito.

50

Quero mostrar um raciocínio por causa de perguntas que me fazem sobre a **Morfose Estacionária**. Como já notaram, sou sintomaticamente repetitivo com a maquininha do Revirão. Ela é tão potente que não precisamos ficar como Lacan – que se perdeu inventando mil diabruras topológicas. Com esta maquininha fazemos quase tudo. É o mesmo que termos um canivete no bolso: serve para muita coisa, até para matar. Como alguns se confundem com certos raciocínios, acho que esclarecer com esta maquininha fica bem fácil de entender.



As duas Morfofes Estacionárias de base são as que antigamente eram chamadas de histeria e neurose obsessiva. São nomes que estão completamente gagás. Chamo-as de Morfose Estacionária, para mais ou para menos, negativo ou positivo, para mostrar que há certo tipo de oposição entre as duas possibilidades. E mais, que não se está aprisionado numa só. Frequentemente, a pessoa tem peso mais para um lado ou para outro, mas encontramos traços positivos no negativo e traços negativos na pessoa que está se apresentando positivamente. Não se deve pensar que fulano é histérico, é obsessivo, pois isso revira. O fato de alguém estar muito aprisionado de um lado significa que sua Morfose Estacionária é forte, está muito configurada para aquele lado, mas, ao mexermos ali, vemos que, às vezes, estava muito histérico numa sessão e, noutra, voltou obsessivo porque foi futucado.

Observem, então, que os raciocínios são sutis, mas precisos e necessários. Para não nos perdermos completamente do passado, continuarei um

pouco a ainda chamar de obsessivo e histérica.

Freud resolveu que uma neurose é efeito de recalque e que os comportamentos neuróticos são resultado do retorno do recalcado. Se pensarmos sem decorar suas frases, não parece esquisito este raciocínio? Que é um recalque que produz uma estrutura neurótica e o comportamento neurótico se dá por retorno do recalcado? Aqueles não acostumados a lidar com psicanálise se perguntam: se é efeito do recalque, como o retorno do recalcado funciona sintomaticamente? Não deveria funcionar liberando? Mas retorno do recalcado não é o mesmo que Juízo Foraclusivo. Por isso, coloquei a questão do Juízo Foraclusivo. Uma coisa é não se ter um lado recalcado e, sim, ter um lado suspenso, reprimido mesmo – vamos fazer esta diferença entre recalque e repressão. O recalque não vem à tona a não ser como retorno do recalcado, ou, se não, mediante análise, deixa de ser recalque e passa a fazer parte do comportamento e do discurso. Então, se é recalque, ele retorna como retorno do recalcado, e não como expressão de uma oposição. No Juízo Foraclusivo, podemos fazer a foraclusão de um lado por nossa determinação. Assim fazendo, não estaremos perdendo a possibilidade de trazê-lo de novo e nem ele vai voltar por retorno do recalcado, pois é Juízo Foraclusivo e não está recalcado.

Mediante o recalque de quê uma histérica e um obsessivo ficam paralisados em algum ponto? (São paralíticos, como sabemos – por isso, chamei de Morfose Estacionária). Mediante o recalque de um dos lados da oposição (+/–). A paralisia é, portanto, a falta de acesso direto a uma disponibilidade, a qual só retorna não como *disponibilidade*, mas como sintoma. No Juízo Foraclusivo, tem isso (+) e tem o oposto (–), tira-se esse (–), pois não é para funcionar agora, mas, depois, poderá retornar como algo disponível. Ou seja, o (–) foi foracluído, (isto é, posto para fora provisoriamente) mas há momentos em que seria até bom que retornasse. Entretanto, o mais frequente é ele retornar porque está recalcado, porque há um conjunto de forças o seguindo: só retorna como sintoma, e não como expressão. Como sabem, no que se recalca um dos lados, está-se, no mesmo movimento, recalcando a possibilidade de reviramento. Por isso, repito, chamo de Morfose Estacionária.

O importante a ser entendido é que o Inconsciente funciona no ponto marcado R, de Real (\pm), no desenho acima, e não nos alelos (+/-). Já chamei atenção para isto, até dizendo que era possível chamar o R de *q-bits*, e de *bits* os alelos. O Inconsciente é rico e disponível, funciona plenamente. Se quisermos suspender determinadas funções, é possível fazê-lo por Juízo Forclusivo: está no momento disto (+) e não daquilo (-), tira-se, pois, o (-), mas ele não está recalcado, foi apenas foracluído de nossa ação contemporânea. É o que o neurótico não consegue fazer. Para ele poder ser educado, por exemplo, para conviver em sociedade, toma porrada e recalca. Isto é o que a educação costuma fazer: não ensina a usar a disponibilidade, e sim a cada um tornar-se galinha de uma asa só. A chamada pedagogia é transformar as pessoas em galinhas de asa cortada para funcionarem segundo o regime de tal cultura. Por isso, toda a educação é ruim – e, efetivamente, não existe uma *Pedagogia Freudiana* que possa tentar desde cedo fazer a criança aprender que pode funcionar no regime da escolha, e não do recalque. Há que pensar mais sobre isto, mas a educação conhecida é produtora de neura, e cada pessoa em especial produz suas neuras privadas, etc.

O que acontece, então, com os dois tipos estacionários de que estamos falando, a histérica e o obsessivo? Neles, qualquer coisa que seja invocada como existente, como possível, é invocada em (\pm), e não em (+/-). Qualquer pessoa que invoca o Inconsciente – Lacan diria “o que se pede ao Outro” –, invoca no regime (\pm), para o bem e/ou para o mal. O Inconsciente é nietzscheano, é “*paralém de mal e bem*”. Para ele, são funções, o que vai cercear é cá embaixo, é na guerra do mundo, em (+/-). Uma pessoa que não seja efetivamente neurótica, isto é, que não tenha uma Morfose Estacionária braba, é capaz de, no que a coisa é invocada, escolher o lado que pode ser posto em exercício de acordo com o contexto e com a situação. O problema do neurótico é não conseguir fazer isto porque um lado – o (-), por exemplo – está recalcado e só ao (+) é permitido comparecer: as forças recalcentes não deixam o outro lado falar. Então, quando ele invoca, invoca como qualquer um, em (\pm), mas ele não pode fazer escolha entre (+) e (-), pois o outro lado só vai comparecer como retorno do recalcado. Vejam, então, uma maneira

clara de distinguir histeria de obsessão. A “histérica”, ao invocar algo, invocará normalmente do Inconsciente, mas, como tem que fazer uma operação de corte qualquer, que é escolha, ela não consegue fazer esta operação. E, além de não conseguir porque o outro lado está recalcado, o recalcado fica retornando. É uma situação insustentável, pois ela quer em (+/-) ter o lado recalcado – o (-), por exemplo – por retorno do recalcado. Se não fosse recalcado, ela veria que a situação, no caso, não é em (+), e sim em (-). Ela só consegue ir por (+) e o (-) fica voltando querendo fazer o quê? *Os dois ao mesmo tempo*. Ela quer que o mundo macro (+/-) funcione como o Inconsciente (\pm). Ela quer e não quer, pode e não pode, quer viajar e não pode entrar no avião, quando tem que escolher: ou viaja e entra no avião, ou não viaja e não entra no avião. O pensamento da histérica é, portanto, cruzado para sustentar as duas coisas ao mesmo tempo num mundo onde isto não é possível, onde a todo momento temos que fazer juízos. A histérica quer tudo ao mesmo tempo. Por isso, dizem que ela não tem limites. Como quer tudo ao mesmo tempo, esta é a aparência de falta de limites.

O que o “obsessivo” faz? O mesmo que a histérica, invoca em (\pm), no entanto, como o retorno do recalcado apresenta também o outro lado, ao invés de querer os dois ao mesmo tempo como a histérica, fica pulando entre um e outro, fica de pingue / pongue para lá e para cá e não toma decisão alguma. Ou seja, os dois não *escolhem* coisa alguma. Só escolhem no tapa, pois não são capazes de fazer um ajuizamento mais ou menos rápido – já que a vida não vai parar para resolverem daqui a cinquenta anos – e arriscarem uma via. A histérica resolve ir por aqui, mas por ali também... O obsessivo resolve ir por aqui, não, por ali, não, por aqui, não, por ali... E os dois ficam paralisados. Morfose Estacionária é isto: os dois não tomam decisão sobre nada.

• P – *Dá a impressão de que a histérica é mais animadinha...*

Porque ela faz onda para fora e o obsessivo para dentro, mas é a mesma onda. O obsessivo fica num movimento extremo, mas não vemos. É a velha piada do obsessivo no jôquei clube que tinha apostado alto em certo cavalo. A histérica, do seu lado, gritava desesperada porque o cavalo estava perdendo e ele só olhava. Diz ela, então: “O cavalo perde e você fica aí impas-

sível!” É quando ele tira a mão do bolso furado cheia de pentelhos que ele, quieto, arrancara compulsivamente.

Vejam, então, que, nos dois casos, invoca-se da mesma maneira que todo mundo faz, em (\pm). No caso da Morfose Estacionária positiva, o da histérica, ela requisita o que lá invocou e quando chega cá embaixo, no mundo (+/-), tem que tomar uma opção, uma escolha. Por que não pode tomar? Por não ter a disponibilidade, só ter retorno do recalcado e, no retorno do recalcado, mesmo que ela veja para um lado, o outro fica entrando. E ela supõe resolver o problema fazendo o mundo funcionar como o Inconsciente. Então, o que chamavam de histeria é querer no mundo, que é partido, seccionado, funcionar *como* o Inconsciente. No obsessivo, é o mesmo, mas, em vez de querer tudo junto, fica saltando de um lado para outro achando que, assim, está nos dois lugares ao mesmo tempo. Se imprimir uma grande velocidade, quem sabe?... Nenhum dos dois quer conviver com o fato de que, no mundo macro, há escolha, há o que Freud chamava de castração: só levamos metade e damos graçasadeus, se não, não levamos nada. Freud chamava de castração à possibilidade de nos reconciliarmos com o fato de que, no mundo macro, tudo é binário, *bit*, não há possibilidade de instalarmos *q-bits*. A única possibilidade é mudarmos de opinião. Repetindo, os dois, obsessivo e histérica, são paralisados. Até conseguem fazer coisas: um, na base da expressividade histérica, e sempre pelo meio, malfeito, sem render o que podia; o obsessivo também faz, faz até se esgotar... e não dizer coisa alguma. É um horror, a Morfose Estacionária é quase tão improdutiva quanto a Morfose Regressiva. De algo que pode ter uma grandeza, o obsessivo faz um cocozinho, ele não dá uma grande cagada. Por isso, Freud dizia que isso era anal, era aquele cuzinho. A outra, por sua vez, acha que vai resolver constipação com diarreia.

• P – *A histérica não quer derrubar o analista?*

Lacan disse melhor, que a histérica procura um mestre para reinar sobre ele. Isto porque, nesse movimento de não aceitar limites, quer mandar em tudo de um jeito agressivo e dominante. O obsessivo, este, finge que é escravo do senhor para destruí-lo.

- P – *Em ambos, o que há é recusa da Quebra de Simetria?*

Sim, querem *tudo*. São duas maneiras: uma quer tudo junto, e o outro fica para lá e para cá para ficar com os dois. Ambos querem, *por recalque*, recompor o que está partido. Isto porque, se não tem recalque, sabe-se que está partido e faz-se a escolha. O lado de cima é inteiro, mas aqui embaixo não dá. Como não sou onipotente, qual o melhor caminho para escolher agora? Escolhe-se um e abandona-se o outro, ainda que provisoriamente. Lembrem-se de que, no Inconsciente, não existe amor e ódio. Existe *um sentimento* que pode ser positivado ou negativado. Nietzsche pensou isto antes de Freud e de todos, mas não sabia dizer em nível de estrutura de Inconsciente. Ao falar em “para além de mal e bem” está falando que pensamos no nível das articulações do Inconsciente. Não é bem ou mal, pois depende. É bem para quem? Mal para quem? Com que escolha?

- P – *Invocar é “chamar algo”. Então, se alguém está em análise, esta invocação já não seria sair um pouco da neurose?*

Quem dera! Todos se curariam de hoje para amanhã. Quando você invoca um sentimento, você sabe para que lado será? Por exemplo, numa relação analítica, em transferência, por que tanto ódio do analista se ele foi invocado na base do amor? Este é um problema sério na análise, é a transferência negativa.

- P – *Dentro do raciocínio que você está apresentando, pode-se pensar a estratégia de intervenção analítica como suspensão de recalque? Se o recalque está retornando, o analista teria que não suspendê-lo.*

Há, sim, que suspender o recalque e deixar disponível o que está recalcado. Lembrem-se de que comecei a fala hoje dizendo que o raciocínio é sutil. Isto porque retorno do recalcado não é disponibilidade, é sintoma: o recalcado retorna como sintoma, e não como disponibilidade. O analista tenta suspender o recalque para ele retornar como possibilidade. Portanto, se é uma possibilidade que temos, não é preciso histeria ou obsessão. Frequentemente se pensa que retorno do recalcado é uma coisa boa, mas não é. Repito, retorno do recalcado é sintomático. Há que suspender o recalque para ver que é simplesmente uma *possibilidade*.

• P – *O sentimento de estranheza viria do retorno do recalçado justo porque ele também não disponibiliza nada?*

Não necessariamente. O famoso *Unheimliche*, de Freud, é quando se considera do ponto de vista do Inconsciente e se nota como o Inconsciente é estranho ou como o mundo é estranho, pois, a partir disto, dá um sentimento de estranheza. O Inconsciente é estranho ou porque não partiu – tanto é que Freud toma a palavra *Unheimliche*, que quer dizer ao mesmo tempo familiar e não-familiar, e o sentimento de estranho surge quando estas duas coisas se apresentam na ambiguidade dos dois modos –, ou porque consideramos o que é partido com estranheza ao perguntarmos: Cadê o outro lado? Retorno do recalçado não é Juízo Foraclusivo. Este, é quando temos disponibilidade de escolher. É o que Nietzsche dizia dos grandes homens, que eles podem te dar um beijo ou uma facada. Há que estar disponível.

• P – *Então, quando funcionamos no Juízo Foraclusivo, não temos estranhamento?*

Nenhum estranhamento. Mas quando, distraidamente, nos pegamos na ambiguidade, achamos esquisito. E não porque não escolhemos, e sim porque estamos diante da realidade. Por exemplo, não é estranho que não possamos passar através parede se no sonho passamos?

• P – *Estranhamento é o jogo entre o binário e o bífido?*

Sim. É uma questão puramente lógica.

• P – *Pode-se invocar o estranhamento?*

Não se invoca o estranhamento, pois ele é um *acontecimento*. Isto não é invocar, e sim esbarrar. Invocar é quando, por exemplo, no computador, chamamos um programa. Estranhamento é quando repentinamente esbarramos com essa questão que foi colocada, entre o bífido e o binário. Aí, temos que nos recompor porque fica estranho.

• P – *O retorno do recalçado é da ordem de uma reatividade?*

Desde Freud, é da ordem do sintoma. Achamos esquisito por funcionarmos o dia inteiro na base do sintoma. É difícil nos disponibilizarmos e

parar de funcionar assim porque, mesmo ao fazer escolhas, há o vício de, em vez de escolhas, fazermos recalque. As pessoas não têm o hábito de passar o dia aceitando disponibilidades e fazendo escolhas. Têm, sim, o vício pedagógico, familiar, religioso, etc., de considerar tudo enquanto *pode* ou *não-pode*, enquanto *permissão* no nível do recalque. Isto, em vez de considerarem se este *serve* e outro *não serve* para agora. Temos o péssimo hábito de, o tempo todo, funcionar tomando o que não escolhemos como da ordem do mal, ou seja, como recalcado, como recalável. Por isso, a sociedade é essa merda em que vivemos.

• P – *Como Lacan pensa um percurso de análise com uma saída para além do retorno do recalcado? Você está dizendo que retorno do recalcado não é cura...*

Lacan tem um cara chamado o Outro, que se pode invocar em sua disponibilidade infinita.

• P – *Mas o Outro não existe.*

Como não existe?! Basta lembrar do português de Guimarães Rosa, que chama alguém de “hipotrérico” e este lhe responde que essa palavra não existe. Ao que ele retruca: “Como não existe, se a estou a *dizeire*?” Então, como não existe o Outro se Lacan disse? É preciso parar com essa coisa de senso comum idiota de achar que existência tem a ver com havência no Primário ou no Espontâneo.

• P – *Por isso, você disse que existe o Outro do Outro.*

É o não-Haver, que é invocado e comparece como não havendo. Lacan recorria à ideia de Outro e à sua disponibilidade para além do recalque.

• P – *É o que estava em jogo no passe, que, segundo Didier-Weill, “era o modo de transmissão sem recalque, cujo modelo podia ser o do chiste”.*

Foi a suposição que Lacan fez. Uma suposição pobre porque, na hora de funcionar, era na base do poder instituído. Aliás, nunca se conseguiu fazer funcionar, mas ainda permanece o ritual. Lacanianos imbecis do Brasil mantém essa ideia como um ritualzinho institucional, igual a qualquer passe

acadêmico. Pessoas dizem umas coisas bonitas e algumas consideram tão interessante. Mas isto não serve para nada.

• P – *Continua ele: “da mesma maneira que o locutor de um chiste transmite um saber inconsciente que acerta em cheio no ouvinte, aquele que se tornava analista não poderia ‘passar’ a maneira como ele reinventa a psicanálise com palavras, ‘palavras de passe’, estruturadas como chiste?” (p. 16).*

Não concordo com nada disso, nem com que seja estruturado como chiste. Então, todos acham engraçado e o cara ‘passa’? O cara fez uma boa piada, portanto é um analista? Chico Anysio é analista? Quem faz isso, piada, é o Inconsciente, e não o analista. Analista, este, *sarta* fora. Um analista dirá com convicção: Estou me lixando para a psicanálise!

51

• P – *A preferência sexual por um dos sexos, sem entrada para outro sexo na vida cotidiana das pessoas, é para ser curada?*

Sim. Só que não se vai curar. Segundo minha definição de cura – o máximo de disponibilidade –, aquele que só tem um sexo está mal, é pobre.

• P – *Mas você também disse que não temos que gostar de tudo...*

Não tenho a disponibilidade para certas coisas – logo alguém precisava me curar. Entendamos que limitação sintomática é limitação sintomática, fica-se com ela ou não, escolhe-se. Estou muito bem com minhas limitações, mas se começarem a me impedir demais, há que brigar com elas.

Por enquanto, estão dando para o gasto. Não existe pessoa “curada”, Freud dizia isto com toda clareza. Se fôssemos disponíveis, transariamos até com poste, o que, aliás, deve ser interessante, ele dá a luz... Conheci uma pessoa que transava com árvores, ficava se roçando nelas. Eu achava aquilo lindo e imaginei se seria também capaz daquilo, mas não era. Vejam que estupidez. É preciso parar com esse negócio de “como não tenho competência, logo sou normal”. Sou incompetente mesmo. Achar que “quando não consigo, o outro é errado” é a tendência narcísica de todo imbecil – e qualquer um pode funcionar como imbecil a qualquer momento. Se não tenho competência, não consigo deslanchar, o outro é doente, é maluco – não, doente sou eu: minha limitação é minha limitação. Uma vez, um rapaz estrebuchava diante de mim porque alguém do mesmo sexo que o dele tentou comê-lo. Ele tinha ataques e dizia que jamais faria aquilo. Propus-lhe um teste perguntando: diante uma velha caquética e de um garoto lindo, com qual você transaria? Para ele topar a velha seria difícil, ele teria que ter uma estrutura de tesão muito especial. Ele não tinha, gostava das meninas – logo, seria só virar de costas que ficaria parecido.

• P – *Uma aluna, em aula, me perguntou por que os namorados gostam de comê-la por trás...*

Não só gostam de comer por trás como gostam de comer atrás. Isto nada tem a ver com homossexualidade, e sim com o fato de que a história dos mamíferos é por trás, sempre foi. A espécie humana é que inventou esse troço pela frente – que, aliás, nem encaixa muito bem... Ou seja, a filogênese, é por trás e se a espécie humana inventou a cópula pela frente por uma questão de cara a cara, é de se perguntar se não foi em função da invasão do Secundário. Esta é uma questão teórica como outra qualquer, pois podemos supor que o Secundário tenha forjado isso.

• P – *Do ponto de vista evolutivo, o desenvolvimento da bunda era um sinal para chamar a atenção do macho.*

Nos animais de laboratório – ratos, coelhos, etc. – a prática homossexual se denota pela *lordose*: eles levantam a bundinha para o outro, seja macho

ou fêmea. No caso de nossa espécie, observem que as fêmeas tentam erotizar o outro pela bunda. Em qualquer show, em qualquer *striptease*, viram logo o rabo. Observem também a comoção – mesmo aqui entre nós – ante o reconhecimento de um fato bruto da chamada natureza. Começamos a dizer sandices procurando justificativas. É preciso ver a neura que carregamos a vida inteira quanto aos temas mais aguçados dos movimentos desejantes. Há uma neura segurando isso. É preciso pensar sobre essa neura sempre que um analista não puder tratar de qualquer tema à vontade ou, se não estiver à vontade, pelo menos tratar de propósito. Como lidar com o outro e tentar alguma cura se sua própria análise está assim? Nossa limitação em análise também existe por causa de nossa neura nesses lugares. Ficamos procurando justificativa quando e onde não tem, quando é assim que funciona, ponto. A falta de entendimento do caso se deve muito às nossas esperanças de que a coisa esteja funcionando. Há sempre que desconfiar do que supomos estar fazendo em análise como cura porque, na maioria dos casos, é mentira. É *wishful thinking* quase o tempo todo.

52

Há pouco, conversava sobre os **autistas**. E sobre certas mulheres com fúrores curativos – como há os fúrores pedagógicos, os uterinos, etc. –, que ficam querendo *curar* os autistas. Não curarão. Autista tem uma gradação, alguns têm mais, outros têm menos, mas algo não está instalado, alguma formação não teve instalação. Aí ficam dando vexames escrevendo sobre “a mãe que não desejou seu filho”, quando pode ser que tenha mesmo desejado demais... Nada a ver. É loucura de analista pensar que a psicanálise tem que resolver tudo. Ela não resolve. Ela resolve o que resolve, o que não resolve, não resolve. Alguém não tem uma perna, e vamos analisar sua falta de perna? Analisar

hipoglicemia, dor de dente – o nome disto é doença mental. A psicanálise não tem recurso algum fora do Secundário. Ela pode no máximo tentar atingir as formações Primárias via Secundário. Pode-se tentar, sim, intervir quando se é *analisado*. É melhor que um autista esteja com alguém bem analisado do que com uma besta do ponto de vista analítico. Mas há que ser bem analisado para não tentar analisar aquilo.

Foi relatado aqui em nossa Oficina Clínica o caso de um autista que, ao se despedir da sessão com o analista, disse: “Te amo”. O analista achou que fosse indício de cura, mas, quando autista faz isto, há que desconfiar, pois ele está robotizando algo que viu. O autista é alguém que entende bem nossa teoria do conhecimento, a Gnômica, pois ele funciona parecido com ela. É transa de formações com formações, não há ninguém ali. A única coisa que ele tem diferente de mim é que *ele* não está presente: as formações estão transando, mas a formação *quem* ele não consegue achar.

- P – *Ele tem dificuldade de administrar o jogo das formações dele?*

Não. Dificuldade, temos nós, ele não tem nenhuma. Alguns, são brilhantes. Os Asperger, por exemplo.

- P – *Refiro-me às suas tarefas do cotidiano.*

Tarefa, ele administra, o que não administra é transa com pessoas, é difícil para ele. Tarefas, ele faz, a não ser que, além de autista, seja débil mental. Há autistas brilhantes, leves. Mozart, por exemplo, tem uma obra enorme, todos acham uma coisa divina, maravilhosa. É bonito. No entanto, acho que é puro autismo. Alguém que faz quarenta sinfonias que, para mim, são quase a mesma? Ficamos deslumbrados com a resultante do troço, mas se pensarmos na produção, veremos que é deste tamanho. Tomem um Beethoven, músico de gênio completo, presente, sabendo o que está fazendo. Ele demonstra numa partitura que é capaz de fazer uma obra genial, lindíssima, com algo pequenininho. Parece Stephen Wolfram falando dos autômatos celulares. Entendemos o que diz, pois, após a análise formal de uma sonata ou sinfonia típica de Beethoven, vemos que se trata de um algoritmo. Mozart fazia isso a rodo. Salieri, que era “normal”, ou seja, histérica, ficava puto, mas aquilo é uma bobagenzinha: um algoritmo rende à beça. Ao dizer “Haver

desejo de não-Haver”, isso vai longe... Posso falar mais dez ou vinte anos sobre isto, pois é um algoritmo. Portanto, não fiquemos deslumbrados.

- P – *A respeito do autismo leve, há pessoas que fazem provas de vestibular para várias universidades e passam em todas.*

Se não tivermos uma boa percentagem de *metanoia*, ficamos mais burros. A maioria dos estudantes tem dificuldade com matemática, por exemplo. É excesso de *paranoia*, pois entre eles e a matemática há pessoas. Alguém que lida diretamente com a matemática, acha aquilo simplicíssimo. Sempre que, entre nós e o mundo, colocamos outra pessoa, estamos no regime da neurose ou da psicose, pois estamos intermediando o mundo. E se intermediarmos o mundo na relação com a matemática, nos perderemos. Vamos ter emoções com uma série infinita? Mas há também pessoas tipo Freud e outros que são quase que igualmente parana e meta. Jogam bem dos dois lados.

- P – *Lacan?*

Lacan disse que era um histérico quase sem sintomas. Freud era obsessivo com sintomas visíveis.

- P – *Alguns dizem que Lacan não conseguia ficar perto de uma pessoa mais de meia hora.*

O que é uma sabedoria: as pessoas geralmente enchem o saco. Já mediram a presença pesada de alguém? Mas Lacan ficava mais de meia hora quando a pessoa era uma linda judia magrela.

Sobre o Autor

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

Psicanalista.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NovaMente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (work in progress) em SóPapos e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.

Ensino de MD Magno

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.
2. 1976/77: *Marchando ao Céu*
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.
3. 1977/78: *Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa*
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 3ª ed., 220 p.
4. 1978: *Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.
5. 1979: *O Pato Lógico*
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 252 p.
6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.
7. 1981: *Psicanálise & Polética*
Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.
8. 1982: *A Música*
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 329 p.
9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 2ª ed., 264 p.

10. 1984: Escólios

Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: Grande Ser Tão Veredas

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos

Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Juízo Final

Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: Est’Ética da Psicanálise (Parte 2)

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: Pedagogia Freudiana

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: A Natureza do Vínculo

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 310 p.

21. 1995: Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 264 p.
22. 1996: “Psychopathia Sexualis”
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: Comunicação e Cultura na Era Global
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 224 p.
26. 2000: “Arte da Fuga”
Publicado em: Revirão 2000/2001. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito
Publicado em: Revirão 2000/2001. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2014. 158 p.
35. 2009: Clownagens
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2012. 210 p.
36. Falatório [a sair]
37. SóPapos 2011
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015. 220 p.
38. SóPapos 2012 [a sair]
39. SóPapos 2013
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015. 214 p.
40. Razão de um Percurso
(Conferências Simplórias 2013, para divulgação da Nova
Psicanálise, realizadas na Universidade Candido Mendes)
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015.
41. SóPapos 2015 [a sair]
42. SóPapos 2016 [em curso]

Obra Literária

1. *Oferta do Meu Mistério*

Livro composto e reproduzido pelo autor (mimeografado). Rio de Janeiro, 1966.

2. *Aboque/Abaque: Crestomatia*

Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974. 200 p.

3. *Sebastião do Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro / Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1978. 142 p.

4. *CantoProLixo*

Aoutra editora / Matias Marcier, 1985. 90 p.

5. *Kaluda* (O Nando e Eu)

Letras, Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), edição especial, jan/jul 1995, p. 254-285. Republicado em: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) Filosofia: por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 29-50. Terceira publicação: *Et Cetera*: Revista de Literatura e Arte, n. 3, março 2004, p. 170-177. Curitiba: Travessa dos Editores. ISSN 1679-2734.

6. *S'Obras* (1982-1999)

Coletânea de poemas. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002. Editada por Fábio Campana, com coordenação gráfica e editorial de Jussara Salazar.

Este livro foi composto nas fontes
Amerigo BT, Garamond ITC Bold BT e Times New Roman
e impresso em agosto de 2015 pela AlphaGraphics Guanabara
sobre papel offset 80 g/m².